



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E  
MATEMÁTICA

JOANNA ANGÉLICA MELO DE ANDRADE

**FAMÍLIA E HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS: UM ESTUDO SOBRE A PESSOA  
COM DEFICIÊNCIA EM UM CURSO DE LICENCIATURA EM BIOLOGIA**

São Cristóvão  
Fevereiro de 2018

JOANNA ANGÉLICA MELO DE ANDRADE

**FAMÍLIA E HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS: UM ESTUDO SOBRE A PESSOA  
COM DEFICIÊNCIA EM UM CURSO DE LICENCIATURA EM BIOLOGIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do título de mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alice Alexandre Pagan

São Cristóvão

Fevereiro de 2018

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

A553f Andrade, Joanna Angélica Melo de  
Família e habilidades socioemocionais: um estudo sobre a  
pessoa com deficiência em um curso de licenciatura em biologia /  
Joanna Angélica Melo de Andrade ; orientador Alice Alexandre  
Pagan. - São Cristóvão, 2018.

167 f.; il.

Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) -  
Universidade Federal de Sergipe, 2018.

1. Educação inclusiva. 2. Estudantes deficientes. 3.  
Convivência. I. Pagan, Alice Alexandre orient. II. Título.

CDU 376

## DEDICATÓRIA

Ao meu irmão, Marcus Vinícius, que é o “muso inspiração” desse e outros projetos no caminho da Educação Inclusiva.

A minha mãe, Damiana, por ser minha maior incentivadora, a ponto de acreditar mais em mim do que eu mesma.

Tudo que fizer nessa vida é por vocês, e para vocês!

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por presentear-me com a vida e dar-me a oportunidade de vivenciar tantas momentos felizes, assim como dar-me forças para superar os difíceis na certeza que sempre terei uma nova chance, um novo recomeço. Sinto sua presença constante em minha vida.

À minha família, em especial minha mãe e meu irmão, por serem a base da minha vida, por estarem comigo em todos os momentos e por me ensinarem a cada dia a ser um alguém melhor, através da resignação e amor constantes em nosso dia-a-dia. Amo vocês infinitamente!

Ao meu pai, Paulo, minhas irmãs, Paula e Talita e aos meus sobrinhos, Caio, Igor e Cauet. Apesar de não estarmos próximos fisicamente, trago-os sempre em meu coração! Amo vocês!

À minha orientadora, Alice Alexandre Pagan, por ter acolhido com carinho a ideia de trabalhar com a Educação Inclusiva, por todas as orientações, sugestões, e profundos ensinamentos. Seu olhar sensível e suas ponderações oportunas, foram essenciais para o desenvolvimento da nossa pesquisa. Muito obrigada!

Às professoras Rita de Cácia e Yzila Maia de Araújo, por estarem comigo neste momento muito antes do aceite em compor a banca de avaliação deste trabalho. As sugestões e colocações recebidas serão de grande valia para esta pesquisa.

Agradeço às professoras Elizamar Ciríaco, Aline Nepomuceno e Claudiene Santos, que tenho um carinho especial desde a graduação e que indiretamente me auxiliaram neste momento com conselhos e boas conversas.

Às minhas eternas veteranas, Aline e Márcia, lembro-me bem do primeiro dia que nos encontramos, o que não sabia, é que vocês se tornariam pessoas tão queridas em minha vida. Obrigada por todos os conselhos, auxílios e por me ensinarem com o exemplo de perseverança!

À todos os amigos que fazem parte do grupo pesquisa LHUMEN, Tayse, Fabrícia, Messias, Guilherme, Clécia. Alguns eu tive a oportunidade de conviver mais um pouco, mas todos são importantes nesse processo de construção de conhecimento.

Agradeço a todos os docentes do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática por terem colaborado tanto ao longo desse percurso.

Aos amigos queridos que ingressaram comigo na turma de mestrado de 2016. Que ano maravilhoso foi o que podemos conviver diariamente, quão bom e produtivo eram nossos

cafezinhos nos intervalos e finais de aula. Com muito orgulho digo que tive o prazer de fazer parte da melhor turma que já passou pelo PPGCIMA! De modo especial, destaco meu carinho por Rubiana, Tássia, Aleilson, Berg, Denny, Dane, Ortência, Terezinha, Tati, Josi, Riva, Cristiano, Kley, Henrique, Gleyson. Vocês são especiais pra mim!

Por fim agradeço as amigas de longa data, Valéria, Sofia, Luana, Luana (prima), Ioná, Carol, Letícia e Shirlane, por compreenderem minhas ausências e me auxiliarem a extravessar as tensões advindas da vida de mestrandia. Vocês também são importantes nesse processo!

A todos vocês, pessoas queridas, que fazem parte da minha vida, agradeço imensamente por tudo que fizeram e fazem por mim! Afinal, que graça teriam as conquistas da vida se não tivéssemos com quem compartilhá-las!

**OBRIGADA!**

“ Eu não pedi pra nascer  
Eu não nasci pra perder  
Nem vou sobrar de vítima  
Das circunstâncias

Eu tô plugado na vida  
Eu tô curando a ferida  
Às vezes eu me sinto  
Uma mola encolhida”

Música “Toda forma de amor” (Lulu Santos) em homenagem a Tétis.

## RESUMO

A Educação Inclusiva refere-se à responsabilidade do governo e das instituições de ensino de cada país com a formação e qualificação das crianças e jovens com deficiência, respeitando os diversos tipos de diferenças. Nesse processo de inclusão, três fatores são importantes, além das ações governamentais: 1) as habilidades socioemocionais (HSE) dos estudantes, que lhe garantirão possibilidades de inovação inclusiva e 2) a família, que desempenha papel importante, pois é no lar onde ocorre as primeiras relações interpessoais e por consequência onde o aprendizado começa, e também a formação dos professores que ao estarem mais preparados e dispostos a auxiliar no processo de inclusão podem auxiliar aos alunos com deficiência nesta fase importante de suas vidas. As HSE quando conduzidas adequadamente, preparam o indivíduo para buscar o que deseja, resolver situações cotidianas, discernir comportamentos e decisões, estabelecer metas, entre outras posturas que colaboram para o seu crescimento pessoal, assim como da sua comunidade. Contudo, por vezes, no intuito de proteger e cuidar da pessoa com deficiência, a família acaba por criar impasses que dificultam o desenvolvimento de determinadas competências e habilidades importantes para a vida em sociedade. Diante do exposto delimitamos como objetivo geral identificar e descrever as HSE de uma licencianda com deficiência do curso de licenciatura em biologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), compreendendo possíveis influências da família dessa aluna na construção destas habilidades. Esta é uma pesquisa de natureza exploratória, com abordagem qualitativa realizada através do método estudo de caso único. Ela ocorre no Departamento de Biologia (DBI) da UFS e como sujeitos da pesquisa temos uma aluna com deficiência devidamente matricula, um familiar da aluna (mãe), uma professora no curso e a intérprete de Língua Brasileiras de Sinais (LIBRAS), conferindo um total de quatro sujeitos. Para a coleta de dados utilizamos a entrevista semiestruturada e para a análise dos mesmo, adotamos a Análise Textual Discursiva proposta em Moraes e Galiazzi (2014). Os resultados apontam que a família da licencianda consultada atua equilibrando suas influencias entre o incentivo e a superproteção, havendo também relatos de algumas cenas de preconceito, advindos de parentes de fora do núcleo familiar. Dentre seus familiares sua mãe, parece ser a maior motivadora, e isto pode ser um dos fatores que colabora para a autonomia da aluna ao longo de seu processo de inclusão. Quanto à inclusão na universidade as entrevistadas relatam algumas dificuldades, que se transformam em barreiras, como o preconceito e a resistência de alguns colegas e professores ao longo do curso, contudo estas barreiras foram e estão sendo transpostas pela aluna, e a isto podemos relacionar algumas HSE identificadas, como autonomia, autorregulação, perseverança, organização, autocontrole e responsabilidade, as quais foram e estão sendo desenvolvidas tanto devido a influência do contexto familiar, quanto da própria vida acadêmica. Consideramos, portanto, que a família exerce influência na construção de HSE da licencianda, e que estas HSE estão intimamente ligadas ao desenvolvimento da aluna ao longo do processo de inclusão, e posterior formação.

**Palavras-chave: Educação Inclusiva. Inclusão no ensino superior. Relações familiares. Habilidades Socioemocionais (HSE).**



## ABSTRACT

Inclusive Education refers to the responsibility of the government and educational institutions of each country for the training and qualification of children and young people with disabilities, respecting the different types of differences. In this process of inclusion, two factors are important in addition to government actions: 1) the students' socio-emotional abilities (HSE), which will guarantee possibilities for inclusive innovation; and 2) the family, which plays an important role, the first interpersonal relationships and therefore where learning begins. HSE, when conducted properly, prepares the individual to seek what he desires, to solve daily situations, to discern behaviors and decisions, to establish goals, among other positions that collaborate for his personal growth, as well as his community. However, sometimes, in order to protect and care for the disabled, the family eventually creates impasses that hinder the development of certain skills and abilities important to life in society. In view of the above, we outline the general objective of identifying and describing the HSE of a licensee with a disability in the biology course at the Federal University of Sergipe (UFS), understanding possible influences of the student's family in the construction of these skills. This is a research of exploratory nature, with qualitative approach performed through the single case study method. It takes place in the Biology Department (DBI) of UFS and as subjects of the research we have a disabled student with proper enrollment, a relative of the student (mother), a teacher in the course and the interpreter of Brazilian Language of Signals (LIBRAS), conferring a total of four subjects. For the data collection we used the semi-structured interview and for the analysis of the same, we adopted the Discursive Textual Analysis proposed in Moraes and Galiuzzi (2014). The results indicate that the family of the licensee consulted acts to balance their influences between the incentive and the overprotection, and there are also reports of some scenes of prejudice, coming from relatives outside the family nucleus. Among her relatives, her mother seems to be the greatest motivator, and this can be one of the factors that contributes to the autonomy of the student throughout the process of inclusion. As for inclusion in the university, the interviewees report some difficulties, which become barriers, such as the prejudice and resistance of some colleagues and teachers throughout the course, however these barriers were and are being transposed by the student, and to this we can relate some HSE identified, such as autonomy, self-regulation, perseverance, organization, self-control and responsibility, which have been and are being developed both due to the influence of the family context and the academic life itself. We consider, therefore, that the family exerts influence in the construction of HSE of the licensee, and that these HSE are closely linked to the development of the student along the process of inclusion, and later formation.

**Keywords: Inclusive Education. Inclusion in higher education. Family relations. Socioemotional Skills (HSE).**



**FAMÍLIA E HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS: UM ESTUDO SOBRE A PESSOA  
COM DEFICIÊNCIA EM UM CURSO DE LICENCIATURA EM BIOLOGIA**

































































































## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Relação entre as habilidades relevantes na formação docente e às HSE -----  
----- 34

Quadro 2: Dissertações realizadas em Sergipe com as temáticas, inclusão, família e habilidades --35

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1- Mapa conceitual que representa a circularidade nas relações estabelecidas entre Tétis e seus familiares ----- 58

Figura 2 - Mapa conceitual sobre as habilidades socioemocionais que são construídas ao longo da vivência acadêmica de Tétis ----- 85

## LISTA DE SIGLAS

|          |  |
|----------|--|
| ATD      | Análise Textual Discursiva                                       |
| CAPES    | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior      |
| CCET     | Centro de Ciências Exatas e Tecnologia                           |
| DAA      | Departamento de Administração Acadêmica                          |
| DAIN     | Divisão de Ações Inclusivas                                      |
| DBI      | Departamento de Biologia   |
| DA       | Deficiência Auditiva   |
| DI       | Deficiência Intelectual  |
| DV       | Deficiência Visual   |
| HSE      | Habilidades Socioemocionais                                      |
| IES      | Instituição de Ensino Superior                                   |
| LHUMEN   | Laboratório de Humanização do Ensino                             |
| LIBRAS   | Língua Brasileira de Sinais                                      |
| MEC      | Ministério da Educação   |
| NUPIEPED | Núcleo de Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência |
| OCDE     | Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico         |
| PAAF     | Programa de Ações Afirmativas                                    |
| PcD      | Pessoa com deficiência   |
| PCN      | Parâmetros Curriculares Nacionais                                |
| PPGECIMA | Programa de pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática     |
| RN       | Recém-nascido  |
| ROP      | Retinopatia de prematuridade                                     |
| TCC      | Trabalho de conclusão de Curso                                   |

## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| APRESENTAÇÃO .....  | 17  |
| INTRODUÇÃO .....  | 19  |
| CAPÍTULO 2: Inclusão no ensino superior: Habilidades Socioemocionais e família .....  | 23  |
| 2.1. Relação família e filhos com deficiência .....                                   | 24  |
| 2.2. Inclusão no ensino superior .....  | 26  |
| 2.3. Habilidades socioemocionais em foco .....  | 29  |
| 2.4. Habilidades socioemocionais na formação de professores de ciências .....         | 33  |
| CAPÍTULO 3: Delineamento Metodológico .....   | 40  |
| 3.1. Características da pesquisa.....   | 41  |
| 3.2. Coleta dos dados .....   | 42  |
| 3.3. Sujeitos da pesquisa.....  | 43  |
| 3.4. Realização das entrevistas .....   | 45  |
| 3.4. Tratamento dos dados .....   | 46  |
| CAPÍTULO 4: Resultados e discussão .....  | 47  |
| 4.2. A influência das relações familiares ao longo da história de vida de Tétis ..... | 48  |
| 4.3. Vida acadêmica de Tétis .....  | 59  |
| 4.4. Indicadores das habilidades socioemocionais de Tétis.....                        | 73  |
| CAPÍTULO 5: Considerações e perspectivas .....  | 87  |
| REFERÊNCIAS .....   | 92  |
| ANEXO A: PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA .....   | 99  |
| APÊNDICE A: TCLE .....  | 103 |
| APÊNDICE B: OFÍCIO DBI .....  | 106 |
| APÊNDICE C: OFÍCIO DAA.....   | 108 |
| APÊNDICE D: ROTEIROS DAS ENTREVISTAS .....  | 110 |
| APÊNDICE E: <i>CORPUS</i> DAS ENTREVISTAS .....                                       | 118 |



## APRESENTAÇÃO

A Biologia foi uma disciplina que sempre me encantou na época da escola, e por meio dela entrei em contato com outra área que também despertou meu interesse, a área da saúde em especial, a enfermagem. Essa tendência me levou no ano de 2010 a ingressar no curso de licenciatura em biologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), embora meu desejo inicial fosse migrar para o curso de enfermagem, pois apesar de gostar da área, a ideia de ser professora me assustava.

No ano de 2012 prestei vestibular para enfermagem, sem sucesso. Hoje consigo ver que foi o melhor que deveria ter acontecido nesse momento de minha vida. Aproximadamente nesse período comecei a ter disciplinas voltadas a educação e ao ensino, a ideia de mudar de curso foi ficando cada vez mais distante.

Em 2013 fui chamada para estagiar no Laboratório de Fisiologia Vegetal e a partir de então comecei a me apaixonar pelo mundo acadêmico e, ainda mais, pela biologia. Nesse momento pude me enxergar como pesquisadora e iniciar minha carreira científica.

No ano 2014 fui convidada por outra professora para estagiar no projeto “Sala Verde”, direcionado a educação ambiental e na mesma época fazia estágio obrigatório de regência de classe, no qual pude aprofundar meu contato com a licenciatura e por definitivo acabar com as dúvidas quanto a exercer a profissão docente.

Em 2015 chegou o momento de pensar na monografia, e desde que fui “vencida” pela licenciatura não me restavam dúvidas de que trabalharia no meu TCC com a Educação Inclusiva, e de que essa seria a área da docência que eu gostaria de seguir dali por diante, inclusive trazendo-a para a pós graduação no Ensino de Ciências e Matemática, onde me encontro agora.

Essa escolha pela Educação Inclusiva toca em um motivador pessoal, o meu irmão, Marcos Vinícius. Vinícius, devido a complicações no momento do parto, nasceu uma criança com deficiência intelectual (DI) e após alguns anos, foi diagnosticado também com esquizofrenia.

Avalio que ao longo do seu desenvolvimento pessoal, social e cultural, em vários momentos, minha mãe e eu, mesmo que de modo não intencional, o privamos de desenvolver algumas competências sociais e emocionais que lhe garantiriam maior independência interpessoal. Hoje ele é um adulto dependente.

Quando o tolhemos de desenvolver suas habilidades não estávamos pensando em fazer-lhe mal, muito pelo contrário, queríamos protegê-lo e o defender de tudo e de todos, sem ao

menos considerar e refletir que se lhe fossem dadas possibilidades ele também poderia fazer isso por si mesmo.

Diante de meu próprio exemplo, destaco que por vezes, no intuito de proteger e cuidar da pessoa com deficiência a família acaba por criar impasses que dificultam o desenvolvimento de determinadas competências e habilidades importantes para a vida em sociedade. Entretanto, por outro lado, também há famílias que têm sido imprescindíveis para o empoderamento da pessoa com deficiência.

Essas questões nos provocam a analisar a relação entre a família e o desenvolvimento dos alunos com deficiência. Uma relação que tem sido evidenciada em trabalhos que se referem à escolarização em níveis de educação básica (PAMPLIN, 2005; RESENDE, FERREIRA E ROSA, 2010; ALMEIDA, 2012; GUARINELLO ET AL., 2013), mas que precisa ser ampliada para o Ensino Superior, especialmente devido ao grande número de pessoas com deficiência, que ingressaram neste nível de ensino a partir das políticas afirmativas. Para entender melhor essa relação trazemos como aporte teórico a visão das habilidades socioemocionais (HSE), abordagem que está ainda em construção, contudo que visa compreender o indivíduo e suas potencialidades de uma forma mais holística, considerando fatores afetivos internos e externos ao seu desenvolvimento.

# **INTRODUÇÃO**

Como política pública a Educação Inclusiva refere-se à responsabilidade do governo e das instituições de ensino de cada país com a formação e qualificação das crianças e jovens, com deficiência, de modo que proporcione à construção de conhecimentos e valores no decorrer do processo de ensino-aprendizagem, respeitando os diversos tipos de diferenças (GLAT, 2007).

É importante salientar que a inclusão vem sendo estudada na educação básica mais assiduamente, contudo quanto ao ensino superior as pesquisas ainda são escassas, devemos considerar também, que por ser um nível de ensino que exige mais autonomia do aluno, a educação inclusiva nas universidades pode apresentar algumas dificuldades que a ela são singulares (VARGAS, 2006).

Fernandes (2014, p. 50) destaca que “apesar do ingresso no ensino superior ser um direito, inúmeras são as barreiras enfrentadas pelas pessoas com deficiência”. Dentre estas barreiras podemos citar como principais as de caráter arquitetônico e pedagógico. As de caráter arquitetônico estão relacionadas a estrutura física das Instituições de Ensino Superior (IES) o que torna difícil a acessibilidade da pessoa com deficiência (PcD) (SANTOS, 2012). As de caráter pedagógico faz referência principalmente a metodologia dos professores frente dos diversos tipos de deficiência dos alunos, visto que estes docentes não receberam uma formação que contemple esta nova demanda, e apresentam por consequência uma didática pautada na transferência de informação, o que dificulta a aprendizagem da PcD (VARGAS, 2006).

Conforme Marques (2001), para que a inclusão se concretize é necessário o trabalho intensivo das escolas e universidades, o que significará uma verdadeira transformação na dinâmica educacional como um todo. O que favorece a construção de uma sociedade mais ética e igualitária, ao considerar as diversidades existentes, não mais como um obstáculo a ser superado, mas sim como um fator essencial para o estabelecimento de relações interpessoais mais profundas e positivas. É nesse sentido que Glat afirma que a inclusão trata-se de “um processo espontâneo e subjetivo que envolve direta e pessoalmente o relacionamento entre seres humanos” (GLAT, 1998, p. 16).

As relações interpessoais e a aprendizagem de uma pessoa começam no lar, sendo necessário, portanto, a educação tanto advinda da família, como da escola estabelecerem novas configurações, que ofereçam respostas plausíveis às necessidades dos alunos de diferentes graus de ensino. Para tanto, mister se faz um olhar cuidadoso para compreender o mundo, as políticas públicas e principalmente os relacionamentos entre as pessoas, tornando-se assim, educar, uma tarefa complexa e que implica em grande empenho de todos (DEL PRETTE, 2007).

Um dos caminhos para ir ao encontro desta proposta é observar e compreender as habilidades socioemocionais (HSE) que os alunos apresentam, e segundo Del Prette (1999), este tema não é indiferente a pesquisadores, professores, pais e alunos.

HSE, quando conduzidas adequadamente, capacitam os discentes para torná-los autônomos e protagonistas de sua própria aprendizagem. Estas habilidades os preparam para buscar o que necessitam e desejam, resolver situações cotidianas, discernir nas tomadas de decisões, estabelecer metas, entre outras posturas que colaboram para o seu crescimento pessoal, assim como da sua comunidade (INSTITUTO AIRTON SENNA, s. d.).

No caso da perspectiva inclusiva, podem auxiliá-los a promoverem inovações inclusivas. Para Santana (2017, p. 24) a inovação inclusiva no contexto educacional é considerada “como um produto ou processo desenvolvido por um discente, a partir de suas singularidades, visando ampliação de suas possibilidades de desenvolvimento em um contexto educacional”.

Dessen e Polonia (2007) alegam que para o crescimento e aprendizagem das pessoas, a família e a escola são consideradas fundamentais e podem comportarem-se tanto como inibidoras como impulsionadoras do desenvolvimento do ser humano de modo integral, envolvendo seus aspectos físico, social e emocional.

Seguindo este viés, Del Prette (2001, p. 48) esclarece:

A vida familiar se estrutura sobre vários tipos de relações (marido-mulher, pais-filhos, entre irmãos e parentes) com uma ampla diversidade de demandas interpessoais. O desempenho das habilidades sociais para lidar com elas pode ser uma fonte de satisfação ou de conflitos no ambiente familiar. Dada a inevitabilidade de conflitos, o caráter saudável de muitos deles depende da forma de abordá-los e resolvê-los, o que remete, em última instância, à competência social dos indivíduos.

Del Prette (2001), que pesquisa habilidades sociais no Brasil, relata que os pais conseguem identificar com facilidade um comportamento que perturba e quebra as regras, se comparado aos comportamentos desejáveis, assim reprimindo-os e punindo-os. Essa postura geralmente produz resultados pouco efetivos e paliativos, que podem gerar sentimentos negativos, como raiva, abatimento e revolta. Segundo ela, o entendimento das habilidades sociais, faz-se importante para a busca do equilíbrio entre “[...] os objetivos afetivos imediatos e os objetivos à médio e longo prazo, de promover o desenvolvimento integral dos filhos e prepará-los para a vida” (DEL PRETTE, 2001, p. 52).

O olhar sobre o curso de Biologia, nos leva um pouco além, pois esta interferência da família pode repercutir de modo negativo ou positivo durante o processo de inclusão e formação dos futuros professores, o que pode gerar algumas consequências e impactos para a vida social e profissional desses discentes.

Desta forma, estabelecer a relação entre família e o desenvolvimento das HSE dos licenciandos com deficiência no curso de Biologia faz-se importante, uma vez que estes estão se preparando para atuar no mercado profissional como professores, e essa relação pode trazer consequências durante o processo de formação destes futuros profissionais, bem como, em suas práticas docentes nos ambientes de trabalho.

Dentro deste contexto Marandino (2005) esclarece que não é recente a busca por compreender as variáveis e dificuldades envolvidas na atuação dos docentes, mas para melhor compreendê-las devemos direcionar o olhar para as origens destas variáveis e dificuldades. Corroborando com este pensar Tardif (2011) considera que a formação do professor e os saberes inerentes a ela são plurais, isto é, são advindos e influenciados por diversas fontes, que provavelmente apresentam naturezas distintas. Uma das principais fontes apontadas pelo autor é a história de vida dos docentes: o contexto social, cultural e familiar ao qual estão inseridos. Diante de tal assertiva nos debruçamos em compreender a influência e importância da família para a formação e desenvolvimento do futuro professor de biologia que apresenta algum tipo de deficiência singular.

Posto isto, estabelecemos os seguintes questionamentos: Quais HSE são identificadas na licencianda com deficiência do curso de Biologia da UFS? E como a família tem influenciado na construção destas habilidades?

Estas indagações nos levam ao objetivo geral desta pesquisa, compreender as percepções e influências da família no desenvolvimento das HSE de uma licencianda com deficiência do curso de ciências biológicas da Universidade Federal de Sergipe durante seu processo de inclusão. Como objetivos específicos, pretendemos: descrever as HSE da licencianda com deficiência do curso de Biologia da UFS; contextualizar as HSE descritas com a história de vida da licencianda, compreender o papel da família na construção dessas HSE e compreender o processo de inclusão da licencianda.

Esta pesquisa foi estruturada em cinco capítulos, sendo este o primeiro, que traz uma introdução acerca dos temas abordados; no segundo apresentamos a fundamentação teórica, visando articular os conceitos HSE e inclusão na tentativa de compreender possíveis indicadores de como a família pode agir sobre estes. No terceiro trazemos o caminho metodológico que seguimos para o diálogo com os objetivos. No quarto apresentamos os resultados e a discussão dos mesmos e, finalizando, no quinto capítulo com as considerações e perspectivas.

## **Capítulo 2 - Inclusão no ensino superior: Habilidades socioemocionais e família**

Neste segundo capítulo trazemos o aporte teórico acerca dos conceitos que são eixos norteadores desta pesquisa: inclusão no ensino superior, HSE e família, visando aproximações.

Para tal, iniciamos com a família, algumas de suas singularidades e seu papel no desenvolvimento da pessoa com deficiência (PcD). Na sequência trazemos um breve histórico da educação inclusiva no ensino regular, com ênfase no ensino superior. Prosseguimos com o conceito de (Habilidades Socioemocionais) HSE e como elas podem colaborar para a inclusão do aluno no ensino superior e na vida profissional.

## **2.1. Relação família e filhos com deficiência**

A família representa uma unidade social significativa na vida de uma pessoa uma vez que ela corresponde ao primeiro grupo que o indivíduo é inserido logo ao nascer. Nela ocorrem as primeiras relações pessoais, o que a torna uma unidade interdependente na medida em que os relacionamentos estabelecidos entre seus integrantes gerarão influências, seja de modo individual ou ao grupo como um todo (FIAMENGHI; MESSA, 2007).

Essas influências podem ser observadas tanto de forma positiva como negativa, mas o fato é que, a família representa uma instituição poderosa e exerce importantes papéis, sejam eles no âmbito do comportamento, da personalidade, da moralidade, do psicológico, da cultura e do social de um indivíduo (BUSCAGLIA, 2006).

A influência das relações familiares em seus membros fica mais evidente em famílias que apresentam filhos com deficiência, visto que receber um filho com alguma deficiência se torna uma experiência inesperada, que demandará mudanças de planos e expectativas dos pais e demais familiares (FIAMENGHI; MESSA, 2007).

Lopes, Kato e Corrêa (2002) ressaltam que é natural durante o período de gestação que os pais desejem receber um filho saudável, que não possua deficiência e que possa crescer como qualquer outra criança. Contudo os autores destacam que “quando esses mesmos pais se deparam com a realidade do filho desejado ter uma(s) deficiência(s), muitos sentimentos podem aflorar. As respostas a essa realidade, tanto sociais como familiares, podem ser desde a proteção excessiva até a rejeição” (LOPES; KATO; CORRÊA, 2002, p. 70)

Por conseguinte, para melhor compreender o papel da família no desenvolvimento da PcD, necessário se faz conhecer e entender o contexto socioemocional no qual a mesma está inserida, assim como as inter-relações nele construídas. Lima e Dessen (2001) consideram que para entender a dinâmica e funcionamento dessas famílias é importante estudá-la dentro de uma conjuntura social mais ampla.



Podemos notar que nas famílias que se constituem na relação com um membro que apresenta alguma deficiência, as influências exercidas e sofridas entre seus membros serão mais frequentes. Neste sentido Buscaglia (2006) destaca que qualquer mudança em um dos membros da família atingirá todos os outros. Ao considerar a família que tem um filho com deficiência observa-se que seus desafios são intensificados pelos muitos pré-requisitos advindos das particularidades inculcadas pela deficiência. Contudo,

Essa família pode atuar de uma forma bastante positiva como mediadora entre a sociedade em que seu filho terá de viver e o ambiente mais consciente e receptivo que ela pode lhe oferecer. Para isso, porém, cada membro da família deve adaptar seus próprios sentimentos em relação à deficiência e à criança deficiente. Toda a família deve entender que somente dessa forma ela poderá ajudar a criança a ajustar os seus sentimentos em relação à própria deficiência e por fim a si mesma, como uma pessoa completa. A importância do papel da família não pode ser minimizada, pois é neste campo de experiências seguro que os indivíduos deficientes primeiro aprenderão e comprovarão continuamente que, apesar de suas graves limitações, é-lhes permitido serem eles mesmos (BUSCAGLIA, 2006, p. 90).

Fiamenghi e Messa (2007) trazem um contraponto ao considerar que os pais podem ter dificuldades em educar seus filhos com deficiência, e salientam que essa dificuldade pode emergir da ideia equivocada de que seu filho é uma pessoa limitada e restrita em muitos aspectos, o que pode gerar uma educação e cuidados diferenciados entre estes filhos e os demais que não possuem deficiência. Os autores destacam também que essas crianças e adolescentes necessitam, assim como qualquer outra, de conceitos e limites essenciais para a vida em família e na sociedade. Dessa forma a família que possui filho com deficiência pode atuar como incentivadora de suas potencialidades ou como inibidora das mesmas.

A pesquisa de Ribeiro e Lima (2010) ressalta as inferências supracitadas ao trazer relatos sobre a história de vida de dois rapazes com deficiência que trabalham, são bem sucedidos e atribuíam à família grande parte dessas realizações, visto que seus familiares nunca os viram como limitados e sempre incentivaram seu desenvolvimento e autonomia. Os autores trazem também o contraponto, com a história de vida de outro rapaz que não recebeu esse incentivo, e suas limitações geraram uma superproteção por parte da família, resultando em dependência, uma vez que ele não sai de casa sozinho e depende financeiramente dos pais.

Diante destas premissas Silva e Dessen (2001, p. 140) discorrem sobre a importância da orientação sobre a deficiência, desde seu aspecto clínico até o social, para as famílias que possuem filhos com deficiência e ressaltam ainda que entender mais profundamente a dinâmica e funcionamento destas famílias “constitui um caminho promissor para a compreensão do desenvolvimento destas crianças e de sua adaptação ao meio”.

Isto posto notamos que a família é um elo importante na vida do indivíduo e quando devidamente orientada sobre como proceder frente a deficiência de seu filho, ela estará mais preparada para ajudá-lo ao longo do processo de inclusão, seja num círculo de amigos, na escola primária ou na universidade.

## **2.2 Inclusão no ensino superior**

A Educação Inclusiva, adotada como política pública, é uma medida relativamente antiga e o Brasil assumiu esse compromisso em 1990 ao assinar o acordo de construção de um sistema educacional inclusivo durante a Declaração Mundial de Educação para Todos em conferência da UNESCO. E, posteriormente, em 1994, quando se tornou signatário da Declaração de Salamanca. A partir de então ocorreram mudanças, que refletiram na legislação do país frente a esta nova demanda educacional (FERRARI; SEKKEL, 2007).

De acordo com Ferrari; Sekkel (2007 p. 641) “a concepção de educação inclusiva busca contemplar a atenção para as diferentes necessidades decorrentes de condições individuais (por exemplo, as deficiências), econômicas ou socioculturais dos alunos”.

Glat e Nogueira (2003) enfatizam que com a iniciativa da Educação Inclusiva no Brasil, grupos que antes eram marginalizados do sistema de ensino, passaram a ter seu potencial reconhecido e, por consequência, houve um aumento ao acesso à Educação para os mesmos.

Na Lei 13.146 de 2015, artigo 2<sup>a</sup>, do livro I

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (BRASIL, 2015, p. 8)

Este conceito nos leva a considerar que a oferta de oportunidades para a PcD, em condições iguais com as demais, não é suficiente para que ela possa obter êxito na participação da vida em sociedade. Sendo assim, ao abordar o processo de inclusão do aluno com deficiência trocaremos o termo igualdade por equidade de condições e direitos. Quando tratada com equidade a pessoa com deficiência passa a ter os recursos específicos e necessários frente a suas singularidades, para que ela obtenha resultados similares aos demais alunos. Seguindo este pensar, no documento intitulado Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2007, p. 1), encontramos que esta educação “avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola”.

Diante do exposto destacamos que a Educação Inclusiva tem como objetivo central garantir a participação do aluno com deficiência, preferencialmente, no ensino regular, o qual

deve se orientar para promover respostas às necessidades de cada aluno, para que este alcance uma aprendizagem efetiva (BRASIL, 2008).

No Estatuto da PcD, capítulo IV, artigo 27, encontramos que a educação é um direito garantido a esse público e deve ocorrer através de um sistema educacional inclusivo presente em todos os níveis de ensino de modo que estes alunos atinjam o maior desenvolvimento possível conforme suas particularidades, interesses e necessidades de aprendizagem (BRASIL, 2015).

Contudo, apesar de ser orientada a realizar-se em todos os níveis de ensino, “em se tratando do ensino superior a inclusão é uma discussão recente” (CASTANHO; FREITAS, 2006, p. 98). Quando um aluno com deficiência chega a Universidade, devido à falta de preparo destas entidades para recebê-los, algumas situações constrangedoras acontecem em sala de aula, as quais não chegam a ser levantadas nas discussões institucionais (FERRARI; SEKKEL, 2007).

Esses constrangimentos vão desde questões referentes a acessibilidade à questões pedagógicas. Com relação ao primeiro, alguns autores trazem os aspectos arquitetônicos, como a dificuldade do acesso ao banheiro, andares superiores e à biblioteca (MANZZONI, *et al.*, 2000; NUERNBERG, 2008; SANTOS, 2012). Quanto as questões pedagógicas, notamos como ponto central o despreparo metodológico e didático dos professores frente as singularidades do aluno com deficiência. Conforme Fernandes (2014), alguns professores não desenvolvem estratégias que alcancem o aluno com deficiência, deixando ao encargo de terceiros, como intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (Libras) a tarefa de passar o conteúdo a este aluno, mantendo-se muitas vezes afastados do relacionamento com ele, o que configura também uma barreira atitudinal. O profissional intérprete deve ter proficiência em Libras e sua função é traduzir o conteúdo da língua portuguesa para a Libras e vice versa, de forma que a pessoa com deficiência auditiva ou surdez possa comunicar-se com pessoas ouvintes (RODRIGUES, 2012). Com isto notamos que a tarefa de ensinar, não cabe a estes profissionais, mas sim ao professor, todavia muitos impasses ainda ocorrem principalmente devido ao despreparo dos docentes. Este despreparo dos professores está associado a uma lacuna na sua formação, que não abrangeu essa demanda social, que é a inclusão de alunos com deficiência (CORREA, 2016).

Visando amenizar estes déficits diante da realização da inclusão no ensino superior, a UFS elaborou, em 2008 documento intitulado Programa de Ações Afirmativas da Universidade Federal de Sergipe (PAAF), que foi criado “com o objetivo de ampliar o acesso, sem negligenciar as questões ligadas à diversidade e à permanência. Insere-se num panorama

contemporâneo mais amplo da necessidade de atenção às demandas sociais através de políticas públicas voltadas para ações afirmativas” (BRASIL, 2008, p. 2). Dentre estas ações, que entraram em vigor um ano antes, em 2007, está a reserva de percentual de vagas para alunos advindos de escolas públicas ou com baixa renda, negros, indígenas e pessoas com deficiência, para estes últimos cabe a Universidade o dever legal e moral de adequar o mecanismo de ingresso de forma que atenda as necessidades específicas decorrentes do tipo de deficiência (BRASIL, 2008).

Conforme dados cedidos pelo Departamento de Administração Acadêmica (DAA) da UFS entre os anos 2010 e 2016 ingressaram a universidade 360 alunos através das cotas para as pessoas com deficiência, e dentre os tipos mais expressivos estão as deficiências física, visual e auditiva com respectivamente 187, 65 e 35 alunos matriculados. Trazendo para o enfoque o curso de Ciências Biológicas, podemos verificar que nesse período ingressaram 10 alunos, sendo 7 na modalidade licenciatura e 3 em bacharelado.

Uma preocupação frente à educação inclusiva neste nível de ensino recai sobre a permanência e conclusão do aluno com deficiência, nesse sentido Castanho e Freitas (2006) alegam que não basta para o governo implementar ações que favoreçam o ingresso, mas também é fundamental que desenvolva medidas para a permanência e conclusão destes discentes.

Os dados do DAA podem nos revelar algo negativo nesse sentido, pois do total de alunos ingressantes, apenas 10 conseguiram concluir os cursos em tempo aproximado ao esperado. A partir de então podemos levantar alguns questionamentos como: o que ocorre ao longo da entrada e saída desse aluno? De quem seria a responsabilidade para tal fato? Como este fato poderia ser contornado?

Por enquanto, o que nos cabe é reconhecer que mesmo diante de suas limitações a UFS vem tentando superar estes déficits, sendo o PAAF um marco importante, que precede a criação da Divisão de ações Inclusivas (DAIN), setor cujo objetivo é orientar e dar apoio aos alunos com deficiência, assim como coordenar as ações desenvolvidas pelo Programa Incluir do MEC e pelo PAAF da UFS. Dentre as competências atribuídas ao DAIN se destacam a orientação aos professores e técnicos a respeito dos direitos acadêmicos dos alunos com deficiência e das adaptações pedagógicas necessárias; promoção de estratégias de acessibilidade pedagógica; fornecimento de equipamentos e serviços de tecnologia assistiva; sensibilização aos diversos setores da UFS quanto às questões de acessibilidade pedagógica, de comunicação, arquitetônica ou cultural (UFS, 2017). O Programa Incluir do MEC apresenta competências similares ao DAIN e seu principal objetivo é promover a inclusão de estudantes com deficiência, na

educação superior, garantindo condições de acessibilidade nas Instituições Federais de Educação Superior (MEC, 2017).

O documento orientador para o Programa Incluir, (BRASIL, 2013, p. 11) enfatiza:

A inclusão das pessoas com deficiência na educação superior deve assegurar-lhes, o direito à participação na comunidade com as demais pessoas, as oportunidades de desenvolvimento pessoal, social e profissional, bem como não restringir sua participação em determinados ambientes e atividades com base na deficiência. Igualmente, a condição de deficiência não deve definir a área de seu interesse profissional. Para a efetivação deste direito, as IES devem disponibilizar serviços e recursos de acessibilidade que promovam a plena participação dos estudantes.

Dentre as competências das Instituições de Ensino Superior (IES) para a promoção do pleno acesso e permanência do aluno com deficiência, se encontram a disponibilização de recursos e serviços, tais como o intérprete de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), equipamentos de tecnologia assistiva, matérias pedagógicas que atendam as necessidades específicas a cada tipo de deficiência, além de toda reorganização do espaço físico de modo que favoreça a acessibilidade arquitetônica, vale salientar que estas providências devem ser destinadas a todas atividades acadêmicas e administrativas (BRASIL, 2013).

Podemos observar que em termo de determinações legais o governo trás por intermédio da legislação, diretrizes e demais documentos oficiais, a base teórica que serve como arcabouço para a implantação da educação inclusiva no nível superior de ensino, contudo para que este processo seja efetivado é necessário romper uma importante barreira, o preconceito.

Ferrari e Sekkel (2007, p. 242) enfatizam que “o preconceito é um assunto imprescindível de ser considerado ao abordar o tema da educação inclusiva. As políticas, informações e orientações não são suficientes para a mudança de atitude dos educadores e dos alunos frente às minorias, seus alvos potenciais”. Ainda, segundo essas autoras, para amenizar tal situação torna-se necessário a adoção de medidas que visem sensibilizar a comunidade acadêmica sobre a importância da inclusão no ensino, assim como das consequências de sua má realização, e este trabalho deve iniciar na formação dos professores, sendo esta uma medida tão importante quanto o domínio dos conteúdos de sua área específica. Para que o professor tenha uma formação que contemple a inclusão de uma forma respeitosa e digna ao aluno que apresente uma ou mais deficiências é relevante o desenvolvimento de algumas habilidades-não cognitivas, também chamadas de HSE.

### **2.3 Habilidades socioemocionais em foco**

O conceito HSE surgiu no campo da formação profissional, ligado à psicologia (CORDEIRO et al., 2016), objetivando possibilitar aos trabalhadores melhores performances em suas atividades e posteriormente foi sendo introduzido ao campo da educação, onde encontrou terreno propício e seus requisitos básicos sendo direcionados para o bom desenvolvimento da aprendizagem do aluno, considerando-o como ser integral.

Quando falamos em HSE nos remetemos a um conceito ainda em construção, devido a sua origem e aplicação. Contudo se formos considerar sua essência, podemos compreender que apesar de uma nova roupagem, a ideia incutida nele é muito antiga, principalmente quando o analisamos do ponto de vista educacional, ao visar introduzi-lo nos currículos e práticas escolares. É nesse sentido que Abed (2014, p.13) alega que “embora não seja inédita nem tampouco nova [...], a ideia de construir uma escola voltada ao desenvolvimento integral do ser humano ainda pode ser considerada algo bastante revolucionário nos dias de hoje.”

A partir do ano 2003 surgiram as primeiras pesquisas realizadas em larga escala sobre a necessidade de introduzir nos currículos as habilidades não cognitivas, ou socioemocionais. Sendo assim, apesar da ideia de desenvolver a aprendizagem de modo integral ser antiga, as HSE como propulsora desse processo na educação é ainda um campo emergente (CORDEIRO et al., 2016).

Elas começaram a ganhar cada vez mais espaço na educação, quando se passou a considerar que o sucesso ou fracasso escolar não está relacionado apenas a habilidades cognitivas, mas também a HSE, e estas são frutos da interação social, associada a questões emocionais de cada indivíduo (PARANHOS et al, 2017).

Paranhos et al. (2016), relata ainda que não foi encontrado um significado preciso para o conceito HSE, todavia, perante os estudos desenvolvidos com habilidades sociais e inteligência emocional, que consideram as emoções imprescindíveis para a tomada de decisão a autora chega a uma aproximação do conceito HSE. HSE seriam, portanto: “uma capacidade reflexiva de lidar com as emoções e potencializar características ímpares do seu eu nas relações com o outro” (PARANHOS, et al., 2016, p. 7647).

Um marco para a discussão da introdução destas habilidades no contexto educacional brasileiro foi o encontro denominado “Fórum Internacional de Políticas Públicas - Educar para as competências do século 21”, que ocorreu em 2014 e reuniu governantes de diversos países que objetivou “compartilhar conhecimentos sobre HSE e refletir sobre possíveis alternativas para escolas, professores e pais melhorarem o contexto de aprendizagem e o progresso social” (ABED, 2014, p.14).

Para Santos e Primi (2014) as HSE podem ser classificadas em cinco grandes domínios da personalidade humana, os quais são denominados de *Big Five*. Ainda segundo estes autores:

Os *Big Five* são constructos latentes obtidos por análise fatorial realizada sobre respostas de amplos questionários com perguntas diversificadas sobre comportamentos representativos de todas as características de personalidade que um indivíduo poderia ter. Quando aplicados a pessoas de diferentes culturas e em diferentes momentos no tempo, esses questionários demonstraram ter a mesma estrutura fatorial latente, dando origem à hipótese de que os traços de personalidade dos seres humanos se agrupariam efetivamente em torno de cinco grandes domínios. (SANTOS; PRIMI, 2014, p. 16).

Os cinco domínios do *Big Five* são respectivamente: *abertura a novas experiências*: ligado a competências como curiosidade, imaginação e criatividade, sendo portanto, definida como o interesse e disposição para vivenciar novas experiências; *consciência ou conscienciosidade*: este domínio engloba competências como, disciplina, responsabilidade, autonomia e autorregulação, competência e deliberação, sendo portanto definido como a tendência de ser organizado, esforçado e responsável; *extroversão*: nela podemos encontrar habilidades como simpatia, autoconfiança, entusiasmo e sociabilidade, o que capacita o indivíduo busca de seus interesses com energia em direção ao mundo externo e as pessoas; *cooperatividade*: tolerância, simpatia, altruísmo, modéstia e cooperatividade relacionam-se com este domínio, tendência de agir de modo cooperativo, o que favorece a participação em grupo e, por fim, a *estabilidade emocional ou neuroticismo*: esta dimensão refere-se a capacidade de possuir consistência emocional, o que evita mudanças bruscas de humor e abrange características como autocontrole, calma, confiança e otimismo (SANTOS; PRIMI, 2014).

Santos e Primi (2014) ressaltam que HSE como perseverança, autonomia e curiosidade são tão importantes quanto às cognitivas para o bom desempenho em diversos contextos da vida de um indivíduo, como educacional, profissional e social. Os autores reiteram destacando que “mais que isso: as evidências sugerem que essas habilidades beneficiam os resultados na vida adulta via escolarização, ou seja, por meio da sua contribuição para o sucesso escolar” (SANTOS; PRIMI, p. 5).

Além de auxiliar na melhora dos índices de educação, as HSE podem também reduzir desigualdades dentro do sistema de educação e favorecer a ascensão social e econômica. Ao reconhecer este potencial que o Instituto Ayrton Senna se uniu à Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) para desenvolver um projeto inédito para medição de HSE no contexto escolar. Os resultados deste projeto foram positivos e mostraram que estas habilidades são determinantes para o desempenho escolar (SANTOS; PRIMI, 2014).

É fato que as HSE no novo cenário da educação brasileira, vêm sendo uma base teórica crescente e a cada dia ganha a estima de pesquisadores no Brasil. A OCDE juntamente ao Instituto Ayrton Senna e o Ministério da Educação (MEC), vem realizando testes de desempenho para mensurar as HSE e sua influência na aprendizagem, visando o investimento em políticas públicas. Todavia segundo Smolka, *et al.* (2015, p. 221).

Estudar [...] o desenvolvimento e a aprendizagem humana, bem como suas condições de realização e possibilidades de avaliação é tarefa, sem dúvida, importante e necessária para compreender de que forma os equipamentos sociais que colaboram para formar as novas gerações podem intervir e ser melhor sucedidos na concretização de seus objetivos e na consecução das suas metas. Contudo, a adoção de estratégias de investigação e avaliação requer um exame cuidadoso dos seus pressupostos e implicações para a educação.

Diante disto autores como Smolka, *et al.* (2015), Lima (2015) e, Carvalho e Santos (2016) trazem em seus trabalhos contrapontos sobre a adoção das HSE no ensino, principalmente criticando os mecanismos de aferir essas habilidades, assim como os propósitos que estão por trás dessa iniciativa por parte das instituições que realizam os testes. Rodrigues (2015, p. 4) destaca que “[...] o atual discurso em favor do fomento às competências socioemocionais tem como alguns de seus interlocutores os organismos multilaterais, os quais parecem conceber a educação na perspectiva da lógica do mercado, ainda que, por vezes, pareçam recorrer ao discurso do bem-estar social”.

Ao analisar os diferentes posicionamentos podemos concluir que as HSE como conceito, geram grande polêmica no meio acadêmico quanto ao seu desenvolvimento e aplicação. Contudo, apesar dos prós e contras, defendemos que com alguns ajustes, com relação ao seu desenvolvimento (valorizando sua associação com as competências cognitivas e não mais a segregação entre estas), averiguação (utilizando ferramentas qualitativas mais robustas) e propósito (direcionando sua finalidade verdadeiramente para o bem-estar e sucesso pessoal, social e acadêmico do indivíduo) as HSE poderão contribuir significativamente para o desenvolvimento da nova fase da educação no Brasil.

Nesse propósito o Laboratório de Humanização do Ensino (LHUMEN) foi criado na Universidade Federal de Sergipe, especificamente no departamento de Biologia, sob a coordenação da professora doutora Alice Alexandre Pagan. No Lhumen professores, graduandos, mestrandos e estagiários das ciências biológicas e áreas afins, visam compreender o processo ensino aprendizagem através de um olhar mais abrangente sobre o aluno e todos os contextos relevantes dentro de sua história de vida.

Neste laboratório a temática HSE é levantada e discutida, sendo considerada importante principalmente no tocante a formação docente no campo das ciências, com foco na



compreensão de elementos não cognitivos envolvidos no ensino e no aprendizado das ciências, dentro de uma perspectiva que compreende o aprendizado das Ciências envolve processos de interculturalidade, de maneira que diversos grupos sociais (LGBTs<sup>1</sup>, Pessoas com deficiência, Grupos sociais com etnociência própria, Alunos com TDAH<sup>2</sup> e etc) devem ter possibilidades próprias de relacionar-se com esse saber universal, sem que para isso abram mão de suas próprias visões de mundo.

#### **2.4. HSE na formação de professores de ciências**

A formação de professores necessita passar por profundas mudanças, dentre elas uma das mais representativas é a que questiona as concepções de senso comum dos docentes que consideram ensinar uma tarefa “fácil”. Barreiras como estas, presentes na formação de professores serão transpostas quando “as vivências escolares dos futuros docentes forem mais positivas, mas isso, repetimos não pode ser um argumento para preconizar sua segregação, e sim para generalizar a exigência de transformações a todo o sistema educativo” (GIL-PÉREZ; CARVALHO, 1998, p. 71).

Monteiro (2005) realça que novas pesquisas começaram a analisar o trabalho docente por outros aportes, os quais não visam identificar os erros, *déficits* e problemas presentes no processo ensino-aprendizagem, mas pesquisas que visam compreender as características destes docentes observados de todos os ângulos, desde a instituição que atuam, até o contexto cultural, social e político, que estão imersos, almejando identificar suas motivações, lógicas e opções. Estas pesquisas, que se mobilizam em compreender a relação dos professores com a prática pedagógica mostraram que os mesmos possuem conhecimentos próprios, complexos que refletem nas situações de ensino/aprendizagem que estão vivenciando.

Desta forma, Gil-Pérez e Carvalho (1998) enfatizam que

A primeira contribuição à preparação dos futuros professores seja, talvez, torná-los conscientes de que possuem uma formação docente anterior, adquirida ‘ambientalmente’ ao longo dos muitos anos em que, como alunos, estiveram em contato com seus professores. (GIL-PÉREZ; CARVALHO, 1998, p. 82).

É possível aprimorar a prática pedagógica ao percebermos que ensinar é uma tarefa intencional, que por isso mesmo não é linear, tornando-se dependente do contexto social. Desta forma, refletir sobre o ensino significa pensar no destino de quem está sendo educado, descobrir os meios necessários para que nós professores possamos tomar consciência e nos

---

<sup>1</sup> Lésbicas, gays, bissexuais e transexuais <sup>1</sup>

<sup>2</sup> Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade

posicionar na instituição formativa, na sociedade e diante das interações de todas as ordens em nosso contexto de vida (VEIGA, 2006). Ainda segundo a autora: “Ensinar implica interações concretas entre pessoas. O ensino é uma atividade que se manifesta concretamente no âmbito de interações humanas.” (VEIGA, 2006, P. 22).

Quanto à questão do saber do professor, Tardif (2014) enfatiza que para compreendê-lo é fundamental associá-lo as realidades sociais, organizacionais e humanas que os docentes estão inseridos, e não o analisar de modo isolado, como se esse saber fosse uma categoria autônoma e separada dos contextos de vida desse profissional. De acordo com ele, o saber docente não deve ser percebido como uma coisa solta no espaço, por conseguinte, esse saber deve ser relacionado com a nossa identidade, nossa experiência de vida, nossa trajetória acadêmica e profissional, com nossas relações cotidianas. Deste modo Tardif (2011, p. 16 e 19) pontua:

A minha perspectiva procura, portanto, situar o saber do professor na interface entre o individual e o social, entre o ator e o sistema, a fim de captar a sua natureza social e individual como um todo. Ela se baseia num certo número de fios condutores. [...] O saber dos professores é plural e também temporal, uma vez que, como foi dito anteriormente, é adquirido no contexto de uma história de vida e de uma carreira profissional.

Considerados como um profissional plural, devemos reconhecer que para ensinar verdadeiramente, nós podemos construir uma gama de habilidades fundamentais que se desenvolvem antes, durante e depois do processo de formação docente, sendo importante realçar que estas transpassam o domínio do conhecimento. Isto posto, espera-se que nós sejamos capazes de analisar e resolver problemas conceituais e do cotidiano, selecionar e organizar conteúdos e propostas metodológicas mais pertinentes à nossa realidade e de nossos alunos, estruturar e realizar pesquisas, além de desenvolver formas avaliativas ao processo de aprendizagem dos mesmos (VEIGA, 2006). Desta forma consideramos que à tarefa docente está associada algumas habilidades importantes para a boa realização do nosso trabalho e é nesse sentido que Paranhos (2017) estabelece a relação entre algumas habilidades apontadas por teóricos que discutem a formação de professores e algumas HSE presentes nos cinco domínios do *big five*, que pode ser vista no quadro abaixo:

**Quadro 1:** Relação entre as habilidades relevantes na formação docente e às HSE.

|  |   |
|--|---|
| <b>Habilidades sugeridas nas teorias de formação de professores de acordo com Tardif (2000), Maldaner (2006), Carvalho e Gil-Pérez (2006) e Carvalho</b> | <b>HSE que compõe o big Five, de acordo com Santos e Primi (2014)</b> |
|--|---|

|                                       |  |
|---------------------------------------|--|
| <b>(2016)</b>                         |  |
| Autocontrole e segurança no trabalho  | Estabilidade Emocional: autocontrole, confiança e otimismo, (in) segurança                       |
| Autonomia, planejamento e organização | Consciência: disciplina, autonomia, responsabilidade e organização                               |
| Improvisação                          | Abertura a Novas Experiências: criatividade, imaginação, curiosidade, e prazer pela aprendizagem |
| Empatia e trabalho coletivo           | Cooperatividade: altruísmo, simpatia e sociabilidade.  |

Fonte: Adaptado pela autora a partir de Paranhos (2017)

Como podemos notar as demandas atribuídas ao papel do professor para serem efetivadas necessitam de HSE bem sucedidas, sendo estas desenvolvidas ao longo da vida familiar, social e acadêmica dos docentes, fato que pode ser ainda mais relevante quando consideramos a formação de professores que apresentam algum tipo de deficiência.

Pretendendo compreender as relações existentes entre a família, HSE e a inclusão de licenciandos com deficiência, realizamos uma pesquisa na Biblioteca Digital de Teses e dissertações da UFS para realizar a revisão bibliográfica visando localizar na literatura trabalhos que envolvam as esferas família, inclusão e HSE, publicados até o ano de 2016. Em função disto utilizamos como descritores as palavras: família, pessoa com deficiência, habilidades e desempenho e; como filtros, as opções de título e resumo de trabalhos.

Inicialmente, usando apenas como filtro do próprio sistema o título, encontramos 301 trabalhos, dos quais abordavam a deficiência, não só do ponto de vista de limitação, mas também como a deficiência hídrica, nutricional, entre outras que não são o foco deste trabalho, deste modo para refinar a busca, escolhemos os trabalhos que mais se enquadram com a nossa proposta, chegando a um total de dezessete dissertações, que podemos visualizar no quadro abaixo:

**Quadro 2-** Dissertações realizadas em Sergipe com as temáticas, inclusão, família e habilidades

| <b>Autor, ano</b> | <b>Enfoque</b>        | <b>Título</b>   | <b>Objetivo</b>   |
|-------------------|-----------------------|---|---|
| Santos,<br>2012   | Acessibilidade da PcD | Acessibilidade da pessoa com deficiência física: o caso da Universidade | Identificar as dificuldades de acessibilidade encontradas pelas pessoas com deficiência |

|                  |   |   |   |
|------------------|---|---|---|
|                  |   | Federal de Sergipe –<br>Cidade Universitária<br>Professor José Aloísio de<br>Campos   | física na UFS – São Cristóvão   |
| Santos,<br>2012  | Metodologia<br>dos<br>professores<br>frente a<br>inclusão | Polidez e inclusão: o “ser”<br>e o “parecer” no discurso<br>dos professores sobre a<br>inclusão da pessoa com<br>deficiência  | Investigar a polidez linguística<br>presente no discurso dos<br>professores, discutindo razões<br>que subjazem ao seu uso e<br>implicações para o efetivo<br>processo de inclusão escolar da<br>pessoa com deficiência  |
| Souza,<br>2012   | Família   | Todos precisam de uma<br>família? O acolhimento<br>institucional e os discursos<br>que os sustentam   | Visa identificar o lugar que a<br>família ocupa tanto nas<br>políticas públicas voltadas a<br>proteção à infância e à<br>adolescência quanto ao<br>discurso daqueles que operam<br>tais políticas                       |
| Prado, 2013      | Metodologia<br>dos<br>professores<br>frente a<br>inclusão | Tecnologia assistiva para o<br>ensino da matemática aos<br>alunos cegos: o caso do<br>centro de apoio<br>pedagógico para<br>atendimento às pessoas<br>com deficiência visual. | Compreender os limites e as<br>possibilidades das tecnologias<br>assistivas no processo de<br>ensino da matemática para<br>alunos com cegueira no Centro<br>de Apoio Pedagógico para a<br>pessoa com deficiência visual |
| Andrade,<br>2014 | Acessibilidade<br>da PcD                                  | Acessibilidade das pessoas<br>com deficiência no<br>mercado de trabalho<br>mediante cotas   | Analisar a acessibilidade das<br>pessoas com deficiência no<br>mercado de trabalho, com<br>ênfase nas políticas públicas<br>desenvolvidas para efetivar o<br>direito ao labor de tal grupo<br>minoritário               |
| Fernandes,       | Inclusão da   | A inclusão dos alunos   | Analisar o processo de inclusão   |

|               |   |  |  |
|---------------|---|--|--|
| 2014          | PcD   | surdos e/ou deficientes auditivos nas disciplinas do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia da Universidade Federal de Sergipe | de alunos surdos e/ou deficientes auditivos nas disciplinas do CCET da UFS   |
| Santos, 2014  | Inclusão da PcD                               | A eficácia da convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência no Brasil  | Investigar o problema da eficácia da proteção sobre os direitos das pessoas com deficiência, à luz da constituição de 1988   |
| Santos, 2014  | Metodologia dos professores frente a inclusão | As disciplinas de exatas e o processo de ensino para alunos com deficiência visual na Universidade Federal                     | Analisar as metodologias e recursos utilizados pelos professores das disciplinas de exatas para alunos com deficiência visual da UFS                               |
| Souza, 2014   | Família                                       | Família(s), escolarização e trajetória de jovens: da educação básica ao ensino superior público de Sergipe                     | Investigar o papel que as famílias desempenham no processo de escolarização dos filhos, ontem alunos da educação básica, hoje, estudantes universitários           |
| Menezes, 2015 | Habilidades e desempenho                      | Letramento e educação inclusiva: construindo práticas de leitura e escrita no ensino fundamental II                            | Investigar a contribuição do gênero na ampliação das competências e habilidades comunicativas e de letramento dos alunos, em suas diferentes funções e finalidades |
| Cunha, 2015   | Inclusão da PcD                               | Ensino da língua portuguesa na perspectiva da inclusão do aluno cego no nível fundamental                                      | Analisar o ensino da língua portuguesa numa turma de alfabetização e no 8º ano do ensino fundamental numa instituição de atendimento                               |

|               |   |  |   |
|---------------|---|--|---|
|               |   |  | educacional especializado e numa escola pública de Aracaju  |
| Cardoso, 2016 | Inclusão da PcD                               | Inclusão de alunos com deficiência na educação profissional e tecnológica  | Analisar os dispositivos para a inclusão do aluno com deficiência nos cursos de formação profissional do Instituto Federal de Sergipe – Campus Aracaju, no período de 2007 a 2016 |
| Correa, 2016  | Inclusão da PcD                               | Educação Inclusiva no ensino superior: saberes e práticas dos professores do Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Sergipe | Compreender os saberes e práticas dos professores do PPGCIMA da UFS sobre a inclusão da pessoa com deficiência  |
| Cruz, 2016    | Inclusão da PcD                               | Tessitura da inclusão na universidade Federal de Sergipe: múltiplos olhares  | Conhecer o processo de inclusão dos discentes com deficiência na UFS a ótica dos participantes desse processo: docentes, discentes com e sem deficiência e acompanhantes.         |
| Nunes, 2016   | Inclusão da PcD                               | O processo educacional do cego em Aracaju (1950-1970)  | Compreender o processo educacional do cego em Aracaju   |
| Santos, 2016  | Metodologia dos professores frente a inclusão | O aluno diagnosticado com deficiência intelectual: limites da perspectiva classificatória.   | Compreender uma nova perspectiva da avaliação que perceba o ser humano em sua amplitude e complexidade  |
| Paranhos,     | Habilidades e                                 | Relações entre habilidades   | Compreender as relações   |

|      |            |   |   |
|------|------------|---|---|
| 2017 | desempenho | socioemocionais e inovação para licenciandos em ciências biológicas | existentes entre inovação e habilidades socioemocionais a partir das falas de alguns graduandos do curso de biologia da UFS |
|------|------------|---|---|

Fonte: Elaborado pela autora

Frente dos achados observamos que apesar de alguns trabalhos já abordarem estes temas, como exemplo podemos ressaltar (CORREA, 2016 E CRUZ, 2016), que tratam da inclusão de alunos com deficiência na UFS, (SOUZA, 2014), que traz o papel da família na escolarização de seus filhos desde a educação básica à universidade e (PARANHOS, 2017) que aborda o tema HSE de alguns alunos do curso de biologia da UFS, outros trabalhos também foram encontrados, porém nenhum estabelece uma articulação entre as três esferas. Por este motivo, o presente trabalho apresenta novos pontos de vista, sendo um dos pioneiros no Estado de Sergipe à relação existente entre família, HSE e inclusão de licenciandos com deficiência do Curso de Biologia da UFS.

## **Capítulo 3: Delineamento metodológico**



Dedicamos este capítulo para a apresentação do delineamento metodológico acerca do que realizamos visando alcançar o objetivo proposto. Iniciamos apresentando as características da pesquisa; em seguida falaremos da coleta dos dados e como preparamos nosso roteiro de entrevista; na sequência faremos os nossos sujeitos e o porquê da escolha dos mesmos; partimos então para a realização das entrevistas e por fim abordaremos como ocorreu o tratamento do material coletado.

### **3.1 – Características da pesquisa**

Situamos que a presente pesquisa se classifica como exploratória, na medida em que visa identificar a relação entre a família e o desenvolvimento das HSE de uma licencianda com deficiência durante seu processo de inclusão, relação esta que ainda não foi estudada tão pouco compreendida por outros até o momento.

Sobre esse tipo de estudo Gil (1999, p. 43) destaca que “a pesquisa exploratória desenvolve, esclarece e modifica conceitos e ideias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

Para alcançar o pretendido utilizamos uma abordagem qualitativa, visto que esta se enquadra como mais adequada no campo das ciências sociais e da educação, e conforme Minayo e Sanches (1993) essa abordagem permeia no campo da subjetividade, e estabelece uma aproximação estreita entre sujeito e objeto de estudo para melhor compreender as relações e atividades humanas. Bauer e Gaskel (2002, p. 68) destacam ainda “a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, e as diferentes representações sobre o assunto em questão”.

Ao inferir sobre questionamentos acerca de uma licencianda com deficiência de um curso de Licenciatura em Biologia, que corresponde a um tipo específico de aluno, temos como método o estudo de caso. Esse método corresponde ao estudo de um caso bem delimitado e particular, que possa ter representatividade para outros casos a ele semelhantes (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Destacamos que a pesquisa foi realizada na UFS, especificamente no departamento de Biologia (DBI), para tanto, foi elaborado ofício (apêndice B) que possibilita a pesquisa documental na secretaria do departamento e autoriza a realização de entrevistas com alguns professores e alunos.

Por tratar-se de pesquisa que envolve seres humanos, especificamente uma aluna com deficiência, este trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), conforme o parecer número 2.164.561 (Anexo A), que pretende garantir assim a proteção dos sujeitos envolvidos. Glat e Antunes (2012) destacam que a pesquisa em Educação Especial por envolver um sujeito muitas vezes em situação de vulnerabilidade, necessita de uma rigorosa atenção frente às questões éticas.

Independente de qualquer pressuposto legal, a ética presente na condução das pesquisas é condição fundamental para qualquer projeto científico. Portanto, implica na adoção de metodologias e abordagens que resguardem o bem-estar, a autonomia, a integridade física e mental e a vida das pessoas que participam dos estudos (GLAT; ANTUNES, 2012, P. 8).

Para atender as questões éticas e visando principalmente a proteção e o anonimato dos envolvidos, foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice A), para evitar riscos como o desconforto emocional e constrangimento, que são passíveis de ocorrer em pesquisas onde o objeto é tão subjetivo e íntimo a cada participante e que podem estar atrelados a outras questões que a atual pesquisa não vislumbra inicialmente.

### **3.2 – Coleta dos dados**

Como instrumento de coleta de dados realizamos a entrevista semiestruturada com a elaboração de um roteiro orientador, seu “objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contexto sociais específicos” (BAUER; GASKELL, 2002, p. 67).

#### **3.2.1 – Elaboração de questionário para entrevista semiestruturada**

Os roteiros de entrevista foram adaptados a partir do modelo proposto em Paranhos 2017, dele retiramos o eixo que trás questionamentos sobre a vida acadêmica e as HSE de alunos no curso superior. Para possibilitar uma compreensão sobre a influência das relações familiares durante o desenvolvimento de HSE da licencianda, criamos um eixo com questionamentos a cerca da família.

Desta forma destacamos que nosso roteiro se organiza em três eixos, sendo o primeiro, o eixo família, no qual trazemos questionamentos que podem nos dar uma noção sobre a relação do licenciando com deficiência e sua família, assim como trás um pouco do histórico de sua deficiência, podendo abranger causas, implicações e dificuldades inerentes a esta ao longo da inter-relação com os familiares. No segundo eixo, abordamos aspectos referentes a vida acadêmica, nele buscamos entender o por que da escolha pelo curso, quais as barreiras

enfrentadas durante o processo de inclusão da licencianda com deficiência, a quem este licencianda atribuí estas barreiras e como elas poderiam ser contornadas. Por fim no terceiro eixo, trazemos as HSE, com perguntas que visam abranger os cinco domínios do *big five*, pretendemos com ele identificar características e habilidades relevantes para a licencianda com deficiência ao longo do seu processo de inclusão.

Após a elaboração do roteiro, estes foram aprimorados através da avaliação de três juízes, professores pesquisadores que já possuem experiência com este instrumento de coleta de dados, e que ao mesmo tempo possuem conhecimento sobre as temáticas abordadas. A estes enviamos os roteiros para serem revistos. As sugestões dadas foram seguidas e por fim chegamos ao modelo presente no apêndice D.

### **3.3 – Sujeitos da pesquisa**

Como sujeitos da pesquisa entrevistamos uma aluna com deficiência visual (DV) e deficiência auditiva (DA) matriculada no curso de Biologia Licenciatura da UFS. A entrevista ocorreu sem necessidade de adaptações visto que a aluna é usuária de aparelho auditivo e faz leitura labial.

Para ampliar nossa compreensão sobre a influência da família desta aluna ao longo do desenvolvimento de suas HSE durante o processo de inclusão no curso, entrevistamos sua mãe, a professora que ela apontou como importante para seu desempenho no curso e a intérprete de LIBRAS que a acompanhou durante os primeiros períodos do curso.

Ao entrevistar a mãe buscamos aumentar nosso espectro de dados para a compreensão do papel da família no desenvolvimento das HSE da licencianda e ao entrevistar a professora e a intérprete pretendemos compreender quais HSE são identificadas e como elas refletem ao longo do processo de inclusão destes alunos.

Para resguardar o anonimato das envolvidas resolvemos dar a elas o nome de quatro importantes titânides da mitologia grega. De acordo com Pouzadoux (2001) titânides são seis Deusas gregas filhas da União entre Urano, Deus do Céu e Gaia, Deusa mãe-Terra. Destas seis, escolhemos a Deusa Tétis para representar a licencianda com deficiência, a Deusa Réia para simbolizar a mãe da licencianda, a Deusa Febe simbolizando a professora e a deusa Têmis a intérprete de LIBRAS. O que nos motivou a essa escolha é a semelhança entre as Deusas mitológicas e nossas entrevistadas, o que será melhor percebido no próximo capítulo.

Tétis é a caçula dentre as titânides e ela representa o mar e sua fecundidade (POUZADOUX, 2001), assim como a licencianda entrevistada que mesmo apresentando duas

deficiências não se percebe limitada, pois acredita ter um oceano de possibilidades em sua vida, o que a torna, portanto, um mar fértil para o desenvolvimento de suas potencialidades.

Réia é a Rainha das titânides e mãe de Zeus, que o protegeu de ser engolido pelo seu tirano pai Cronos, e o incentivou a lutar contra este, libertando seus demais irmãos (POUZADOUX, 2001). De forma semelhante à mãe da aluna com deficiência, a protegeu contra os preconceitos vividos principalmente na infância, além de sempre acreditar e incentivar o seu potencial de desenvolvimento.

Febe, a titânide mais bela, e a primeira deusa da lua, principalmente a lua cheia. Seu nome significa “brilhante” (POUZADOUX, 2001). Que em conformidade com a professora traz a luz do conhecimento na relação com a aluna, confiando no seu potencial e a auxiliando durante o processo de inclusão no curso.

E por fim Têmis, a deusa da justiça e guardiã dos juramentos humanos e das leis (POUZADOUX, 2001). De forma semelhante a intérprete de LIBRAS que desde o primeiro contato com Têtis se empenhou para fazer a educação inclusiva acontecer, possibilitando assim, por sua parte, a garantia das condições necessárias para que Têtis alcance o aprendizado diante de suas singularidades, o que está previsto em Lei.

#### **3.4.1 A escolha por Têtis**

Meu primeiro contato com Têtis ocorreu em 2014, quando eu ainda estava na graduação, momento no qual nos encontramos durante a realização de uma disciplina denominada Didática Especial para o Ensino de Ciências e Biologia III. Logo de início, percebi que ela tinha deficiência auditiva porque havia uma intérprete de LIBRAS a acompanhando, e pude notar também que essa profissional, com o passar do tempo, foi se tornando mais próxima dela, se tornando amiga. Mas, o que me surpreendeu, foi o fato de que Têtis, apesar da timidez, porque ela não era de muitos amigos e muitas conversas, tinha iniciativa de liderança e, também, era muito inteligente, porque no meio da discussão do grupo entre poucas pessoas que se manifestaram para resolver a atividade, ela deu sua opinião, a qual foi pertinente.

A partir de então comecei a observar mais o seu comportamento, e perceber que ela, de uma maneira tímida, era bem participativa nas aulas. Como uma mágica a partir daquele momento nós começamos a nos encontrar com uma frequência maior nos corredores, nos ônibus e aos arredores da universidade.

Um ano depois eu concluí a graduação e parei de frequentar a UFS, perdendo assim o contato com Têtis. Em 2016, após a aprovação no atual programa de mestrado, num dia

enquanto esperava a reunião do grupo de pesquisa, eis que encontro novamente com Tétis. Eu a abordei e começamos a conversar. Ela perguntou como eu estava, por que havia sumido da faculdade, e eu também perguntei como estava a vida dela, como ela estava nas disciplinas do curso. Como sempre, Tétis foi muito simpática.

Ao fazer a seleção para o mestrado eu não sabia ao certo qual seriam meus sujeitos, objeto de estudo e objetivos, o que eu queria é que fosse algo direcionado ao ensino de pessoas com deficiência, a educação inclusiva. Durante as reuniões do LHUMEN, fui apresentada as duas orientandas de Alice, as quais eram minhas veteranas e conheci o projeto de pesquisa delas, que era um direcionado as singularidades e o outro as HSE, de alguns licenciandos do curso de Biologia da mesma instituição. Em conversas no grupo externei a Alice o interesse em trazer como sujeito para o projeto os alunos com deficiência do curso de Biologia, e além de ser acolhida a minha vontade, em grupo, recebi a sugestão de observar as HSE destes licenciandos durante o processo de inclusão no curso. Neste momento eu já tinha certeza de qual seria o primeiro licenciando que faria parte do nosso projeto, ou melhor, licencianda, seria Tétis.

### **3.4 - Realização das entrevistas**

A primeira entrevista foi realizada com Tétis, ocorreu no departamento de Biologia da UFS e durou cerca de uma hora. Ao final da mesma foi solicitado que a aluna indicasse um familiar e um professor que lhe ensinou no curso. Ela indicou como familiar sua mãe, Réia e como professora, Febe.

A segunda entrevista foi a de Réia, que ocorreu na casa da entrevistada e durou aproximadamente uma hora. A terceira foi a de Febe, que foi realizada na UFS, ao longo de mais ou menos trinta minutos. E finalmente entrevistamos Têmis, o que ocorreu na casa da mesma, durando aproximadamente vinte minutos. As entrevistas ocorreram em dias distintos a depender da disponibilidade das entrevistadas.

Os Roteiros para a licencianda com deficiência e sua mãe foram os mesmos, com a presença dos três eixos, contudo com ajustes para cada uma das entrevistadas. Enquanto que para a professora e a intérprete, retiramos do roteiro o eixo família, permanecendo apenas os eixos vida acadêmica e HSE, visto que consideramos que por não estar presente no convívio familiar da aluna, estas não teriam muito a relatar sobre este aspecto.

Logo após a realização das entrevistas transcrevemo-las seguindo as orientações presentes em Preti (1999), o que nos possibilitou a formação de um *corpus* (apêndice E). Silva e Silva (2013, p. 5) consideram que “sob um caráter lato, o corpus pode ser entendido como um

conjunto de materiais representativos de uma língua ou variante”, que no nosso caso específico é o conjunto de informações sobre as temáticas abordadas neste trabalho, as quais conseguimos através da realização das entrevistas.

Necessário se faz realçar algumas diferenças entre *corpus* e amostra, visando justificar nossa escolha pelo primeiro. De forma resumida podemos considerar que a amostragem é um procedimento mais habitual em trabalhos com abordagem quantitativa, dado que ela somente expõe ao pesquisador algumas características do espaço social, enquanto que o *corpus* é mais frequente em pesquisas qualitativas, pois tem por objetivo a apresentação de pontos desconhecidos que são utilizados para a percepção de significados, sentidos e representações existente num determinado segmento e prática social (SILVA; SILVA, 2013).

### **3.5 – Tratamento dos dados**

Ao longo da realização das entrevistas notamos que os dados intercambiaram entre um eixo e outro do roteiro, o que gerou ao final do processo um *corpus* rico de informações pertinentes, porém que estavam desorganizadas de acordo com a nossa proposta de discussão, devido a isto adotamos como análise dos dados, a Análise Textual Discursiva (ATD) de Moraes e Galiazzi, a qual consideramos ser a mais propícia diante de nossos dados e objetivos. De acordo com estes autores (MORAES; GALIAZZI, 2014, p. 12):

A análise textual discursiva pode ser entendida como um processo auto-organizado de construção de compreensão em que novos entendimentos emergem a partir de uma sequência recursiva de três componentes: a desconstrução dos textos do ‘*corpus*’, a unitarização; o estabelecimento de relações entre elementos unitários, a categorização; o captar o emergente em que a nova compreensão é validada”.

Diante deste tipo de análise iniciamos esta etapa fazendo uma leitura prévia do *corpus* das entrevistas, na qual começamos a encontrar as unidades de sentido diante das categorias já estabelecidas, assim como também fomos criando subcategorias emergentes que surgiam na medida que nos aprofundávamos nas análises. Após essa etapa, estruturamos a sequência de apresentação dos dados e iniciamos a discussão com os referenciais e referências da literatura a cerca dos temas abordados.

Para expor os dados de uma forma resumida e que possibilitasse uma melhor compreensão dos mesmos, decidimos apresentá-los também graficamente, para isto contruímos dois mapas conceituais através do programa CmapTools.

## **CAPÍTULO 4: Resultados e discussão**

Este capítulo é dedicado à apresentação dos resultados e discussões, ele foi dividido em três tópicos. No primeiro trouxemos o relato da história de vida de Tétis, focalizando no seu nascimento, suas deficiências e a relação com a família, assim como a influência de Réia, a mãe, em sua vida. No segundo tópico abordamos um pouco da vida acadêmica de nossa entrevistada. Falamos da escolha pelo curso, da entrada na faculdade, do processo de inclusão, como, também, do enfrentamento de alguns preconceitos.

Para finalizar, no terceiro tópico, demos atenção especial às principais HSE apresentadas por Tétis, ao longo do relato exposto, bem como estas habilidades, analisadas a partir dos domínios de personalidade big five, podem ter colaborado para seu desenvolvimento.

#### **4.1 – A influência das relações familiares ao longo da história de vida de Tétis**

É reconhecido que desde o momento em que se descobre a gravidez, pais e mães começam a fazer planos quanto ao futuro do filho. Dificilmente pensam na possibilidade de vir a ter um bebê com deficiência. A gravidez geralmente é acompanhada de comemoração e de expectativas. [...] Qualquer eventualidade desconhecida ou não planejada pode ser uma realidade dura para ser assimilada (FALKENBACH; DREXSLER; WELER, 2008, p. 2070)

Num sábado as 10:00 da manhã quando Réia estava com seis meses e dezessete dias de gestação, ela sentiu contrações e a bolsa rompeu, prematuramente. Iniciava-se o trabalho de parto. Um parto demorado e difícil, no qual Réia teve uma eclampsia<sup>3</sup> e somente na terça-feira seguinte, à noite, Tétis chegou ao mundo.

Ter nascido com vida diante a situação do parto complicado foi considerado um milagre e esta foi a primeira de muitas batalhas que ela ainda enfrentaria na vida, a próxima seria sobreviver frente ao seu estado de saúde que era crítico. Réia, também, não estava em perfeita saúde e, no dia seguinte, teve uma hemorragia com parada cardíaca por alguns instantes, ela foi então para a UTI, enquanto Tétis ainda estava em observação. Após esse momento de aflição, familiares e amigos foram visitar Réia e lhe disseram o quanto Tétis era: -uma bebê linda!

-Sua filha é miudinha, mas ela é linda! Ela tem um cabelinho preto lindo! (Palavras de Réia)

E a partir de então Réia se encheu de forças e pediu a Deus para que salvasse sua filha, “o seu maior presente”, começando assim sua jornada de dedicação, cuidados e incentivo.

---

<sup>3</sup> Afecção grave que ocorre geralmente no final da gravidez, caracterizada por convulsões associadas à hipertensão arterial.



Certo que o caminho também exigiu que a mãe abrisse mão de alguns de seus projetos pessoais.

Tétis, pra mim é um presente! [...]. Eu desistiria de tudo que eu desisti dez vezes, mas eu faria tudo que eu fiz e mais um pouco. (Réia)

Mãe e filha sobreviveram a toda complexidade de um parto prematuro com 24 semanas, todavia a família não previa que desta situação resultariam sequelas que iriam aparecer, aos poucos, dali para frente. Logo nos anos iniciais os pais de Tétis percebem que sua filha possuía deficiência visual no olho direito, provavelmente relacionada à situação do parto complicado. Alguns autores destacam que dentre as principais causas da cegueira ou baixa visão em crianças, nos primeiros anos de vida, estão algumas patologias adquiridas pela mãe durante a gestação como rubéola e sífilis, assim como patologias adquiridas pelo recém-nascido (RN) como catarata, glaucoma, nistagmo, coriorretinite e retinopatia de prematuridade (ROP) (BRITO;VIEZMAN, 2000, KREUTZ; BOSA, 2013). Dentre as doenças adquiridas pelo RN, traremos como destaque a ROP, que possivelmente foi a causa da deficiência visual de nossa entrevistada devido as similaridades entre as características desta patologia e a história do nascimento de Tétis. Atualmente a ROP é a doença ocular mais comum em neonatos sendo uma das complicações do parto prematuro. Nela o RN nasce com a retina parcialmente avascular e com a exposição ao oxigênio da incubadora ocorre uma proliferação anômala dos vasos sanguíneos o que por consequência gera o desenvolvimento de fibras oculares nesta região do olho, o aumento destas fibras pode ocasionar a deficiência visual (baixa visão) e nos casos mais graves o deslocamento da retina e posterior cegueira (HENRIQUES, *et al*, 2004).

Outra situação difícil que surgiu na vida de Tétis foi o fato dela ter demorado a falar. A família chegou a fazer consultas com fonoaudiólogos, contudo segundo a mãe, eles não persistiam no tratamento, alegando que ela não conseguiria, além de que, seus pais não poderiam mais arcar com os custos do tratamento:

O que eu acho muito impactante nessa história é que eu demorei muito para falar, mas minha mãe ela foi muito persistente nisso, porque ela acreditava que eu tinha capacidade pra falar, eu só precisava de um incentivo, e na época um profissional pra fazer um acompanhamento era muito caro, hoje tá mais acessível. (Tétis)

Então, ao observar alguns exercícios e mecanismos usados pelos fonoaudiólogos durante algumas consultas, Réia começou a fazer em casa por conta própria o tratamento da filha.

Ela ficava aprendendo tudo que eles faziam, e levava pra casa e fazia tudo, repetindo comigo, até que eu aprendi a falar, comecei a falar, fui aprendendo a falar, já aprendendo a ler e escrever tudo junto, é... por isso eu sou muito grata a minha mãe. (Tétis)

Foi eu quem ensinei Tétis a falar, porque as pessoas desistiam muito rápido, eu hoje agradeço a Deus porque o SUS evoluiu, o SUS hoje tem uma porta aberta bem

diferente, porque nós íamos pro fono, ela fazia um instantinho e dizia: ‘olhe ela não vai conseguir, eu acho que vai ser difícil’. Então eu sentava com Tétis e ficava numa altura de pé de igualdade e ia ensinando ela a falar. Então, quando ela começou a dizer as primeiras palavras, quando eu dizia seu pai, ela dizia: “sapai”, então eu mudei a técnica e comecei a chamar meu esposo de pai e ele me chamar de mãe, por que ela dizia: ‘seupai’, ‘seusamamãe’, então ele me chamava de mãe e eu chamava ele de pai, para que assim ela aprendesse a dizer pai e mãe, e assim ela aprendeu a falar, foi aprendendo a falar palavra por palavra, e ela hoje é uma jovem que fala assim muito correto, parece até que ela aprendeu com um profissional, mas foi comigo, eu que alfabetizei eu que ensinei ela a falar (Réia).

Por estes relatos percebemos que Réia se dedica intensamente aos cuidados de Tétis, e através de um respeito mútuo, desde cedo estimula seu desenvolvimento, quando inclusive os profissionais da saúde não acreditavam que ela seria capaz de falar. De acordo com Pimentel, Gomes e Xavier (2013) alguns pais apresentam um agente facilitador para os cuidados com a criança com deficiência, que é a vontade de que ela cresça e desenvolva suas potencialidades, assim eles passam a desempenhar seu papel com paciência e carinho.

Porém, o que Réia não imaginava é que a dificuldade de Tétis em falar estava relacionada a outra deficiência, a deficiência auditiva (DA), que até então não tinha sido percebida, nem pelos fonoaudiólogos que acompanharam a menina, tão pouco pelos seus pais. Somente quando Tétis estava com dez anos Réia pôde perceber, pois Tétis escreveu uma carta para o papai Noel dos correios pedindo de presente de Natal, um aparelho auditivo. Contudo, os correios responderam alegando que o pedido estava fora do prazo estipulado. Um tio de seu pai que estava de passagem pela cidade da família ao ler a carta, resolveu fazer a vez de papai Noel e lhe dar seu tão sonhado presente:

Ela ganhou o aparelho dele, e assim me emocionou quando ela colocou o aparelho, que ela me disse assim: ‘eu ouvi os pássaros, eu ouvi o som das folhas, eu ouvi o vento’, então você percebe quanto tudo isso é precioso, que você tem todos os dias, todos os momentos e você não valoriza. [...] Ela dizia ‘mamãe, o passarinho ta cantando, mamãe o que é isso? Que lindo mamãe!’ [...] Então isso marcou muito nossa vida. (Réia).

Após o uso do aparelho auditivo Tétis passa a apreciar novos sons, que para ela causa alegria, enquanto que para sua mãe desperta a valorização de situações cotidianas que talvez, até aquele momento passavam despercebidas. Notamos, portanto, que possivelmente esse aprendizado da mãe a partir da experiência da criança possa ser revertido em novos aprendizados também para a Tétis, que podem surgir mais tarde no desenvolvimento de suas HSE.

A demora dos pais de Tétis em notarem que ela apresentava também a DA possa estar relacionada ao fato de que apesar de não possuir uma audição satisfatória, ela conseguia responder aos comandos e estímulos do ambiente, e essa dificuldade em ouvir, pode ter gerado, por consequência, os impasses relatados para o aprendizado da linguagem. Reforçamos que

como seus pais não sabiam que ela também possui uma DA eles não estimularam logo cedo esse sentido, o que possivelmente pode ter acarretado numa perda progressiva da audição, contudo o que não configura surdez, visto que ela ouvia ruídos mais graves (a ponto de responder a estímulos externos), contudo não conseguia detectar ruídos mais sensíveis como o som das folhas.

Diante desta circunstância Pagan e Wertzner (2007) destacam que o desenvolvimento da linguagem oral é diretamente influenciada pela capacidade de percepção dos domínios gradativos dos sons da fala. Ainda nesse sentido, Caumo e Ferreira (2009) reiteram ao alegar que existe uma relação entre processamento auditivo e desvio fonológico. Desta forma compreendemos que a deficiência auditiva pode acarretar dificuldade durante o processo de aprendizagem da fala.

A história de superação de Tétis não se resume ao saber lidar com as duas deficiências. Porque quando estava com quatorze anos eis que Tétis e Réia enfrentam mais um momento difícil, ela sentia muita dor de cabeça, e ao fazer exames descobre que estava com um tumor no olho com deficiência, o olho direito. Para retirada do tumor é necessário retirar o olho inteiro, o que a torna usuária de prótese:

Tétis já tinha um olho maior que o outro, mas com quatorze anos Tétis teve câncer, o olho dela teve um tumor. Ela não é uma pessoa que se queixe, Tétis não é uma pessoa que se queixa, então eu comecei a perceber que Tétis não dormia, eu chegava no quarto de Tétis e ela tava lá sentada, e aí, eu trouxe Tétis no posto de saúde [...]. A pessoa que a examinou sabia que eu era cuidadosa com ela e disse assim: 'isso são mimos de mãe, ela não tem nada, não tem nada no olho dela' e aí Tétis ficou sentindo muita dor. Uma outra pessoa conseguiu uma consulta para um oftalmo, quando nós chegamos lá ele examinou e disse: 'pode ser que eu me engane, mas pode ser que aqui tenha um tumor', e fomos no médico, ele nos ajudou e no mesmo dia fizemos a tomografia e Tétis tinha um tumor um pouco embaixo do olho pequeno. (Réia).

Foi difícil, porque você lutou por um bebê que nasceu de uma gestação de seis meses e dezessete dias, você viu esse bebê crescer, quando ele tava ali cheio de vida você descobrir que seu filho tá com câncer! (pausa e lágrimas). É complicado demais, você acha que [...] (pausa) e você não passar pra seu filho que você tá sofrendo, eu nunca chorei na frente de Tétis, nunca. (Réia)

Todavia mesmo diante de tanta dor e sofrimento que a família estava passando, Réia se mostra forte, demonstrando um autocontrole, de não chorar na frente da filha, o que poderá ser refletido para construção dessa HSE de Tétis, visto que de acordo com Bandeira, Moura e Vieira (2009) os filhos muitas vezes se inspiram nos exemplos observados das condutas dos seus pais. E, além disso, Réia consegue também enxergar algo positivo, reconhece a solidariedade dos amigos, e o exemplo de perseverança de Tétis, que tão jovem e passando por tantas dificuldades mobiliza a mudança de algumas pessoas que estão ao seu redor:

E foi um momento muito lindo na nossa vida também, porque você percebe os amigos que você tem, aí na época que eu tinha entrado aqui já [refere-se ao posto de saúde onde trabalha atualmente] e aqui tinha uma dentista que ela assim comprou nossa

causa. Ela nos deu um anel valioso, e esse anel a gente fez... todas as pessoas compraram a rifa desse anel. Essa pessoa [a dentista] ela tinha uma síndrome que compra muito, e ela tava vivendo assim um momento horrível na vida dela, e essa mulher deu todas as roupas que ela tinha em duplicidade para que fosse feito o bazar, pra fazer a cirurgia de Tétis imediatamente, então foi bárbaro, eu conheci pessoas muito especiais, pessoas que, assim, ajudou a gente de uma forma muito linda, e aí fomos, fizemos a cirurgia de Tétis. [...] E é assim, foi um momento que marcou, e ela ia fazer quinze anos, ela ia fazer a cirurgia, no finalzinho do ano, no dia quatro de março é o aniversário de Tétis, todos os meus colegas de trabalho se juntaram e fizeram uma festa de quinze anos pra Tétis, então foi aquilo que foi assim, ela recebeu muito amor. E engraçado tem uma coisa em Tétis que é engraçado, essa dentista, disse pra mim que a situação de Tétis curou ela, por que ela comprava a ponto de estar assim a beira, não tinha mais como se recuperar, tava no psiquiatra e não melhorava e ela percebeu que aquela hora ela ia se curar e ajudar Tétis. (Réia)

A partir de então passamos a perceber que a história de vida de Tétis passa a estimular pessoas ao seu redor para realizar mudanças em determinados aspectos de sua vida, dentre estas pessoas a que mais se influencia e emociona com Tétis é sua mãe Réia, que considera ter uma filha com deficiência um presente que a ensina diariamente:

A mãe que tem um filho especial, ela tem um tesouro, ela tem alguém que ensina todo dia a ela que a vida não tem limites, eu aprendi muito com Tétis, sabe por que? A coisa que mais me emocionou foi por que Tétis se alfabetizou sozinha. Quando Tétis foi pra escola, prá pré escola, Tétis já sabia ler, então pra mim aquilo foi o máximo, por que eu era professora primária, e eu tinha muitos livros e Tétis se interessou pelos livros, e ela olhava as figuras e dali, quando ela chegou na escola ela já sabia ler, então pra mim é um dos fatos que mais marcaram a nossa vida. (Réia)

Sabemos que Tétis não alfabetizou-se sozinha, mas foi alfabetizada primeiramente por sua mãe, Réia, que não acreditou que ela seria incapaz de falar e, na iniciativa de lhe estimular a isto, acabou sendo sua primeira professora:

Minha mãe foi praticamente minha primeira professora, ela não deixou eu entrar na escola sem saber ler e escrever, ela não queria que alguém me maltratasse, eu lembro, tenho assim a lembrança muito clara [...]. Foi assim, muito marcante por que a professora se surpreendeu por que eu estava muito a frente da turma, dos alunos, ela me deu atividade e eu comecei a fazer e ela não me explicou nada, visto que ela sabe que eu tenho deficiência, e tal, mas ela, é... viu assim os resultados dos esforços de minha mãe. (Tétis)

Minha mãe sempre foi muito presente, com essa coisa de mostrar que eu sou capaz, com essa coisa de mostrar que eu podia conquistar meu espaço. (Tétis)

Desta forma notamos a influência de Réia na vida de Tétis e percebemos que a mãe se mostra como um catalizador do aprendizado socioemocional da filha, traduzindo e ensinando a filha a construir percepções positivas sobre as barreiras que enfrenta. Dentre os requisitos que são primordiais para a progresso da PcD está a conduta dos pais, visto que esta pode refletir em benefícios ou prejuízos durante o desenvolvimento dos vários aspectos da vida destes (BRUNHARA; PETEAN, 1999). Os pais que buscam superar os sentimentos de frustração e medo frente ao filho com deficiência e desenvolvem para tanto o sentimento de resiliência, tem maior chance de ajudar seus filhos a “planejar adequadamente a independência funcional, o

desenvolvimento físico, psíquico, social, educacional, laboral e incluir seu filho na sociedade com condições de exercer sua cidadania de forma digna e eficaz” (OLIVEIRA; POLETTO, 2015, p. 113).

É notório que uma das maiores incentivadoras de Tétis foi sua mãe. E segundo Tétis é ela seu principal motivador externo até hoje e assim a estimula a mostrar todo o seu potencial:

O que me motiva... é... minha família, minha família sempre me estimulou, dá pra notar até a minha mãe ter essa preocupação: “minha filha precisa ler, minha filha precisa...” eu sempre gostei muito de ler, deixava de brincar para ficar lendo, então... é... minha mãe muitas vezes me incentivava, trazia determinados tipos de brinquedos, que fazia que eu raciocinasse, pensasse, minha mãe sempre teve essa preocupação de dizer assim: “você pode resolver!” , “você pode!”. O que me motivou foi essa questão assim... da minha mãe nunca ter desistido de mim, os outros diziam pra ela: “ah, desista, por que ela não vai conseguir!” Era o que ela ouvia, mas ela não desistiu de mim, o que me motivou, foi a minha mãe de modo especial. (Tétis).

Réia sempre acreditou no potencial de Tétis, desde que ela era muito pequena, quando todos acreditavam que ela não conseguiria falar, até mesmo na adolescência, na vida acadêmica, sempre ela esteve presente acreditando e incentivando o desenvolvimento das potencialidades de sua filha:

Você tem que acompanhar seu filho do pré escolar a universidade, por que se você joga seu filho na escola: ‘não, eu vou incluir, eu vou colocar meu filho na escola’, mas se você não se atenta ao que está acontecendo a ele, se você não observa, se você não tá lá querendo saber, querendo que ele participe, é... quando tinha as coisas no primeiro grau, na quarta série, eu participei de tudo com elas, por que eu era a mãe que tava lá, e eu conseguia levar a mãe dos coleguinhas dela: ‘a gente tem que ir, a gente tem que dar força pra nossos filhos’, por que eu queria que minha filha tivesse a sensação que ela pode, mas não que eu fizesse, mas que eu estava lá: ‘olhe, se vocês fizerem assim vai ser melhor’, eles que construíam, eu só estava lá como uma orientadora, entendeu? Eu acho que eu fui isso na vida deles, ai quero ser até quando eu puder. (Réia)

Chegou aqui uma certa vez um grupo que veio do ministério da saúde, e a pessoa achou que eu devia ir em busca de uma aposentadoria, e eu acho que se eu buscasse isso, na minha cabeça eu tava dando um rótulo a meu filho, eu tava dizendo assim, que você já tem uma aposentadoria, você não precisa estudar, você não precisa crescer, eu ia deixar minha filha estagnada num lugar, então eu não quis isso, e nem quero. Minha filha, não é doente, ela só é diferente, então todos achavam que era loucura: ‘não, mas é um direito’, mas eu acho que esse direito na cabeça do adolescente, do jovem, dá a ele uma sensação de que você é doente e ela não é. Então, eu não quero isso pra Tétis. (Réia)

Às vezes ela me pergunta assim: ‘mãe quando eu estiver trabalhando, será que os meus colegas de trabalho vão me ver como os colegas da universidade? (referindo-se ao preconceito)’, eu digo: “não, eles vão lhe ver no pé de igualdade porque você conquistou o seu espaço, você não está no QI de quem lhe indicou. Você tem que arranjar o seu emprego porque você conseguiu ele para que você olhasse pras pessoas e dissesse ‘eu estou aqui porque mereci, porque eu lutei, porque aprendi, porque sonhei, porque desejei e estou aqui’ (Réia).

Com esta fala de Réia notamos que as Leis têm garantido muitas conquistas para a PcD, contudo, em determinadas situações podem atravancar o desenvolvimento de determinadas habilidades fundamentais para seu processo de autonomia na própria inclusão e dessa forma

agir de modo contrário ao seu propósito, que em vez de incluir e dar dignidade a PcD, pode colocá-la numa zona de comodidade o que dificulta o seu pleno desenvolvimento. E, foi pensando dessa forma, que Réia recusou a orientação que recebeu para aposentar Tétis, visto que não quis rotular sua filha como incapaz de conquistar seus objetivos.

Em contrapartida, apesar de incentivar significativamente a filha, Réia também teve momentos que a superprotegeu ao longo de sua história de vida, inclusive aspecto este que é apontado pela própria como um erro:

Acho que eu errei quando eu protegi, que mesmo querendo ou não você protege seu filho quando ele é diferente, por que você tem medo das pessoas, porque você conhece, muitas vezes as pessoas dizem coisas que você nem passa pra o seu filho, porque eu acho um pouco desonesto da parte da mãe que ouvi alguém fazer um comentário: “ói, fulano disse isso” e aí você... eu acho que meu ponto negativo foi a proteção, eu protegia assim, eu colocava Tétis na minha redoma, eu cuidava de Tétis nesse sentido. (Réia)

Eu acho que, assim, ao meu erro, por que eu protegi, então ela demorou a aprender a se defender e quando você demora um pouco você perde um tempo precioso. (Réia)

Apesar de percebermos a atitude da mãe ensinando a filha a alcançar seu próprio aprendizado e desenvolvimento através de suas conquistas, percebemos, contudo, que a mãe aponta que em uma perspectiva procedimental a filha pode ter desvantagens, o que gerou essa superproteção, um possível entrave para a construção da autonomia de Tétis. Essas ações de superproteção podem ser estimuladas provavelmente pelo sentimento de piedade para com o filho com deficiência, o que pode gerar dificuldades no cuidado e incentivo (PIMENTEL, GOMES E XAVIER, 2013). Todavia pelo que podemos observar nos relatos, os momentos de superproteção podem ter ocorrido e ocorrer com frequência menor, que os momentos de estímulo ao desenvolvimento. Afinal lidar com a realidade de ter um filho com deficiência envolve um misto de emoções, tais como, tristeza, revolta, medo, busca, resignação, entre outros (BRUNHARA; PETEAN, 1999).

Podemos perceber através das falas de Tétis e sua mãe Réia que elas apresentam uma relação constituída de momentos difíceis, mas que pelo otimismo e perseverança de ambas, estes momentos de transformam em aprendizado e valorização da vida. Notamos também que por esta relação passam momentos nos quais a autonomia de Tétis é estimulada, assim como a superproteção, também se faz presente. Posto isto consideramos que até mães conscientes frente à necessidade de desenvolvimento e autonomia de seu filho com deficiência acabam apresentando momentos de superproteção na iniciativa de resguardar os filhos dos perigos do mundo. Mas considerando a relação mãe e filha podemos observar que nessa relação a deficiência de Tétis não gera privilégios vindos de Réia, que em determinados aspectos ambas apresentam pontos de vistas divergentes, contudo sempre amparados pelo respeito:

As vezes a gente briga como toda mãe comum, a gente tem pensamentos diferentes, a gente tem posturas diferentes, cada uma tem uma forma de ver a vida. [...] Todas duas, a gente tem essa relação. Eu conheço meus filhos, eu sei do que meus filhos gostam, eu sei do que eles não gostam, e a gente se enfrenta como toda mãe enfrenta seus filhos nessa fase da faculdade. Aí eu digo não pra Tétis de boa, se Tétis tiver um problema e no problema ela estiver errada eu vou dizer que ela está errada, “me desculpe filha, mas você está errada, você precisa rever esse seu conceito”, entendeu? Ultimamente a gente quebrou um pau danado por causa de religião, porque Tétis está em uma religião que eu discordava, só que depois eu percebi que era a religião de Tétis, não era a minha religião, entendeu? –(Réia)

E com isso se estabilizou, se criou um respeito, só que você vai para sua religião e eu vivo naquilo que eu acredito, uma respeita a outra, e pra ela é muito importante as minhas opiniões por que ela me pergunta muito e a gente fala muito sobre isso. (Réia)

Uma característica interessante na vida familiar de Tétis é que ela tem uma irmã mais nova, seu núcleo familiar é constituído de mãe, pai e irmã. E de acordo com a visão de Réia ela buscou tratar de igual forma as duas filhas:

As pessoas achavam que quando você tem um filho diferente, você tem que tratar ele como um diferente, e eu nunca tratei Tétis como um diferente, eu nunca bajulei Tétis mais que o outro irmão, porque eu acreditava e acredito em minha filha. Por que quando você acredita, não é com mimo, não é com isso que você vai ensinar o seu filho, você vai ensinar a ele o que é correto, Tétis levou palmada como todo mundo, Tétis ficou de castigo, Tétis levou a surrinha que toda criança leva na vida, ela levou. Tudo na vida de Tétis eu tratei ela como normal. (Réia)

Não existe uma diferença, Tétis estudou na mesma escola da irmã, todas as duas na mesma escola, Tétis ensinou muito a irmã, e acho que não existe uma diferença na educação, por que eu não conseguia ver por esse ângulo que eu tinha que tratar Tétis assim. (Réia)

Porém na visão de Tétis, houve sim uma atenção dedicada mais a ela, em detrimento da irmã, que logo cedo necessitou se cuidar relativamente sozinha:

Minha mãe, ela sempre me deu mais atenção, ela tinha sempre aquela preocupação, “ai vai se machucar”, sempre, ela foi muito apegada. (Tétis)

Eu era uma criança muito complicada, muito, e minha mãe assim... Minha irmã aprendeu a ser independente muito cedo, então ela se virava só, na hora da alimentação, na hora de vestir uma roupa, então eu sentia que ela andava sempre perto de mim, do que dela. Meu pai, eu sinto que foi, sempre mais presente no sentido de brincar, minha mãe brincava, mas ela era mais preocupada com os cuidados, essa coisa de cuidar da família, mas assim a minha mãe, eu percebia que ela procurava preencher o fato de eu estar só, ela procurava brincar comigo, já que minha irmã não brincava comigo, brincava de casinha, fazia jogos. (Tétis)

Na infância ela sempre foi muito superprotetora, a irmã mais nova, mas que tomava conta da situação, ela [faz referência a irmã] achava que tinha responsabilidade de cuidar de mim, ela tinha esse comportamento, mas a gente não brincava juntas, dos dez anos em diante, é que a gente começou a interagir mais. (Tétis)

Nunes, Silva e Aielli (2008) trazem em sua pesquisa resultados similares ao mostrarem que na relação entre irmãs, na qual uma possuía deficiência e a outra não, era menos íntimo, apresentando padrões de cuidados diferentes dos pais, o que dificultava o companheirismo e troca nos laços fraternos. E, conforme Sharpe e Rossiter (2002) famílias que apresentam um

dos membros com deficiência acabam por gerar maiores demandas e, por consequências, maiores exigências para o irmão, que muitas vezes sofre pela diminuição da atenção dos pais.

Estas ponderações podem ser percebidas no relato de Tétis quando alega que não interagia muito com a irmã, no aspecto brincar, e que ela percebia que sua irmã carregava um senso de responsabilidade por ela. Todavia Réia alega que Tétis tem uma relação normal e às vezes um pouco difícil com a irmã, inclusive no aspecto de na adolescência haver um leve ciúme entre elas disputando a atenção e afeto da mãe:

Às vezes difícil porque ela não acompanhava o ritmo da irmã, a irmã é dois anos mais nova que ela, mas a irmã era, tinha, era uma pimenta malagueta, quando era criança e ela não acompanhava aquele ritmo. E, mas, a relação é normal de irmão, é uma competição muito grande de sentimentos hoje né, porque os filhos tão nessa fase acha que a mãe dá mais atenção a um, que a mãe gosta mais do outro. Mas, do contrário é uma relação normal, e eu acho assim que a irmã, é aquilo que leva Tétis a querer mais, porque a irmã não trata Tétis como se ela fosse especial, como não trata, ela trata Tétis como... “é minha irmã”, sabe. Tétis não tem essa diferença para ela. (Réia)

Diferente de sua mãe e irmã que buscaram tratá-la com o máximo de igualdade, o pai de Tétis a venerou e provavelmente a maior parte da superproteção que ela vivenciou em sua vida possa estar atribuída a ele:

O pai é... ele é o parceiro, ele é o grande amigo, ele é aquela pessoa que Tétis foi a vida dele, né, Tétis é um... eu acho que para o pai de Tétis, Tétis representa o núcleo da vida dele, as realizações de Tétis são dele, às vezes eu acho que tudo que Tétis alcança, ele acha que foi ele que alcançou, aí eu falo pra ele: ‘ei isso é de Tétis, não é seu’. (Réia)

Meu pai, ele sempre se esforçou pra não dar atenção mais a uma que a outra, ele sempre foi muito dessa coisa de brincar, com as duas, contava histórias para as duas, levava para brincar, passear sempre as duas, ele sempre teve essa preocupação, agora eu notava, que ele tinha uma preocupação maior comigo, por exemplo, na hora de assistir, tinha que deixar o volume na forma que eu queria, então, ele dava prioridade a mim, mesmo que incomodasse os outros. Então meu pai sempre foi muito atencioso com as duas, em alguns aspectos, ele me dava um pouco mais de atenção, um pouco mais de cuidado. (Tétis).

Como a mãe, o pai Tétis também se mostra como um catalizador do aprendizado emocional ao reconhecer o potencial que a filha tem e a agradecer e comemorar por cada uma de suas conquistas. Fica visível a importância de Tétis para o seu pai, visto que Réia compara Tétis ao núcleo da vida dele, notamos então o sentimento de amor, aceitação e orgulho. Contudo Silva e Aiello (2009) em sua pesquisa que visou observar a relação entre o pai e os filhos com deficiência nos chama a atenção para a necessidade de haver pais empoderados que estimulem a autonomia dos filhos:

O esperado seria que pais empoderados não oferecessem um ambiente domiciliar pobre em estimulação e apoio à criança, pois, se obtêm acesso a conhecimentos, habilidades e recursos que os capacitam a ganhar controle positivo de suas vidas, bem como melhorar a qualidade de seus estilos de vida, deveriam se comprometer mais com a disponibilização de matérias de aprendizagem, estimular o desenvolvimento da linguagem, envolver-se diretamente com a aprendizagem da criança e encorajar a



aquisição de habilidades e conhecimento, entre outros (SILVA E AIELLO, 2009, p.502).

Podemos então analisar que por parte do seu núcleo familiar, apesar de surgir algumas situações conflituosas ao longo do relato, como por exemplo a interferência dos cuidados dos pais na relação entre as irmãs, e a superproteção por parte de todos, mas de modo geral, eles buscavam sempre incentivar Tétis a desenvolver suas capacidades, por que confiavam no seu potencial de crescimento. Em contrapartida ao considerar a família mais ampla, com os avós, primos e tios, encontramos que a situação se apresentou diferente:

Os parentes, eu moro num sítio, com a família de meu pai, eu sofri muito, é... à medida que eu fui comentando aqui, eu fui lembrando, sempre me separavam, o pessoal não gostava muito. (Tétis)

Se eu estivesse no mesmo ambiente, era o mesmo de não estar ali, eu não fazia nem questão de ir pra casa da vó de parte de pai, das tias, dos tios, porque eles me tratavam como se eu fosse uma criança insignificante, as outras crianças eram mais bonitas do que eu, as outras crianças eram mais espertas, então isso fez com que até eu me tornasse uma criança depressiva, mesmo que meus pais procurassem, trouxessem todas as formas de proteger, mas a criança absorve aquilo. Absorve. Não esqueci não. (Tétis)

O pessoal, os parentes né, por parte da avó, avô, da parte de pai, tem marcado muito né, por que eles eram praticamente preconceituosos, diziam que eu não ia ser ninguém na vida, que eu não ia alcançar objetivos, que eu ia dar muito trabalho, que eu nunca ia entrar na universidade, que eu nunca ia ter um namorado, que eu nunca ia me casar. Atualmente não estou casada, mas eu ainda acredito, assim, pelo fato de minha mãe ter sempre conversado comigo: “ói não pense nisso, isso é bobagem, são pessoas que gostam de picuinhas, deixe pra lá.” (Tétis)

A mãe do meu esposo ela é uma mulher antiga, e não é nem uma crítica que estou fazendo, é pelo fato do modo que ela viveu que ela via uma pessoa com uma deficiência como alguém, doente, como um diferente. E ela via sempre ela assim né. Tétis não é envolvida com a família do pai dela, ela não tem esse enlace todo, como ela tem com a minha família. Mas a mãe dele como ela era uma mulher que tinha tido doze filhos, que tinha uma visão de vida diferente, mas nem por isso elas tem uma relação ruim, é mais distante. Mas ela tem uma relação de muito respeito com avó, avó hoje a respeita muito, e Tétis tem assim, ela é como, quando Tétis fala com um primo, ele escuta, se alguém estiver fazendo algo de errado, Tétis vai lá e diz “olhe você está errado, você precisa...”. Tétis é como se fosse um líder deles. (Réia)

Mas atualmente o pessoal tá bem diferente, por que eu aprendi a ter mais autonomia, essa coisa de falar, de me defender, de expressar opinião, então, hoje, eles se surpreender comigo, no momento que conversa comigo: “nossa não sabia que você era assim, que você pensava dessa forma, nossa como você é inteligente, nossa como você tem sabedoria”, como não convieram comigo não conhecem muito. (Tétis)

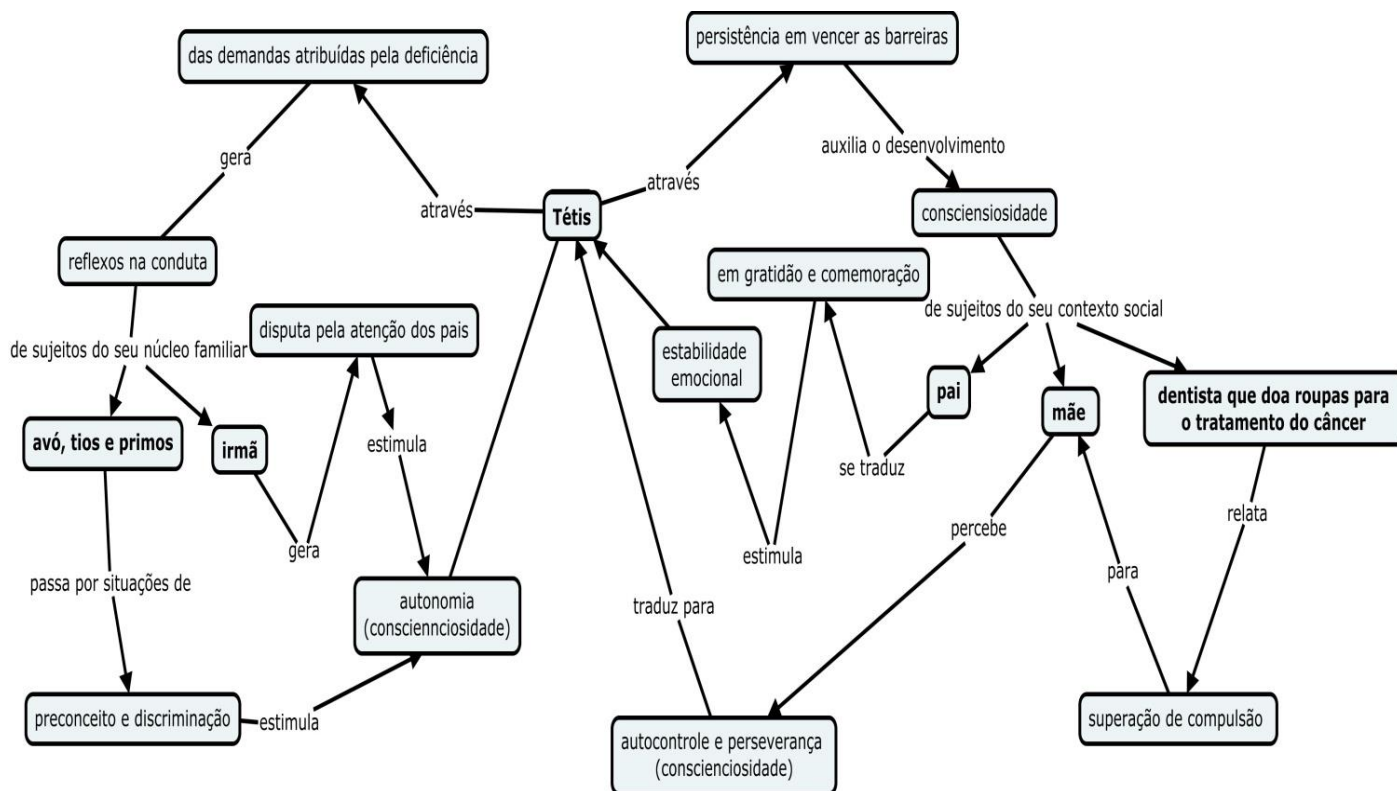
Notamos que Tétis passou por situações de preconceito no ambiente familiar mais amplo, nessa direção Pimentel, Gomes e Xavier (2013) alegam que o preconceito ocasionado por membros pertencentes a família é uma das dificuldades enfrentadas durante o cuidado e desenvolvimento da PcD. O preconceito e discriminação vindo da família mais ampla de certa forma representam um pouco do que Tétis pode experimentar na vida social, e a pressiona à

maior ação e maior autonomia. Depois que Tétis começou a desenvolver mais essa autonomia, os familiares passaram a enxergar suas potencialidades, o que torna a relação com estes, a partir de então, como um indicador de visibilidade, pois com este grupo ela vai percebendo como suas ações podem gerar visibilidade e liderança.

Por fim trazemos Glat e Pletsch (2012), alegando que independentemente de seu nível social-cultural a família é tida como elo para a inclusão da PcD na sociedade, e apenas quando ela estiver fortalecida e empoderada é que sairá da situação de passividade depressiva, para assim estimular o desenvolvimento das capacidades de seu filho de forma que este possa atuar na comunidade. O que, conforme as autoras propiciará uma política de respeito e valorização à diversidade da vida.

Ao observar a história de vida de Tétis, notamos uma circularidade existente nas relações familiares, o que ocorre através de uma mútua interferência que acaba proporcionando aprendizado socioemocional para todos e, mais especificamente, para a licencianda ao influenciar na construção de algumas HSE. Essa circularidade pode ser observada graficamente no mapa conceitual abaixo:

**Figura 1** - Mapa conceitual que representa a circularidade nas relações estabelecidas entre Tétis e seus familiares.



Fonte: elaborado pela autora.

Percebemos que, na relação entre Tétis e os pais, a circularidade acontece na medida em que ela tenta encarar com persistência as barreiras advindas do despreparo do mundo diante das deficiências dela. Ao observar essa postura da filha, a mãe Réia busca ter autocontrole e perseverança, o que é percebido por Tétis, e, dessa forma, pode influenciar no desenvolvimento de suas HSE dentro do domínio conscienciosidade, enquanto que as conquistas da licencianda são recebidas com alegria pelo pai, que as reverte em gratidão, e a impulsionam para também desenvolver a estabilidade emocional dela.

Quanto à sua irmã, a relação não é de muita cumplicidade, provavelmente porque esta desenvolveu algum sentimento que bloqueia a parceria mais íntima entre as duas, devido à disputa existente entre elas pela atenção dos pais.

No que se refere à família mais ampla, avôs, tios e primos, a relação foi difícil, principalmente durante a infância, pois foi marcada por preconceitos. Todavia, percebemos que essa postura por parte desses familiares, irmã e família mais ampla, promove uma pressão em direção à construção da autonomia, HSE dentro do domínio conscienciosidade, em busca de visibilidade e aceitação.

## **4.2 Vida acadêmica de Tétis**

Este momento da análise, que se encarrega em compreender os principais aspectos da vida acadêmica de Tétis divide-se em cinco pontos importantes. Para facilitar a discussão os abordaremos separadamente, sendo eles: a escolha do curso de Ciências Biológicas; a estrutura e suporte da universidade, a influência de Têmis, a intérprete; o preconceito e discriminação; e a autonomia na inclusão.

### **4.2.1 A escolha do curso de Ciências Biológicas**

Tétis foi estimulada pela mãe e alguns professores a prestar o vestibular e continuar os estudos, agora como universitária, pois eles acreditavam no seu potencial. Souza (2016) a esse respeito considera que a família desempenha um fator importante para a integração e inclusão da PcD ajudando a garantir seu direito à cidadania e educação.

A escolha pelo curso de licenciatura em Biologia, não foi algo espontâneo, mas sim uma consequência de um processo marcado por julgamentos, indecisão e com certa manipulação de alguns agentes externos, como a mãe e uma prima. Esta interferência diante da escolha pelo curso pode estar associada pela razão de que em famílias que apresentam filhos com deficiência é difícil para os pais perceber a progressiva independência destes (AMIRALIAN, 2003).

Tétis fez biologia por conta de um acaso, no momento a gente estava sem computador e quando Tétis fez a inscrição a pessoa [faz referência a prima] não acreditou em Tétis, que queria fazer vestibular pra medicina e a pessoa disse que ela não fizesse que ela não passaria e Tétis conseguiu uma pontuação de quase doze mil pontos, então... (Réia)

Queriam [faz referência à mãe] que eu fizesse o curso de medicina e eu estudava muito no intuito de passar em medicina e, quando eu fiz a inscrição, uma parente (faz referência à prima), que fez a minha inscrição, ela deu um conselho: “Tétis faça biologia, tem haver com a área que você quer, você pode aproveitar as disciplinas e tentar uma troca interna na Universidade”. (Tétis).

[...] eu não queria também fazer medicina, pra você ter ideia, eu tinha o desejo de fazer, engenharia civil, pela a habilidade de fazer desenhos, gráficos, os professores sempre falavam ‘ói, mesmo que você tenha dificuldade, em matemática, não desista, faça!’ Porque a Universidade é um campo diferente, você cresce, você aprende, eram os conselhos que os professores me davam, por que era algo que se destacava em mim. (Tétis)

Podemos notar nos relatos acima que a família queria que ela fizesse medicina, porém ela considerava que as suas habilidades se encaixariam mais no curso de engenharia civil, mesmo assim, se preparava para fazer medicina. Para complicar mais a situação de Tétis, ainda atuou sobre sua escolha uma prima, que ao realizar sua inscrição, por achar que ela não passaria em medicina, a estimulou fazer o curso de biologia, no qual ela se encontra atualmente. Mas o que nos desperta a tentar entender melhor não é necessariamente a questão da mudança do curso de medicina para biologia, mas é o fato de que mesmo tendo como vontade pessoal ingressar no curso de engenharia civil, Tétis acaba se preparando para o curso de medicina, vejamos os relatos abaixo:

[...] aí veio aquela pressão, ‘ah, você tem que fazer medicina, porque você entende tudo, você é uma menina amorosa, você é uma menina atenciosa’ (Tétis faz ‘voz’ da mãe), pegavam qualidades que estavam em mim, envolvendo o meu comportamento, aí o que sobressaiu foi essa questão: ou agradava a mim mesma ou agradava a minha mãe, e eu sempre tive essa preocupação de agradar a minha mãe, pela nossa história, né. (Tétis)

[...] ela sempre lembrava: “olhe eu fiz isso por você, eu fiz aquilo, não me arrependo”, e eu achava que tinha a obrigação de fazer isso. (Tétis)

[...] na verdade a mãe queria que ela fizesse medicina, como ela não conseguiu aí ela fez a biologia, mas creio que futuramente ela realize o sonho da mãe [...] (Têmis- a intérprete de LIBRAS)

[...] passei de primeira, foi assim uma alegria, minha mãe sabia que eu tinha escolhido Ciências Biológicas, mas falava pras outras pessoas que eu tinha passado em medicina, então essa situação me incomodava, por que as pessoas vinham me parabenizar, chamavam a atenção “olha aqui é, realmente, um alguém que conseguiu” e muitas vezes eu tinha que interromper, “não, consegui sim, muito obrigada! Mas não foi o curso de medicina, foi Ciências Biológicas licenciatura” (Tétis)

O que observamos é que a escolha por medicina foi um estímulo externo vindo de sua mãe, e que ela estava disposta a realizá-lo por conta de um sentimento de dívida que carregava referente à história das duas, uma vez que é quem mais lhe estimula e acredita no seu potencial. Por muitas vezes os pais (especialmente a mãe) que possuem filhos com deficiência, acabam desenvolvendo uma espécie de dependência mútua, em consequência do investimento emocional e/ou financeiro que dedicam a estes (SOUZA, 2017).

Como fruto de todas essas indecisões e influências, hoje Tétis se encontra matriculada e cursando Ciências Biológicas Licenciatura, quase na fase de conclusão, e apesar de que não estava muito satisfeita com o curso, no início, atualmente se sente mais adaptada e gosta.

[...] as pessoas que me conheciam, elogiavam: “olha, você é muito inteligente, dá pra ser professora! Dá pra ser professora!”, então, na hora que eu pensei assim, não.../ dá pra eu ser professora, eu tenho essa capacidade de explicar e aprender pra ensinar, dá pra mim [...] (Tétis)

[...] então, como eu havia dito, ela é uma pessoa muito esforçada [...] ela tá fazendo biologia e tá amando o curso, né, no início ela ficou meio assim, mas depois começou a gostar do curso. (Têmis)

#### **4.2.2 Olhar das entrevistadas sobre o suporte e estrutura da universidade**

A inclusão, requisitada em leis e decretos, vai além da inserção de alunos com deficiência ou demais minorias nas salas regulares, tanto da educação básica, quanto da superior, compromete-se, portanto, com a educação de todos os alunos, objetivando garantir uma cultura de respeito e mudança de atitude que valorize todos os tipos de diferenças (FERNANDES, 2014).

Conforme Cruz (2016) com o avanço da legislação nesta área da educação, o ensino superior tem progredido em ações inclusivas dentro das universidades. Todavia, os alunos com deficiência que entram na universidade podem carregar um misto de superação e, também receios, como no caso de nossa entrevistada Tétis, para ela a inclusão, principalmente no início do curso foi algo difícil, principalmente devido à carência de suporte da universidade:

[...] eu ficava assim naquela dificuldade, porque a universidade em si não oferece apoio, assim, vamos receber aqui esses alunos, vamos informar esses alunos para que eles não tenham dificuldade... É aqui, cada um tem que se virar né [...] de 2012 a 2015, eu percebi que ninguém estava preparado para receber aluno com necessidade especial, de 2015 pra cá começou a surgir mais projetos, divulgação aos professores (Tétis)

Todas as entrevistadas conseguem visualizar aspectos favoráveis e desfavoráveis para o desenvolvimento da performance dos alunos inclusos na universidade, parte deles relacionados à questões de gestão da universidade, como podemos perceber na fala da mãe de Tétis. Réia

relata que a troca da intérprete (que acompanhou Tétis no início do curso, e a auxiliava fazendo anotações, enquanto a aluna tinha sua atenção voltada a aula) por uma aluna bolsista, para fazer o acompanhamento de sua filha, não foi uma boa medida tomada pela UFS. Isto porque Tétis faz leitura labial e precisa estar olhando sempre para o professor, dessa forma a bolsista que a acompanha precisa anotar tudo que está no quadro e nos slides da aula, contudo, nem sempre é isso que acontece.

Ontem a noite a gente tava falando sobre isso da inclusão na universidade, porque ela tava dizendo que eles tiraram né (referindo-se à intérprete) e colocaram alunos, o que prejudicou muito, muito. (Réia)

[...] tiraram o interprete e colocaram alunos, que essas meninas vão pra o *whatsApp*, ela as vezes não ouviu algo direito e pergunta e a menina se irrita por que ela perguntou, então ela vive muito isso, é tanto que agora ela desistiu de uma matéria porque a menina não dá nenhuma importância [...] é desonesto e eu acho que na verdade, no meu ponto de vista, o que a universidade está fazendo com eles é desonesto, é uma economia que não está gerando economia, só prejuízo para o aluno. Esse modo de inclusão, eu como mãe de um aluno que necessita dele, eu acho que está errado. (Réia)

Pereira (2008) destaca que mesmo que a pessoa com DA ou surdez faça leitura labial, ela ainda assim necessita do intérprete de LIBRAS, porque de acordo com ela “existe um mito de que a leitura orofacial (leitura labial) é uma panacéia que pode dar acesso igualitário às pessoas surdas, porém este meio de acesso ao que o outro está dizendo tem várias limitações” (PEREIRA, 2008, p. 150). Estas limitações estão no fato de que esse tipo de leitura só pode ser feita com uma pessoa de cada vez, que esteja no campo visual e numa distância próxima da pessoa com DA, além de que alguns indivíduos não apresentam uma boa articulação ou tampam a boca quando falam.

Cruz (2016), destacou em sua pesquisa que alguns alunos com deficiência que ingressaram a UFS, acabaram desistindo do curso principalmente por falta de acessibilidade e metodologias durante o curso.

Outro ponto importante para efetivar a inclusão é a atuação docente, Tétis consegue visualizar um avanço no seu relacionamento com seus professores, alguns inclusive se esforçam para ajustar-se as particularidades dela. Santos (2014, p. 85) enfatiza que “o professor sabendo como lidar e sabendo ensinar aos alunos com deficiência, o aprendizado desses discentes será mais eficiente”. Essa mudança na atuação dos professores é necessária para que a inclusão ocorra de fato, todavia é necessário destacar, que por trás das alterações externas, os professores devem passar por alterações internas, pois a inclusão engloba concepções sobre o outro e sobre o papel das instituições de ensino, o que tornam essas mudanças um processo (SOUZA, 2016).

[...] eu consigo notar, perceber que os professores estão preocupados, daqui, da área da biologia, eles se preocupam, sempre me perguntam: “o que que eu preciso ajustar pra você?”, então, essas perguntas eu não estava habituada a ouvir, “o que que eu preciso fazer pra que você possa tirar proveito da disciplina?” “Das aulas”, então isso começou a dar oportunidade de expressar minhas necessidades, ao contrário, de antes que eu tinha que tá sempre: “professor, eu tenho isso, eu preciso disso”. (Tétis)

[...]os professores em si, eles vão se ajustando de acordo, eu percebo assim, com a circunstância, vão... procuram falar mais alto, procuram falar olhando pra mim. (Tétis)

Sendo considerada a mudança docente frente a inclusão um processo, devemos reconhecer que cada professor terá seu tempo, visto a subjetividade de cada um. Nesse sentido realçamos que Tétis conseguiu perceber que os professores do DBI são mais compreensivos e buscam se empenhar mais para favorecer seu processo de inclusão, em detrimento dos professores das disciplinas da área de exatas:

[...] quando é um professor que já peguei disciplina é tranquilo, quando me vê: “Tétis, olhe, já sei!”, não precisa nem... Eu tenho muita dificuldade com professores da área de exatas, eles são muito incompreensivos (Tétis)

Fernandes (2014) em sua pesquisa sobre a inclusão de alunos surdos nos cursos de exatas da UFS observou que o posicionamento dos professores geram algumas dificuldades a estes alunos, como o pouco tempo para as dúvidas e o pequeno tempo para copiar o assunto no caderno, além dos docentes não se mostrarem muitos satisfeitos com a presença do intérprete na sala. Podemos atribuir estas questões relativas as disciplinas de exatas ao fato de que nesta área o ensino é tradicional padronizador. Corroborando com este pensar Nardi (1998, p. 6) enfatiza que o ensino das ciências exatas é: “calcado na transmissão de informações através de aulas quase sempre expositivas e na aquisição de conhecimentos desvinculados da realidade”. Dessa forma o problema não parece estar no professor de exatas, mas no ensino padronizador que tem configurado esse ramo do conhecimento.

Se o ensino padronizador é inadequado à diversidade, consideramos que durante o processo de inclusão nestas aulas Tétis pode enfrentar dificuldades, as quais podem trazer consequência para o seu processo de formação, principalmente porque são criados alguns impasses diante da relação professor aluno, e a licencianda acaba por perder parte da explicação:

[...] então... muitas vezes eu não procuro tirar dúvidas, deixo pra lá, vou acumulando, é... nesse aspecto influencia [...] eu perco muito com isso! Perco muito! Por exemplo uma aula prática, quando eu não consigo me incluir, eu fico lá só olhando, como é que eu vou, muitas vezes eu... pego ali, manipulo, mas a teoria já perdi. [...] fica assim aquela situação, o professor tá falando, eu preciso parar de mexer no material, para poder ficar olhando, então tem situações assim, o professor tá falando, tem que ter consciência, tá falando olhando pra mim, uma vez que você vira, é uma palavra perdida, é uma frase perdida, muda o sentido da frase, esse bom senso, essa consciência só, isso afeta. (Tétis)

Em conformidade com este pensar, Fernandez (2014, p. 51) considera que “as barreiras pedagógicas são entraves para o desenvolvimento acadêmico do aluno com deficiência e, na maioria dos casos, o maior fator de evasão dos discentes nas universidades”.

Boa parte da dificuldade dos professores diante da inclusão da PcD, está no fato de que eles muitas vezes receberam de forma insuficiente ou até mesmo não receberam na sua formação o preparo para trabalhar com esse público de alunos. A professora Febe, trás essa e outras questões referente a atuação docente para a inclusão no seu relato:

Muitas vezes nós não tivemos essa formação voltada para inclusão, para se ter esse olhar de preocupação com o aluno. (Febe)

Com relação a questão da inclusão, eu acho que a gente precisa ainda avançar muito, porque muitos de nós não tivemos uma formação acadêmica preparando para esse tipo de situação, porque os alunos com deficiência, no passado, é, eles também não eram impedidos logicamente de avançar no curso universitário, mas, mas, não se existia um olhar direcionado para que ele tivesse algum tipo de atendimento especial, eu vejo que na universidade hoje, existe essa preocupação. [...] vejo que a universidade tem procurado se aprimorar para atender essas necessidades, mas ainda tá um pouquinho longe, até mesmo pela questão do preparo, por causa da formação que nós professores precisamos ter para atender melhor, né, a esses alunos. (Febe)

E essa dificuldade por parte dos docentes, está tanto na formação inicial como na continuada, isto porque a deficiência não está na pessoa que possui deficiência, ou nas pessoas que tem uma forma diferente de perceber a realidade, mas está no mundo despreparado para atender as diferenças. Isto podemos observar em Fernandes (2014, p. 80): “os professores estão despreparados para lidar com a diversidade, pois geralmente não recebem formação para atender alunos com deficiência em seus cursos de graduação, licenciatura ou em suas pós-graduações”. Somado ao despreparo dos professores diante da inclusão, tem o fato de que o processo ensino-aprendizagem na educação superior é pautado na transferência de informação, tornando-se muitas vezes difícil para o professor desenvolver um ensino significativo para os seus alunos e se enxergar como mediador e também aprendiz nesse processo (VARGAS, 2006).

Sobre a atuação dos professores, Santos (2014) acrescenta que as pressões morais e legais que envolve a inclusão no ensino, acaba por exigir que os mesmos saiam da zona de comodidade, o que gera um desconforto, e pode trazer impasses durante sua relação com os alunos com deficiência. Contudo devemos destacar que a UFS já está no caminho para suprir essas demandas da formação docente diante da inclusão, através do programa como o Incluir do MEC e o DAIN, que oferecem periodicamente capacitações para atender a diversidade no ensino superior dentro da perspectiva inclusiva.



E quando questionadas sobre de quem é a responsabilidade diante da inclusão, notamos que Tétis a direciona para a universidade e professores, dando inclusive algumas sugestões para sua realização mais efetiva:

Essa responsabilidade, primeiro de toda a equipe, não só dos professores, desde o Reitor, até os professores, eles precisam estar atentos, porque a sociedade hoje, o tipo de aluno, hoje não está restrito somente a alunos que não precisam, até os alunos que não tem deficiência precisam de ajuda, então assim, eles precisam dar mais atenção a isso, só observarmos a estrutura da universidade, já dá pra perceber que eles estão fracos, estão desleixados quanto a esse aspecto. (Tétis)

[...] é interessante, assim, os professores conhecerem o seu público, uma reunião, um evento, conhecer, que isso é um impacto que traz muito benéfico para os professores terem uma ideia assim, 'olhe o meu público, os meus alunos são esses, eu preciso mudar em alguma coisa' (faz a 'voz' dos professores) (Tétis)

A universidade tá precisando de eventos, reuniões, que tal fazer isso no primeiro dia de aula? Convidar todos os alunos, todos da universidade, 'olha nós estamos recebendo vocês, somos os seus professores' (faz a 'voz' dos professores), professores precisamos de vocês, precisamos da ajuda de vocês, nesse aspecto, não fica eu não sabia, eu não sei, como é que eu vou me virar agora, o sistema precisa informar melhor quem é o aluno, o professor começa a se preparar previamente para aquele aluno, não é o aluno chegar no primeiro dia de aula e 'olhe professor eu preciso'... (Tétis)

A professora Febe considera que a responsabilidade pela inclusão do aluno com deficiência é dividida igualmente entre o professor e o próprio aluno:

Eu acho que o professor ele tem assim, no desempenho do aluno na própria disciplina, eu acho que seria quase cinquenta por cento, por cinquenta por cento, né o aluno ele precisa também se esforçar, ele não pode se apoiar na sua deficiência pra tentar justificar mau desempenho, por exemplo na disciplina... mas o professor ele também não pode fechar os olhos, e negar a sua responsabilidade no sentido de adequar a forma de ensino e se preocupar se o aluno realmente está sendo atingido pela maneira que ele está desempenhando seu papel em sala de aula, por que o próprio nome já diz, que seu aluno tem uma deficiência, e essa deficiência com certeza pode interferir na maneira que ele recebe, né, e o uso daquela metodologia, por exemplo, no caso específico da aluna em questão, ela, eu sei que ela faz leitura labial, então eu preciso me esforçar para não dar as costas pra ela, pra não tá andando pela sala, por que ela não vai conseguir me acompanhar, eu tenho que ter sempre essa preocupação pelo menos nesse sentido, de ter certeza que eu estou no campo visual dela e que ela tá podendo acompanhar o que eu estou fazendo, então isso é uma responsabilidade minha, então é a minha parcela, então tudo que eu fizer em sala de aula eu tenho a preocupação de olhar pra ela e perguntar se ela tá acompanhando, se ela tá conseguindo entender, porque um desvio de olhar ela já perdeu né, então isso é responsabilidade do professor, mas cabe ao aluno fazer a parte dele e se esforçar pra que eu possa conduzir bem. (Febe).

Sobre o papel do professor na inclusão do aluno com deficiência, Febe trás em seu discurso pontos relevantes, e faz isso usando seu próprio exemplo, demonstrando que apesar de não ter recebido o preparo adequado durante sua formação inicial e continuada, ela não usa isso como artifício para inércia diante da aluna. O *déficit* na formação, diante da demanda da inclusão, fez Febe se esforçar na tentativa de suprir essa lacuna.

Devemos ressaltar que a responsabilidade frente à Educação Inclusiva não pode restringir-se ao aluno, ao professor, ou ainda ao sistema de ensino, essa responsabilidade pode ser compartilhada por todos os envolvidos no processo. Em consonância com este pensar Closs (2015) aponta que os atores do processo de inclusão no ensino, são todos que a ele estão inseridos, e esta perspectiva abrange todos os que fazem parte do sistema de ensino, como funcionários, gestores, docentes e discentes (com e sem deficiência) e suas famílias.

Têmis, Tétis e Febe trazem alguns aspectos que poderiam ser revistos para que a inclusão possa de fato ocorrer na UFS:

[...]. Na minha opinião eu achava que deveria ter uma reunião antes, né com todos os professores, no caso, de biologia, pra poder falar a situação, assim tinha muitos que ficavam assim voando, eu acompanhando ela como se não tivesse ninguém, aí eu achava que deveria ter uma reunião antes. (Têmis)

A manutenção dos materiais, [...] a acessibilidade, precisa melhorar, foi um *boom*, foi uma novidade, mas novidade precisa tá sempre mantendo, não é uma notícia, não é uma notícia que ouvi hoje, lembra e esqueci, é um compromisso, então eles precisam ter esse compromisso. (Tétis)

Então, eu acho que a primeira coisa é identificar os pontos que são negativos, que aí eu não posso identificar um ponto negativo naquilo que eu não consigo enxergar, né, se for meu como eu vou conseguir melhorar se eu não consigo enxergar que tenho um ponto negativo. Estrutural é mais fácil, de ser apontado, quando você diz, ah! Eu não consigo da um aula prática direito por que eu não tenho material suficiente, eu não tenho estrutura de laboratório suficiente, então aí você está apontando pontos estruturais da universidade que podem ser melhorados com aquisição de material, com verba pra isso, mas quando é pessoal, é preciso as vezes que alguém mostre. (Febe)

Para elas os principais pontos a serem revistos são os que têm relação com os aspectos pedagógicos, principalmente a atuação dos professores, assim como as metodologias utilizadas por eles e disponibilizadas pela faculdade. As sugestões das entrevistadas versam sobre a adaptação dos materiais e mais fácil acesso destes aos alunos, além da preparação adequada dos professores, para aqueles que receberam os alunos com deficiência, sugerem também que ocorra uma maior integração entre professores e alunos, em formas de reuniões antes do início do período.

#### **4.3.3 Influencia de Têmis, a intérprete**

Como já mencionado, a UFS, para aplicar o que pede a Lei sobre a inclusão de alunos com deficiência, amparada com programas como o Inlcluir do MEC e o DAIN, disponibiliza para estes alunos serviços e produtos para possibilitar seu acesso e permanência. No caso da Tétis, logo nos primeiros períodos de aula ela foi comunicada que seria acompanhada por uma intérprete de LIBRAS, que seria acompanhada por Têmis. Ao conviver com Tétis nos

primeiros períodos do curso podemos notar que Têmis desempenhou uma influência positiva, e isto podemos verificar nos relatos das entrevistadas.

É... não vou deixar de falar assim, de uma amiga de modo especial [...] Têmis, quando eu entrei aqui, essa profissional, interprete, eu não sabia, que tinha direito a esse tipo de ajuda, recebi um email: ‘oi, eu sou intérprete, vou acompanhar você’. Aquilo pra mim foi um impacto, eu nunca tive isso na escola, então assim, ela me ensinou a ver: ‘Tétis, você tem dificuldade nisso, mas isso não é um motivo pra você desistir, vá!’ ela ficava sempre ali: ‘que é isso Tétis, desistir, você não vai desistir não!, vá!’, e ela foi me motivando muito. (Tétis)

[...] quando ela chegou na universidade, eu fui com ela (referência a Tétis), então e ela teve medo, ela se assustou, ela achou que não iria conseguir, ela pensou em desistir, então, é... por isso que eu falo na inclusão como um fato, por que se no primeiro momento ela não tivesse Têmis, ela teria desistido, por que ela achava que ela não ia conseguir. (Réia)

[...] a pessoa que acompanhava Tétis [referência a Têmis] ela era alguém que se eu hoje tivesse condições, eu pagava ela para acompanhar Tétis. Têmis era maravilhosa, e trazia aquele conceito, do companheirismo, do... porque muitas vezes as pessoas acham que ser o acompanhante, que elas agora chamam assim, é você só ir lá, tá perto, se for só pra ter alguém perto dela ela vai levar um cachorro, bota o cachorro lá e deixa ele lá, porque é assim que eles estão tratando ela [...] (Réia)

Através dos relatos acima de Tétis e Réia observamos, que Têmis esteve ao lado da licencianda cumprindo além da tarefa de ser intérprete de LIBRAS, ela se tornou uma amiga que estimula o desenvolvimento da autonomia ao longo da inclusão da aluna. Conforme Pereira (2008) este tipo de intervenção que Têmis desenvolveu no seu trabalho como intérprete, está dentro de um modelo de atuação desses profissionais, denominado modelo do Aliado, onde o intérprete deve se aliar ao aluno com DA ou surdez favorecer seu desenvolvimento e seu empoderamento, mantendo assim uma interação dialógica de mútua aceitação.

Ao conhecer Tétis, Têmis percebeu que apesar de possuir a deficiência auditiva, Tétis não sabia LIBRAS, mas que ela fazia leitura orofacial ou labial, e teve a sensibilidade de ajudá-la nas aulas, não através da tradução pela LIBRAS, mas sim desenvolvendo um mecanismo próprio para elas. Têmis também se disponibiliza para ensinar alguns sinais de LIBRAS em horários extras aos acompanhamentos da aluna, porém essa proposta acaba não dando certo:

Então, eu assim, fiz de tudo, assim, ajudei ela de uma forma e de outra, como ela não sabia LIBRAS, eu tentei fazer de outra forma, então eu oralizava, quando o professor estava de costas eu tinha que ta falando, né, e eu percebia que tinha alguns professores que não se sentiam bem, mas o meu papel era aquele, assim, tanto oralizava, quanto copiava as coisas, algumas explicações, foi o que também ajudou muito a ela. (Têmis)

Então.. eu disse: ‘Tétis, vamos ver se a gente marca, assim, fora do horário de aula, assim, alguns sinais pra eu ir te ensinando e pra você, pelo menos o básico do básico. Aí ela me disse: ‘olhe Têmis eu penso em depois fazer um curso de LIBRAS’. Mas assim, ficou só nesse fazer, a gente marcou algumas vezes, mas não concluímos. (Têmis)

De acordo com Pereira (2008) Têmis desenvolveu com o seu trabalho um papel de intérprete duplicador replicador. Ainda segundo a autora duplicador replicador é:

a pessoa que duplica a fala vocal de outra pessoa para deficientes auditivos que não se sentem proficientes ou confortáveis com a língua de sinais. Não é uma interpretação interlíngua, pois o duplicador posiciona-se de frente para a pessoa deficiente auditiva e, literalmente, reproduz, na mesma língua, tudo o que ouve, com uma articulação cuidadosa. (PEREIRA, 2008, p.143 e 144).

Têmis enfatiza que quando conheceu Tétis, ela era mais retraída e com o passar do tempo, ela começou a mudar, a perder um pouco a insegurança e se posicionar mais frente aos colegas e professores, inclusive reconhece sua interferência nesse processo, pois sempre buscou incentivá-la.

Assim, no período de tempo que trabalhei com ela, antes ela era mais retraída, ela ficava com aquele medo, eu conversando com ela também, e eu percebi que ela começou a mudar, começou a falar mais, por que antes ela era um pouco retraída, aí depois ela falou: ‘Têmis, agora eu estou mais, assim depois que você começou a me acompanhar eu estou me sentindo assim mais, assim, mais aberta pra isso e aquilo, agora eu estou me desenvolvendo melhor’, e realmente, até os colegas dela tavam falando: ‘Tétis você ta mais assim, mais extrovertida’, e foi isso. (Têmis)

[...] teve um momento que teve um seminário, aí o pessoal, era uns quatro se não me engano, aí parece que um faltou, aí o outro, dizia, ‘eu não trouxe’, ‘eu não trouxe’, aí eu disse: ‘Tétis você vá!, Vá Tétis você é capaz!’, aí ela: ‘não Têmis! Todo mundo vai mangar de mim!’, aí eu: ‘não, vá, que você vai conseguir!’, pois ela foi, explicou, fizeram perguntas, ainda ficou meio assim, mas conseguiu, aí eu disse: ‘tá vendo que você é capaz!’. Aí por isso ela fala: ‘Têmis que bom que você foi me incentivando assim, dando apoio.’ (Têmis)

E de uma relação profissional se estabeleceu uma amizade, entre aluna e intérprete.

[...] até hoje de vez em quando a gente conversa. (Têmis)

#### **4.3.4 O preconceito/ discriminação**

O preconceito, junto da discriminação e a desinformação se configuram em barreiras atitudinais durante a inclusão da PcD em variados contextos da vida (BATISTA; FRANÇA, 2007). E segundo Cruz (2016) transpor estas barreiras não é uma tarefa fácil:

Romper com o paradigma construído na sociedade durante anos através dos preconceitos, menosprezo, exclusão, segregação, ao advento do progresso de inclusão de todas as pessoas em situação de risco, minorias, pessoas com deficiência, idosos ou pessoas em situação de vulnerabilidade, não é algo fácil de ser exercido, realizado (CRUZ, 2016, P. 27)

Ao possuir duas deficiências, Tétis não ficou isenta de situações de preconceito tanto no decorrer da sua trajetória de estudos na educação básica, quanto na superior, ao longo do curso de Biologia. Sua mãe, Réia, trás alguns momentos nos quais o preconceito ocorreu na escola:

[...] porque a gente sabe que o preconceito era muito grande. É nós vivemos o preconceito de ter pais que... não querer que o filho ficasse na sala que Tétis estudava.

A gente viveu preconceito no segundo grau, o professor me chamou e disse que ele não queria ela na turma dele, porque tinha que ir para uma escola de deficiente. E se ela já tinha chegado ali até o terceiro ano não era ele que ia ser a pedra né? (Réia)

[...] sabe aquela hora que a mãe vira bicho, é leão, eu fui uma leoa [...] engraçado é que eu acho que o pai dela é um homem forte né, e ela disse que o professor disse: ‘eu pensei que seu pai ia me bater, o cara com um braço, parecendo um lutador’, então ele quando viu que ela tinha uma família, que ela não estava sozinha, a postura dele mudou (Réia).

Percebemos que a família esteve presente na vida escolar e que em momentos como estes defendiam Tétis dos preconceitos, pois acreditam na sua capacidade de crescimento, respeitando assim um importante princípio da Educação Inclusiva, que é a integração. De acordo com Souza (2017), o princípio da integração está em sintonia com os valores de uma sociedade democrática, que preza pela igualdade, participação ativa e o respeito aos direitos e deveres nela estabelecidos.

Ao adentrar na UFS, a situação de preconceito continuou se repetindo, principalmente por alguns colegas, o que gerou exclusão dentro da própria inclusão, como pode verificar nos relatos de Têmis, a intérprete de LIBRAS, que por um tempo esteve com Tétis diretamente em sala de aula.

[...] assim, em grupo, quando trabalhou em equipe, eu observava assim que em algumas disciplinas, muitos excluíam, eu que perguntava: ‘e Tétis, vai fazer o que?’, tinha outros que diziam: ‘não Têmis, mande ela fazer isso e isso’, mas assim ela tentava fazer no máximo, participar, mas eu percebia que o que ela falava muitas pessoas não davam atenção, mas em outros grupos, em outras disciplinas, quando ela tentava socializar aceitavam, entendeu, era assim, entendeu? (Têmis)

Então, teve um momento que ela pegou e começou a dar a opinião dela e ninguém deu ouvidos, aí ela: ‘Têmis, ninguém tá me dando ouvido, aí como é que eu posso?’, aí eu disse: ‘não minha filha, mesmo assim você fale, porque você tem que participar, porque o professor está observando, aí ela ainda tentava falar assim. (Têmis)

Aí um ou outro é que ouvia assim, mas no papel não colocava as opiniões dela, assim pra mim era frustrante, eu não vou negar não, que eu observava e tinha vontade até em falar, mas o meu papel não é esse, né? O meu papel, como é acompanhá-la, eu só estou ali pra observar, e tentar assim ajudar né, na fala, alguma coisa assim que ela precise, mas existia sim discriminação! (Têmis)

A convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência, Decreto nº 6.949/09, reconhece que “a deficiência resulta da interação entre as pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas em igualdade de oportunidades com as demais pessoas”. O que significa dizer que a deficiência não está na pessoa que apresenta uma ou mais deficiências, mas sim na atitude de outras pessoas e no ambiente que ainda não estão adaptados para essa realidade. Quando o ambiente estiver adaptado para os que possuem ou não deficiência, quando as metodologias de ensino

alcançarem a todos equitativamente e quando nossos pensamentos e posturas estiverem despidos de preconceitos, provavelmente haverá um número menor de excluídos dentro da inclusão e haverá um número maior de pessoas que não precisam enfrentar ao longo de suas vidas pressões e olhares de discriminatórios.

O outro, em termos de inclusão, influencia fortemente o desenvolvimento de alunos com deficiência. Ao questionar as participantes sobre quais as dificuldades que impedem Tétis de mostrar o seu potencial, elas trazem que a relação com as outras pessoas e as situações de discriminação geram obstáculos nesse sentido:

Eu ainda acho que é o outro, ela ainda sofre muito com isso, as pessoas excluem o diferente, eu acho que muitas vezes a sociedade tem medo, é como se as pessoas tem medo do que é diferente, é... o ser diferente é complicado, por que as pessoas não lhe vê diferente, elas lhe vê doente, elas lhe vê deficiente, tem pessoas que, que não aceitam até, tem esse ponto de como, teve pessoas que me disse assim: “eu disse a minha filha, se ela não tinha vergonha na cara da sua filha cega e surda tá na universidade e ela normal não tá na universidade”, então você vê que isso é um grau de desrespeito muito grande pelo outro, então eu acho que isso ainda é o entrave, é a trava que barra. Por que existe aquelas pessoas que não vê, tem muitos colegas dela que não vê isso, mas tem uma grande maioria, no primeiro momento na universidade tinha pessoas que implicavam até pela cadeira que ela tinha que sentar na frente, tinha meninas que iam e colocavam a bolsa lá pra ela não sentar. (Réia)

então, eu creio que seja um pouco a vergonha, né do que o outro vai tá falando né, que teve momentos que eu acompanhei, ela ficava explicando, tinha seminário, ela fazendo a parte dela e tinha pessoas que ficavam rindo dela, entendeu, aí depois ela me falava, mas eu sempre assim, conversando com ela pra ela não ligar, porque ela era capaz, se ela entrou na faculdade é porque ela era capaz. (Têmis)

Destacamos que estas observações ocorrem também com alunos que não possuem deficiência e Paranhos (2017) trás essas e outras percepções ao analisar as relações existentes entre as HSE e a inovação em alunos que não possuem deficiência do curso de Biologia da UFS. No caso de Tétis a dificuldade no relacionamento com os colegas está no fato destes desenvolverem atitudes que subestimam, implicam e desdenham que não podem ser mudadas por leis ou decretos, elas são modificadas de dentro para fora do ser, quando pessoas que apresentam estas posturas reconhecerem as consequências negativas que surgem destes pensamentos e comportamentos. Fernandes (2014) as situações de preconceito e discriminação vivenciadas pelas PcD podem ocasionar uma baixa autoestima, e um sentimento de incapacidade diante da vida em sociedade.

O que notamos, com estes relatos de situações preconceituosas é que a Educação Inclusiva de pessoas com deficiência, mesmo embasada por Lei e tentando ser concretizada através do oferecimento de serviços e recursos pelas universidades, ela ainda precisa vencer uma importante barreira, a atitudinal. Esta não é derrubada através da criação de novas leis ou

da oferta de recursos necessários à inclusão, esta se derruba através da mudança do pensamento e das ações que cada cidadão tem diante da diferença do outro.

Todavia mesmo dentre todas essas observações Tétis, contou com o incentivo, de sua família, de Têmis e de uma amiga que a acompanhou desde o início do curso e está ao seu lado até hoje.

Eu observei que a única pessoa que ficou com ela foi uma colega nossa, que até hoje eu tenho contato com ela, que foi a única que viu a discriminação que o pessoal tinha, que essa foi, que deu o maior apoio a ela, e que até hoje as duas vivem juntas. (Têmis)

Percebemos que preconceito e discriminação marcaram a vida escolar e acadêmica de Tétis, mas também notamos que a família e algumas amigas a ajudaram a passar por essas dificuldades, contudo necessitamos salientar, que um dos principais fatores que está colaborando para a sua vida universitária é o progressivo desenvolvimento da autonomia.

#### **4.3.5 Autonomia na inclusão**

Para todos os alunos, mas de forma especial, para aqueles que apresentem alguma deficiência o ingresso ao ensino superior representa uma motivação em sua vida, principalmente por possibilitar ter um emprego e desenvolver a autossuficiência (CRUZ, 2016)

Parte da autonomia que Tétis aprendeu a desenvolver ao longo de sua vida acadêmica está no fato de que na universidade, distante relativamente da família, ela pode ter algumas responsabilidades que na convivência familiar não aconteciam devido aos episódios de superproteção, ou por falta de oportunidade.

Eu acho que a universidade fez ela crescer, por que ela vive num mundo, ela vivia numa cidade do interior, é um termo assim, figurado, e ela foi morar numa capital, então isso é uma mudança muito grande, ela teve muito medo da universidade, entendeu [...] (Réia)

[...] pra mim aqui era uma selva, por que aqui eu estava em perigo, porque não tinha meu pai, não tinha minha mãe perto, meus pais sempre foram muito..., se acontecesse alguma coisa, eles estavam ali perto, interferindo, e aqui eu precisei me virar sozinha, eu comecei assim não, eu vou ficar levando... minha mãe dizia: “ah, eu vou lá na universidade.”. Eu disse: “não, não!”, por que eu pensava assim, poxa eu já tenho idade, já pra tentar resolver, eu preferia ficar sofrendo ali, pra tentar acostumar, na escola sempre tive ela, se o professor fazia alguma coisa, fizesse algo que me deixasse desconfortável, ela resolvia, então eu tava acostumada a isso, qualquer problema que acontecesse na escola, aqui na universidade eu tive que aprender a lidar, foi um impacto pra mim, a relação com as pessoas, com os colegas. (Tétis)

a universidade me trouxe uma oportunidade de sair mais de casa, por exemplo, porque eu era muito caseira, não saía com os amigos, então comecei a ter mais amizades, é... essa experiência contribuiu bastante pra questão da relação, é... essa questão do estágio, essa questão de disciplinas, que faz com que a gente faça viagens, eu nunca tinha feito viagens, minha mãe sempre foi superprotetora: “aí, não vai por que alguém pode empurrar ela num rio, alguém pode isso, alguém pode aquilo”, a universidade, ela praticamente foi uma porta aberta para as novas experiências. (Tétis)

Para Tétis a universidade representa um novo mundo, no qual ela duelou com sentimentos de receio e liberdade, pois ao mesmo tempo que se enxergou longe da família, isso a assustou, porque a partir de então, ali ela estaria por si mesma, com um misto de liberdade pois, pode conhecer novos ambientes, pessoas, lugares, que talvez apenas no núcleo familiar não conheceria. Enfatizamos que estes sentimentos são comuns também para jovens que não possuem deficiência, e é nesse sentido que Texeira et al. (2008) realçam que a entrada do jovem no ensino superior simboliza uma mudança abrupta em suas vidas, isto porque as demandas da academia trazem mudanças, o que requer um maior esforço por parte dos jovens em direção da adaptação a essa nova fase.

Essas mudanças atribuídas a vida acadêmica torna-se mais difíceis de serem concretizadas a depender das relações familiares dos estudantes, neste viés Glat (1996) destaca que a família pode exercer um papel durante a integração social da PcD em dois aspectos, o da facilitação ou impedimento. Entendemos que quando a autora fala em facilitação é fazendo referência as PcD que são estimuladas a ter autonomia pelas suas famílias, o que facilitará sua inserção em contextos sociais diferentes do familiar e quando ela fala em impedimentos, relaciona a superproteção que dificulta a participação ativa da PcD em sociedade. No caso de Tétis, vimos, em momento anterior, que em sua família esteve presente estes dois estímulos, a autonomia e a superproteção.

O desenvolvimento da autonomia, a fez mudar não apenas em conceitos, mas também em posturas e passar a ser mais ativa e reivindicar junto aos órgãos responsáveis na universidade, como o DAIN, assim também com os professores, pelo seu direito de educação com qualidade para efetivar sua inclusão no curso.

[...] ela aprendeu a correr atrás do que ela queria, ela vai no DAIN, vai não sei aonde, vai não sei aonde, “Mainha, hoje eu fui e disse que não quero mais aquela menina (referente a bolsista que a acompanhava), porque ela está me fazendo mal”, então, ótimo, ela aprendeu, você não pense que me deu vontade de ir lá, dizer: “hoje quem vai sou eu, hoje eu vou”, mas só que aí eu espero, eu quero ver até aonde ela vai, que quero ver o que ela vai fazer, entendeu, por que eu quero que ela cresça como ser humano e como pessoa. (Réia)

[...] Eu soube que ela foi várias vezes lá [faz referência ao DAIN] conversar, mas infelizmente ficou do mesmo jeito. (Têmis)

Eu tenho muita dificuldade com professores da área de exatas, eles são muito incompreensivos, eu peço: “olhe, por favor, na hora de explicar o assunto eu peço, tente, faça um esforços para virar pra frente”, não adianta, é o mesmo de não ter falado nada, então... é como se essa realidade está muito distante deles. Vou ficar avisando toda hora, cansa todo momento, todo dia, toda hora, toda semana, eu fico até sem graça, com vergonha. (Tétis)



Podemos assim observar que apesar de percebidas as dificuldades, Tétis as utilizou não como obstáculos para a autocomiseração, mas ao contrário como mola propulsora para o desenvolvimento de sua autonomia, indo a busca do que faltava ou não estava em consonância para a sua efetiva inclusão, assim reivindicando um direito que lhe é atribuído por lei. E exemplos como o de Tétis podem ser encontrados em outras pesquisas como a realizada por Mansini e Bazon (2005), com estudantes universitários que apresentam alguma deficiência, dentre elas a visual, auditiva e paralisia cerebral. Os autores destacam que esses alunos ao vivenciarem algumas dificuldades, como não ter as adaptações necessárias para a aprendizagem ou até mesmo sofrerem tentativas de impedimento ao ingresso na universidade, buscaram seus direitos e denunciaram tais fatos. A maioria dos alunos desse estudo considera importante para a sua inclusão efetiva nos cursos superiores a aceitação da deficiência, a persistência para superar as dificuldades presente ao longo do processo e as atitudes em direção à autonomia (MANSINI; BAZON, 2005).

#### **4.4 Indicadores das habilidades socioemocionais de Tétis**

O desenvolvimento das HSE ocorre ao longo de toda a vida do indivíduo, e são aprendidas nos diversos contextos, através das interações sociais, sendo elas, importantes para a formação do sujeito emocionalmente saudável (Rosin-Pinola, et al., 2017).

Diante disto enfatizamos que este momento da análise será responsável por identificar e descrever quais as principais HSE que Tétis apresentou ao longo dos relatos de todas as entrevistas. Destacamos também, que esta análise baseou-se nos constructos latentes, Big Five, proposto por Santos e Primi (2014). Frente a estas cinco categorias analisadas, detectamos as três que foram mais expressivas, ao apresentarem frequências significativas nos relatos, sendo elas respectivamente, conscienciosidade, extroversão e cooperatividade.

A dimensão *abertura a novas experiências*, relacionou-se com a capacidade de Tétis vivenciar e experimentar novas situações e desafios, ao longo da vida pessoal e acadêmica. Ela foi a menos expressiva, as entrevistadas trouxeram a curiosidade, como a habilidade que obteve destaque.

A dimensão *conscienciosidade*, pautou-se no compromisso que Tétis assume frente as responsabilidades nos diversos contextos de sua vida, dentre as HSE podemos citar a responsabilidade, organização, perseverança e dar destaque a autonomia, que foi trazida por todos as entrevistadas como ponto forte da licencianda.

Na dimensão *extroversão*, notamos nos relatos as habilidades que podem potencializar ou bloquear as interações de Tétis em diversos âmbitos de sua vida, trazendo como principais as relacionadas a sociabilidade e autoconfiança.

Na dimensão *cooperatividade* identificamos discursos referentes ao relacionamento de Tétis com os colegas do curso e demais pessoas do ambiente acadêmico, as habilidades mais relevantes foram predisposição a participar de trabalhos em grupo, simpatia e altruísmo.

Na dimensão *estabilidade emocional* notamos que as entrevistadas discorrem sobre as características de Tétis em situações que podem fugir do controle, dentre as habilidades citadas, podemos destacar calma e insegurança.

#### **4.4.1 Abertura à novas experiências**

Essa dimensão diz respeito ao indivíduo ter disposição e interesse para vivenciar novas experiências, estar inserido em novos contextos e requer algumas características dos mesmos, como, curiosidade, imaginação, criatividade e prazer pelo aprender (ABED, 2014). Notamos pelos relatos que Tétis vem desenvolvendo esta dimensão, ao mostrar-se curiosa e demonstrar prazer em aprender como podemos notar nos relatos de sua professora Febe:

Ela tem grande sede de aprender, ela quer aprender, ela quer fazer as coisas, ela gosta do que ela está fazendo, então eu noto que isso motiva, ela está como observadora, pra não dizer uma estagiária voluntária num laboratório de um colega, do professor Paulo, ela não tem nenhum vínculo com bolsa de pibic, nem nada, mas, ela aceitou ficar assim, só observando o que os outros colegas estão fazendo até que surja a vaga para conseguir o estágio, por que ela quer aprender, eu acho que essa sede de aprender, motiva a cada dia ela está aqui, é tentando superar essa limitações e continuar fazendo o curso. (Febe)

Ela é curiosa e ela gosta de aprender, uma característica dela é que ela gosta de aprender, então ela vai procurar aprender aquilo, aquela novidade, que ta sendo colocada em sua frente. (Febe)

Aula prática por exemplo, ela era uma das alunas que ia pra frente mesmo da bancada e que botava a mão na massa, pessoalmente na disciplina em que eu ministro, [...] então, quando a gente tem grupos, geralmente dois, três botam a mão na massa, e os outros observam, ela é aquela aluna que põem a mão na massa, então em várias aulas práticas ela tava ali, fazendo e perguntando e anotando, então ela é assim. (Febe)

Possivelmente a presença tímida dessa HSE em Tétis possa estar relacionada às dificuldades enfrentadas pela licencianda logo ao adentrar a universidade, o que pode comprometer seu bom desempenho no curso, e compreendemos ainda que a vivência familiar esteja relacionada a tal observação. Isto porque em alguns momentos ao longo da sua vida familiar ela passou por algumas situações de superproteção e também preconceito, o que pode ter gerado uma barreira para a abertura à novas experiências. É nesse sentido que Foreman (1989) alega que os jovens que possuem deficiência adquirem sua identidade social de forma

mais tardia e sentem dificuldades em integrar-se a novos contextos devido à superproteção vivenciada por parte da família.

Todavia, com a entrada na universidade, Tétis possa gradativamente se mostrar mais aberta às novas experiências, pois segundo ela, a vida acadêmica esta lhe possibilitando ter novas oportunidades de conhecer lugares e pessoas:

é... as experiências estão contribuindo muito, por que a universidade me trouxe uma oportunidade de sair mais de casa por exemplo, por que eu era muito caseira, não saía com os amigos, então comecei a ter mais amizades, é... essa experiência contribuiu bastante pra questão da relação, é... essa questão do estágio, essa questão de disciplinas, que faz com que a gente faça viagens, eu nunca tinha feito viagens, minha mãe sempre foi superpretetora [...] a universidade, ela praticamente foi uma porta aberta para as novas experiências. (Tétis)

#### **4.4.2 Consciência**

Ser consciente exige do indivíduo que ele tenha cuidado, responsabilidade e perseverança em suas ações, o que possibilita que os sujeitos sejam autodisciplinados, organizados e não se deixem desviar de seus objetivos por impulsos distrativos (PALMA, 2012).

Dentre as habilidades que mais se destacaram em Tétis dentro deste domínio podemos citar a responsabilidade, autonomia e organização, que relaciona-se a capacidade de Tétis em assumir seus compromissos de forma responsável e disciplinada, talvez a ênfase no desenvolvimento dessas habilidades seja uma tentativa de superar as barreiras impostas pela interação com o outro e o ambiente que ainda não estão adaptados a sua deficiência, como exemplo as situações de preconceito com os colegas de turma e as dificuldades pedagógicas vividas na vida acadêmica.

Visualizamos pela história de vida da licencianda que apesar de ter vivenciado episódios de superproteção, ela conviveu com uma frequência maior com situações de incentivo ao desenvolvimento da autonomia, além do reforço constante da sua capacidade. Devido a isto acreditamos que estas habilidades relacionadas à conscienciosidade possa ter uma forte influência da família, principalmente de sua mãe, que sempre enfatizou para ela o quanto acreditava no seu potencial de crescimento.

Quanto a ser responsável notamos que Tétis e Febe enxergam essa responsabilidade por que ela reconhece que seus atos estão sujeitos a consequências, e com isto tenta agir de forma correta, o que é um sinal positivo para seu desenvolvimento no curso:

[...] eu sempre tive essa preocupação com essa questão da responsabilidade diante de tudo que eu estava fazendo, eu sei que tudo que eu fizer dentro da universidade ou fora eu tenho responsabilidade pelas consequências, uma decisão, por exemplo, é muito importante pensar bem, é... essa questão... eu, nunca tive dificuldade assim, é tanto que a responsabilidade né, cuidar da família, cuidar de si própria, é aprender a ser responsável por si mesmo, é... pra mim não foi muito difícil. (Tétis)

[...] Ela é responsável, como eu falei, ela é assídua, ela é pontual, se ela faltar por algum motivo ela manda recado. Sabe, ela tem direito a faltar, por exemplo, mas ela faz o possível para entrar em contato com um aluno, um colega de trabalho pra explicar por que que faltou, depois ela encontra você no corredor e ela vai te justificar, então ela é uma pessoa muito responsável. (Febe)

Enquanto que sua mãe Réia e Têmis, enxerga a responsabilidade da licencianda diante do seu comprometimento com o outro e os diversos contextos de sua vida. A responsabilidade dentro desse viés possibilita a Tétis adentrar em outra habilidade, que é a cooperação, com os colegas, intérprete e professores, revelando seu sentimento de pertencimento ao grupo, superando seus medos e vergonhas para o bem comum.

Tétis, quanto a responsabilidade eu dou dez a Tétis, ela é muito responsável, ela é muito, muito responsável, ela é muito comprometida com as coisas, com as pessoas, com a vida com tudo, eu lhe digo a você que não tem como dizer diferente, eu seria injusta se eu dissesse diferente. (Réia)

[...] teve um momento que teve um seminário, aí o pessoal, era uns quatro se não me engano, aí parece que um faltou, aí o outro, dizia, 'eu não trouxe', 'eu não trouxe', aí eu disse: 'Tétis você vá!, Vá Tétis você é capaz!', aí ela: 'não Têmis! Todo mundo vai mangar de mim!', aí eu: 'não, vá, que você vai conseguir!', pois ela foi explicou, fizeram perguntas, ainda ficou meio assim, mas conseguiu, aí eu disse: 'tá vendo que você é capaz!'. Aí por isso ela fala: 'Têmis que bom que você foi me incentivando assim, dando apoio.'" (Têmis)

Nóvoa (1992) considera que a formação docente deve incentivar o desenvolvimento de professores reflexivos, que assumam a sua responsabilidade neste processo, de forma que os mesmos adquiram autonomia e possam tornar-se protagonistas na sua formação.

Neste sentido destacamos que todas as entrevistadas relatam sobre a autonomia de Tétis, e conforme sua professora Febe, esta autonomia está relacionado ao fato de que Tétis não se utiliza das suas deficiências para obter benefícios:

Então, a força de vontade, né, responsabilidade, comprometimento, e como eu poderia expressar, esse sentimento que ela tem de não se apoiar na deficiência para que ela consiga obter êxito. Então esse talvez seja a característica mais forte que ela tenha, dela não se apoiar na sua deficiência e se esforçar pra seguir adiante e obter êxito. (Febe)

[...] eu acho que essa sede de aprender, motiva a cada dia ela está aqui, é tentando superar essas limitações e continuar fazendo o curso. (Febe)

Além de não utilizar-se das deficiências para buscar vantagens, Tétis, desenvolve a autonomia para reivindicar direitos que lhe são garantidos, sendo outra prova da ausência da

autocomiseração, o que possibilita, por sua parte, que seu processo de inclusão possa ocorrer efetivamente.

Mas atualmente o pessoal tá bem diferente, por que eu aprendi a ter mais autonomia essa coisa de falar, de me defender, de expressar opinião, então, hoje, eles se surpreender comigo [...] (Tétis)

[...] não, tipo assim, eu perco as informações, como é que eu faço pra lidar com isso, vou procurar ajuda, vou lá no DAIN, faço solicitações, ‘olhe eu preciso de um aluno que me ajude nesse aspecto, nesse aspecto’, até o próprio bolsista, eu peço, ‘olhe me ajude’ [...] (Tétis)

[...] por que ela (faz referência a Tétis) é muito dona da situação, Tétis é muito... e então, depois a gente conversa, a gente conversa, as vezes a gente briga como toda mãe comum, a gente tem pensamentos diferentes, a gente tem posturas diferentes, cada uma tem uma forma de ver a vida [...] (Réia)

[...] muitas vezes ela diz: “mãe, você não quer que eu faça isso, mas quando você não estiver aqui eu não vou ter que fazer?!” e isso me faz perceber que isso é um desejo dela, ela quer, é o querer. (Réia)

Notamos que a convivência com a família possa ter influência nesta HSE, visto que sua mãe não entrou com recursos para aposenta-la alegando que não queria limitá-la, pois considerava que fazer isso estaria caminhando para estagnar o desenvolvimento de Tétis, e fez isso motivada pela certeza de que sua filha conseguiria estudar e trabalhar através dos seus próprios esforços. De todas as HSE necessárias para um bom desenvolvimento no curso e inclusão de alunos com deficiência, certamente a autonomia, seja a mais relevante. De acordo com o documento orientador do programa Incluir do MEC, o desenvolvimento da autonomia favorece a plena participação de estudantes com deficiências na educação superior, o que maximiza seu desenvolvimento acadêmico e social (BRASIL, 2013).

Tétis é também considerada organizada, de acordo com sua mãe e a intérprete, porém ela não se considera muito organizada, porque como tem muitos compromissos, ela sente que isso atrapalha sua organização:

[...] na verdade, quando eu entrei na universidade eu senti dificuldade de ser organizada, por que tem uma influência sim, no sentido da família, comecei a cuidar da minha avó na época que eu estava me preparando para o vestibular, então foi um impacto eu ter que conciliar a universidade ao cuidar da minha vó, eu ficava muito cansada, eu comecei a pegar poucas disciplinas, é um dos motivos que me levou até a ficar muito tempo aqui na universidade, já era pra ter me formado já, então eu tive dificuldade de me organizar, até hoje, não sou uma pessoa organizada, sempre eu aproveitando circunstâncias, oportunidades, vai ter uma atividade pra fazer, muitas vezes, é... eu ficava acordada até madrugada, amanhecer o dia, por que eu não tinha condições, tempo pra isso, eu não posso dizer que sou organizada. (Tétis)

[...] eu acho que ela é organizada, agora eu acho ela ainda assim, que as vezes ela precisa que alguém vá lá e diga: “ei, para aí!”, que as vezes eu acho que quando ela se envolve em uma coisa ela vai com tanta determinação, que as vezes precisa que alguém ajude ela a puxar o freio e voltar um pouco, e ir devagar, mas eu acho que ela é organizada, do jeito dela né, por que cada um tem sua particularidade. (Réia)

[...] ah, muito organizada! Muito organizada! Ali é fora de série, tudo que ela faz é tudo perfeito. (Têmis)

Todavia devemos destacar que essa dificuldade que Tétis afirma em ser organizada está relacionada às diversas obrigações e responsabilidades que Tétis assume ao longo de sua vida, tanto pessoal, quanto acadêmica. Dessa forma consideramos que o senso de responsabilidade, gera grandes atribuições a Tétis, o que pode refletir negativamente em outra habilidade importante para a formação de professores, que é a organização. Todavia destacamos, que apesar das dificuldades advindas das inúmeras tarefas, ela mostra-se organizada e muito disciplinada, e podemos perceber no fato dela cobrar-se e mesmo diante de tantos compromissos ainda considerar que poderia fazer melhor diante da habilidade organização. Nesse viés Paranhos (2017, p. 56) destaca “cobrar-se para ser responsável e organizado são atributos que contribuem acentuadamente para o progresso individual”.

A habilidade perseverança também apareceu nos relatos e refere-se ao fato dela não desistir de ir à busca dos seus objetivos:

[...] sim me dava um certo conforto, isso estava muito vinculado também assim, minha família sempre foi muito voltada pra fé, eu aprendi muito cedo isso, eu associei com muita convicção até hoje, tenho muita fé em Deus, então... uma outra situação que tem me ajudado muito a superar até hoje. (Tétis)

E primeiro que Tétis acredita muito que o diferente pode ser diferente, mas sem perder sua capacidade, eu acho que esse é um dos fatos que ela trabalha muito isso [...] (Réia)

Acho que força, força de vontade, isso aí. São tantas coisas que na hora foge a mente, por que ela é um jovem muito determinado, sabe o que é você (faz referência a Tétis) acordar quatro horas da manhã tomar um banho pra sete horas você tá na universidade, Tétis sai no escuro daqui, eu tenho que ir levar Tétis até o portão, então isso é um esforço muito grande, ela não desiste das coisas, e eu acho que isso de não desistir já é uma característica forte, ela não desiste daquilo que ela acredita, e assim, as coisas que mais mexe comigo [...] (Réia)

Notamos novamente, a interferência da família, isto por que sua mãe sempre esteve confiante, mesmo diante de situações adversas, como enfrentamento do câncer, além de enxergar mesmo em circunstâncias como esta, algo positivo. Lopes, Kato e Corrêa (2002) enfatizam que a família deve observar o estado real de evolução da PcD para melhor ajudar no desenvolvimento das suas capacidades, e nesse processo a perseverança e a paciência são elementos primordiais.

#### **4.4.3 Extroversão**

Conforme Palma (2012, p. 8) a dimensão extroversão corresponde ao “traço que predispõe as pessoas para experimentarem estados emocionais positivos e para se sentirem bem

consigo mesmas e com o mundo”. Para Tétis esse foi o segundo domínio de personalidade mais significativo, e de acordo com os relatos podemos identificar duas importantes HSE, a sociabilidade e a autoconfiança.

Percebemos que a sociabilidade é marcada em Tétis inicialmente pela timidez e introversão, principalmente na infância, resultante das diferenças geradas pelas suas deficiências, como podemos visualizar em seus relatos:

[...] eu sempre fui muito isolada, minha amizade era muito restrita somente a minha família, meu pai, minha mãe, minha irmã. Eu não era uma criança de brincar, por conta dessa questão de ter uma deficiência auditiva, as outras pessoas, as outras crianças, não tinham paciência, falavam comigo, eu não ouvia, eu não interagia, e por conta de, na época, por que eu tenho uma deficiência visual, de cofitalmia, era muito visível, evidente, então aquilo já era um impacto pras outras pessoas, já a situação de diferença se destacava muito. (Tétis)

[...] eu sempre fui isolada, tímida, demais, tinha medo de falar com as pessoas, eu demorei muito, nesse aspecto assim. (Tétis)

Essa timidez pode significar um entrave à inclusão, dessa vez, causado pela própria aluna, o que pode estar relacionado com o fato dela se sentir invisível para a família mais ampla o que favorece sua introversão Pacheco e Ciampa (2006) trazem em sua pesquisa o relato de uma menina com deficiência física (DF), e apontam a timidez como obstáculo ao seu desenvolvimento nos relacionamentos interpessoais e até mesmo nos estudos, pois a mesma tinha vergonha de interagir com os colegas e tirar dúvidas com os professores devido a sua deficiência. Contudo, com o decorrer do tempo, com incentivo da família em direção do seu empoderamento e socialização, e principalmente com o ingresso a universidade, Tétis começou a se tornar mais desinibida e interagir mais com outras pessoas:

[...] foi um impacto pra mim, a relação com as pessoas, com os colegas. Eu demorei muito a fazer amizade, ficava só, isolada, esse comportamento que já vem da família, só dois anos, três anos depois, que eu fui me adaptando, me tornei mais aberta a novas amizades, comecei a participar de laboratório, minha própria amiga dizia: “Tétis vamos, mesmo que você não queira participar, vamos pra você conhecer” (Tétis)

[...] eu acho que no começo ela é muito caladinha, mas depois ela é conversadeira, faladeira, falando no português mesmo, ela é essa pessoa, ela conversa muito, ela fala muito. (Réia)

Assim, no período de tempo que trabalhei com ela, antes ela era mais retraída, ela ficava com aquele medo, eu conversando com ela também, e eu percebi que ela começou a mudar, começou a falar mais, por que antes ela era um pouco retraída (Têmis)

[...] fizeram a confraternização, aí o professor mandou cada um falar se não me engano, aí ela começou a explicar, aí tinha pessoas que começaram a olhar pra ela assim, como se dissesse: ‘oxente Tétis desse jeito!’ uma coisa que ela era assim bem retraída e agora tá mais... aí pronto, ela começou a falar e eu percebi pessoas falando, e outra coisa, depois disso que o pessoal, que ela começou a ‘coisar’ mais, e eu

acompanhando ela eu percebi que algumas pessoas que falavam, assim, dela, começaram a se aproximar mais, entendeu? (Tétis)

Minha relação melhorou, hoje eu sou uma pessoa diferente, eu entro na universidade falando com todo mundo, e não era assim, eu entrava e não falava com ninguém, nem com os colegas da universidade, hoje estou mais aberta “oi, bom dia, boa tarde”, os funcionários se eu não der boa tarde, bom dia, eles chegam perto, alguns sabem que eu não escuto bem: “Tétis, bom dia, tudo bom?, boa tarde!”, eu sinto que eu mudei muito, passei a ser uma pessoa mais acessível. (Tétis)

Outra habilidade que se mostrou significativa nesse processo de desenvolvimento da extroversão, foi a autoconfiança, que passou a se desenvolver quando ela começou a realizar trabalhos como líder e projetos. Acreditamos que foi nesse momento que realmente ela pode enxergar todo seu potencial e perceber que nem sua timidez, tão pouco suas deficiências a limitavam:

[...] e hoje eu estou mais autoconfiante, já “tou” mais assim, eu mesmo procurando experiências novas, não precisa ninguém ficar, “Tétis olhe... você...”, por que eu tinha tanto medo disso, que eu achava que não ia dar certo, sempre esse aspecto, era um pouco pessimista. (Tétis)

é... algo interessante assim, que ta sendo um destaque atualmente é aprender a ter a liderança, até... passei o colegial todo e o ensino médio todo, nunca tive a responsabilidade assim, pra ser líder, pra orientar, aí eu aprendi muito a perceber que eu tenho essa capacidade de assumir um papel que vai desenvolver e orientar outras pessoas, eu não tinha essa autoconfiança, mas isso eu não aprendi aqui, eu aprendi a partir de um vínculo religioso, atualmente eu sou testemunha de Jeová, é... toda a organização da congregação de modo geral tem me ajudado bastante, isso me fez, me tornar alguém mais autoconfiante, essa questão da [...] liderança, é eu tinha medo de assumir responsabilidades (Tétis)

eu percebi nessa situação, a partir do momento que eu fiz o primeiro projeto de uma disciplina onde eu fui líder, [...] o projeto deu certo, e até pretendo futuramente, foi tanto, que eu ganhei essa autoconfiança, que eu pretendo executar, e eu não pensava nisso, foi uma oportunidade enorme e, é... essa questão da relação entre os colegas foi algo que eu aprendi também, algo novo, lidar com pessoas que tem personalidades diferentes [...] (Tétis)

Voltamos a trazer a interação da família como ponto relevante no desenvolvimento da autoconfiança, certo que precisamos relembrar, que essa mesma família em momentos a superprotegeu, porém o estímulo à autoconfiança e autonomia foram mais intensivos ao longo de toda a vida de Tétis. Godin, Morais e Brantes (2014) destacam que fatores motivacionais e emocionais são relevantes no processo de formação docente, na medida em que podem gerar aumento da autoconfiança e automotivação, durante o processo de aprendizagem contínua e construção de novas competências profissionais.

#### **4.4.4 Cooperatividade**



Também conhecida como amabilidade, esta dimensão relaciona-se a tendência do indivíduo agir de forma colaborativa evitando o egoísmo, assim ele apresenta predisposição para o trabalho em equipe, este domínio da personalidade engloba habilidades como, tolerância, modéstia, altruísmo e simpatia (SANTOS; PRIMI, 2014). Nos discursos encontramos que Tétis apresenta boa parte dessas habilidades.

De acordo com a própria licencianda a convivência com os colegas da faculdade fez com que ela desenvolvesse a tolerância por estar interagindo com pessoas que tem personalidades diferentes, em contra partida, fez com que ela saísse da passividade, ao não mais aceitar tudo o que o outro fala para/sobre ela:

[...] essa questão da relação entre os colegas foi algo que eu aprendi também, algo novo, lidar com pessoas que tem personalidades diferentes, pessoas que tem até o linguajar diferente e tal, eu já consigo lidar, consigo expor, vamos dizer assim “isso me incomoda” eu tinha medo de falar o que me incomodava, eu ficava só aceitando, tolerando, não gostei disso, não gostei daquilo, isso me deu mais autonomia. (Tétis)

Sair da passividade é uma iniciativa importante, e demonstra que Tétis está sendo coautora do seu processo de inclusão, o que está inteiramente em consonância com a ausência de autocomiseração, o que pode possibilitar o bom rendimento no curso. E neste aspecto trazemos novamente a influência da família, que desde cedo mostrou para ela que se deve lutar pelos seus objetivos e reivindicar seus direitos, principalmente diante de situações de discriminação e preconceito.

As entrevistadas apontam como características marcantes dentro do domínio cooperação, principalmente a sociabilidade e altruísmo:

Ela conversa muito, ela fala muito, e se preocupa muito com o outro na relação com as outras pessoas, ela se preocupa muito com o seu bem estar [...] então ela tem essa relação com o outro, de dar o melhor dela, então ela tem essa preocupação. (Réia)

Mas as pessoas que convivem com ela que tem mais acesso, geralmente o relacionamento dela com essas pessoas é muito bom, a gente percebe aquela, é... faltou a palavrinha, ã... cumplicidade vamos dizer né. (Febe)

Uma conselheira, e uma das características de Tétis, que as pessoas me falam muito é que ‘eu estava com problemas e Tétis me ajudou’, ‘eu estava assim, e Tétis me ouviu’, tem pessoas que falam assim, ‘sua filha é velha’, por que é uma mente de velho, mas é que ela aprendeu a amar, por que a nossa base na vida, na nossa família era o amor, não importava, o que importa em nossas casas são as pessoas, as coisas não importam, quem tem valor na minha casa é o ser humano, e Tétis levou isso para a vida dela. (Réia)

As características de Tétis... difícil de falar dessas características, eu acho que uma das características de Tétis maior é a bondade, ela é uma pessoa muito boa, amor, ela tem uma compaixão pelo outro imensa, eu acho que é uma das maiores dela, sabe, as vezes eu tenho que dizer: “êpa! Pare aí!”, por que ela, se ela pudesse ela daria o melhor dela a todas as outras pessoas, eu acho que é uma das grandes características. (Réia)

Ao desenvolvimento do altruísmo podemos atribuir o fato dela, ao enfretar suas barreiras, ir naturalmente ensinando a outras pessoas a sua volta, o que foi retornado para ela através de sua mãe.

Embora ela tenha a tolerância, simpatia e altruísmo, ainda assim ela apresenta certa dificuldade em participar de grupos devido a suas deficiências, porque para ela poder compreender e se inteirar de uma discussão em grupo, por exemplo, as pessoas precisam falar, uma de cada vez, pausadamente, e de frente para ela, o que é difícil de acontecer, principalmente quando as pessoas estão numa conversa entusiasmada.

é... tenho dificuldade até hoje, eu tenho dificuldade de participar, por que assim, as pessoas falam ao mesmo tempo, eu não consigo acompanhar o raciocínio, a lógica, então a tendência é eu me isolar, nesse aspecto me isolo, fico observando de longo, procuro, uma oportunidade de, é, me aproximar do professor da professora pra tentar entender o que eu tou fazendo, o que é que eu vou fazer, ontem mesmo teve uma atividade, eu demorei muito pra interagir, fiquei de fora, por muitos minutos até eu ter... chamei a professora, a pessoa responsável pelo material que ela estava aplicando, para uma apresentação, ela me explicou então eu me juntei, e comecei a falar com os colegas, até eu não entender o que eu estou fazendo eu fico de fora. (Tétis)

[...] ela tentava fazer no máximo participar, mas eu percebia que o que ela falava muitas pessoas não davam atenção, mas em outros grupos, em outras disciplinas, quando ela tentava socializar aceitavam, entendeu, era assim, entendeu? (Têmis)

Todavia, apesar dessas dificuldades, Tétis, busca superá-las e quando se envolve numa equipe procura dar o seu melhor, desempenhar tarefas, dar opinião, enfim, interagir com o grupo:

**[...] nas aulas práticas o trabalho dela em grupo é assim muito bom, normal, interagindo [...] sempre com a mão na massa,** mas conversando observando, sempre com a mão na massa, fazendo as coisas [...] (Febe)

**[...] eu acho que ela é observadora, ela é muito observadora, e no fim, quando você acha que ela passou ali e não fez nada, ela vem e bate um carimbo que ele era fundamental,** sabe aquela pessoa que observou e no final fez um laço, ela é essa pessoa, ela é assim. Ela observa, observa e as vezes é, eu vou ter essa atitude, por que eu ainda acho que tem um certo medo das pessoas, ela fica observando, observando e ela aprende e desenvolve um ideia dentro daquele contexto e ela aplica. (Réia)

Notamos que apesar de alguns impasses advindos dos requisitos que suas deficiências demandam as pessoas a sua volta, ela se esforça para pertencer ao grupo e colaborar em igualdades de condições. Esta predisposição à cooperatividade é um dos elementos fundamentais para a formação de professores cômicos e responsáveis, independente da presença ou ausência de deficiência. É seguindo este pensar que Capellini (2004, p. 84) considera:

A cooperação tem por princípio a solidariedade que acentua a autonomia da consciência, a intencionalidade do ato, e por conseguinte, a responsabilidade do

sujeito. Ou seja, nas relações cooperativas, o respeito mútuo é uma exigência e isto resulta no compartilhar com os outros regras e valores, para se definirem conjuntamente as metas para a solução de um problema.

#### 4.4.5 Estabilidade emocional

Esta categoria corresponde ao quanto os indivíduos se aproximam ou distanciam em situações que os tiram da zona de conforto (PARANHOS, 2017). Ou seja, como as pessoas reagem consigo mesmo e com o próximo diante de acontecimentos que fogem do controle.

Para Tétis e sua professora Febe, e a intérprete de LIBRAS, Têmis, ao se deparar com situações que fogem do controle, ela procura manter a calma, que mostra uma estabilidade emocional, porque considera que ficar desesperada não irá solucionar o problema:

Situações que fogem do controle, é... procuro pensar, refletir, não adianta se desesperar, não adianta ficar, é... nervosa, essa não é a solução, nos momentos em que, em situações que podem fugir do controle [...] eu procuro pensar, bom, vou buscar uma saída, eu, é... sempre fui muito tranquila em relação a isso, em situações que fogem do controle eu procuro manter a calma, olhar bem, repetir, pensar numa solução, aprendi com minha família, se eu ficar desesperada não funciona. (Tétis)

[...] na primeira avaliação, por que eu ainda não tinha percebido ainda a maneira de lidar com ela, ela simplesmente fazia a prova, tranquilamente, entregava e ia embora, não dava nem um tipo assim, de uma reação mais forte, ou descontrole, nada. E depois ao contrário, ela se justificava, minha prova foi ruim professora, tive uns problemas e não consegui estudar, a deficiência foi minha, e ela se justificava, ela tem controle das emoções, com relação a isso. (Febe)

[...] Tétis é muito na dela, ela não é assim de tá discutindo, não é de tá, assim que ela ficava ali, mas também ela chegava assim pra pessoal depois e conversava, mas ela não era de tá, assim sabe, gritando, explosiva, ela era na dela. (Têmis)

Todavia, encontramos uma controvérsia, pois, essa não é a visão que sua mãe Réia apresenta a seu respeito nesse tipo de situação, considerando que Tétis fica brava, por apresentar um temperamento forte. Contudo, ainda segundo Réia, após esse momento de desestabilidade emocional, ela busca ajuda com os seus familiares para solucionar essa situação desalinhada:

[...] quando algo foge do controle de Tétis, Tétis é muito brava, ela é brava, brava, brava mesmo, entendeu? E outra coisa, se a situação fugir demais, se for uma coisa fora de casa, não se preocupe que ela vem buscar apoio, é como se fosse um guerreiro que está andando sozinho, mas quando ela vê vem vários soldados contra ele, ela diz eu vou voltar e vou pedir ajuda aos meus, ela faz isso, [...] geralmente a primeira pessoa que ela busca sou eu: 'mãe, isso está acontecendo' ou 'mãe eu tou com medo disso' ou 'mãe, isso aconteceu comigo', entendeu? Ela vai logo atrás da família, eu acho que é o porto seguro dela. (Réia)

[...] eu acho que um ponto fraco de Tétis é o temperamento, ela tem o temperamento forte, ela perdi a estribeira muito rápido, eu não sei se ela disse pra vocês, mas ela tem esse temperamento, é... esse é um dos pontos negativos que eu acho ela precisa aprender a controlar esse impulso que ela tem [...] (Réia)

As controvérsias presentes nesse domínio podem ser justificadas pela razão de que estamos lidando com seres humanos, que mesmo se considerando calmo, existem situações que essas características podem dar lugar a outras, que demonstrem certo descontrole emocional (PARANHOS, 2017).

Notamos também relatos referentes à insegurança, principalmente nas falas de Tétis e Réia. Para Tétis a insegurança tem a ver com as suas deficiências, que faz com que ela tenha um ritmo diferente das outras pessoas, além do medo de assumir responsabilidades que exigem mais atenção.

[...] me deixa insegura, é muita coisa, assim, que me deixa insegura, eu me vejo num comportamento que muitas pessoas assim, tem um estranhamento, porque assim, eu não costumo acompanhar o ritmo, [...] é... e outras coisas que me deixam insegura, é... quando determinados tipos de responsabilidade que envolve muita atenção, eu não faço, nego, não faço, situações que preciso subir uma escada por exemplo, não posso, por que não tenho essa confiança, como eu tenho uma visão só, por que não tenho muita noção de profundidade, altura, na hora que estou subindo uma escada, é... eu tenho insegurança, situações assim mínimas (Tétis)

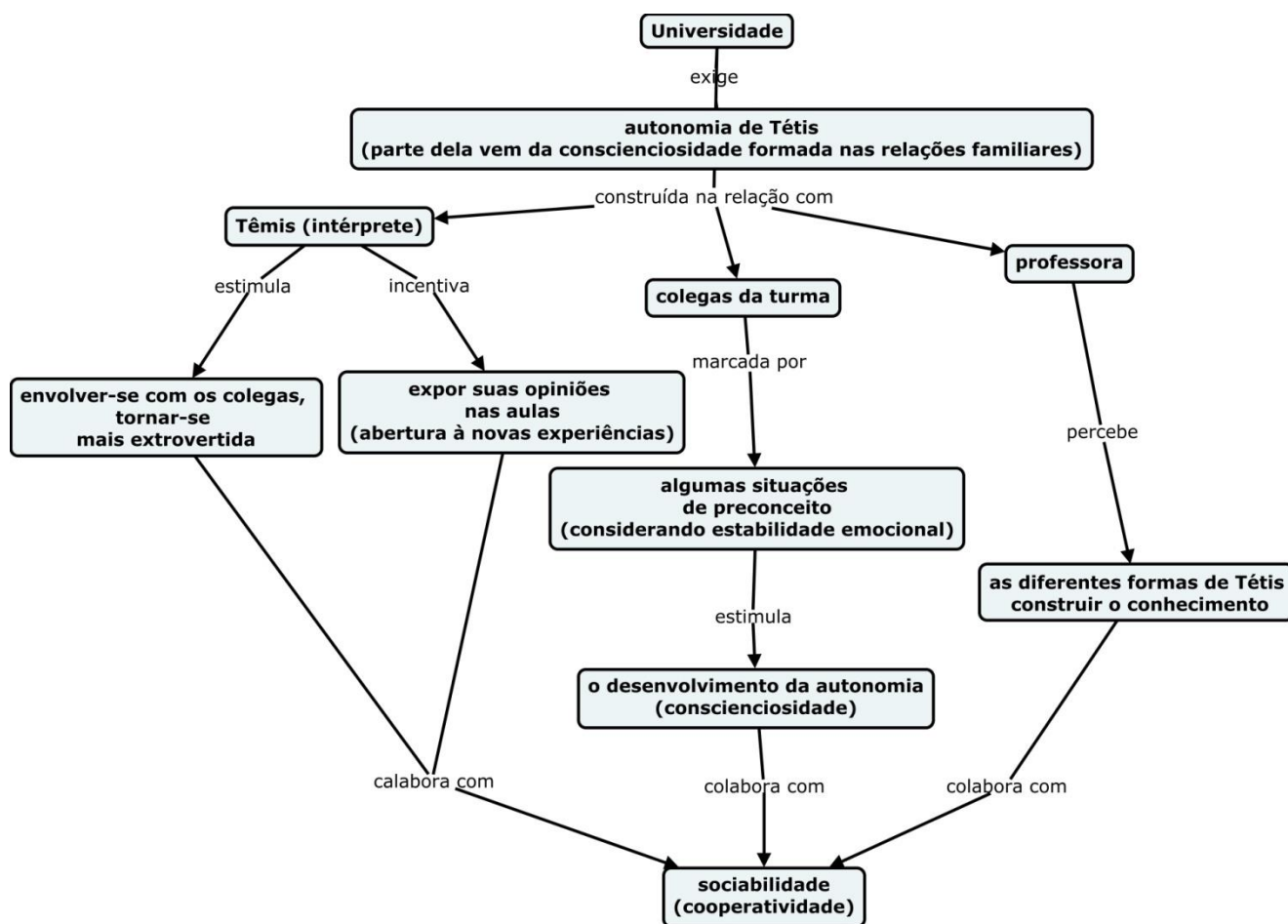
Para Réia, a insegurança está relacionada à interação com o mundo e com o outro, que ainda apresentam preconceito. Conforme Sant'Ana (2005) o preconceito acaba gerando obstáculos diante das relações interpessoais entre os alunos com e sem deficiência. Contudo, devemos reforçar por mais que os direitos das PcD estejam garantidos por leis, e a educação inclusiva seja o paradigma atual da nossa Educação, isso não é o suficiente para a mudança de atitude dos docentes e demais alunos diante das minorias (FERRARI; SKKEL, 2007).

Eu acho que o que deixa Tétis insegura é o medo do futuro, o medo do que vai acontecer, e as pessoas, as outras, o preconceito, a ignorância do mundo, eu acho que isso dá uma insegurança a Tétis. (Réia)

Em contrapartida, destacamos que o preconceito sofrido por Tétis gerou uma força para impressionar as pessoas ao seu redor, o que se mostra relevante para a sua entrada na universidade. Contudo, de uma forma geral observamos que a (des)estabilidade emocional de Tétis é marcada pela calma e ao mesmo tempo pela insegurança diante de situações adversas, o que pode influenciar diretamente no desempenho da licencianda ao longo do seu processo de inclusão e formação.

Percebemos, portanto, que a vivência acadêmica da licencianda colabora para o desenvolvimento de HSE relevantes para sua inclusão no curso, como podemos visualizar no mapa conceitual abaixo:

**Figura 2 – Mapa conceitual sobre habilidades socioemocionais que são construídas ao longo da vivência acadêmica de Tétis.**



**Fonte:** elaborado pela autora

Entre essas habilidades, identificamos principalmente as que estão presentes nos domínios abertura a novas experiências, extroversão e cooperatividade. Contudo, ressaltamos que a conscienciosidade é um domínio que começa a ser construído na vida familiar, mas que continua sendo desenvolvido na universidade.

As HSE que fazem parte das categorias abertura a novas experiências, extroversão, conscienciosidade e estabilidade emocional colaboram para o desenvolvimento da dimensão cooperatividade, e esta aparenta ser a categoria mais complexa de ser construída, uma vez que sofre a influência de todas as outras.

Nesse sentido, essas HSE levam a licencianda a ser cooperativa com o outro e em suas atividades, a buscar superar a timidez, a estar mais aberta a vivenciar novas experiências e a se mostrar comprometida com as pessoas do seu convívio social.

Consideramos que essas são habilidades importantes para a futura atuação docente de Tétis, pois, possivelmente, proporcionarão à licencianda a capacidade de planejar, propor ideias, improvisar, trabalhar em equipe, enfim, o que pode colaborar para que ela se torne uma profissional consciente e responsável.

Conforme as observações feitas, percebemos que abordar as HSE durante a formação docente mostra-se uma alternativa relevante e, de acordo com Godin, Morais, Brantes (2014), os fatores emocionais são importantes no processo de formação docente, na medida em que podem gerar habilidades que favorecem a construção de novas competências profissionais.

## **CAPÍTULO 5- Considerações e perspectivas**

No decorrer deste trabalho procuramos compreender a influência que a família exerce no desenvolvimento das HSE de uma licencianda com deficiência, matriculada no curso de Ciências Biológicas da UFS, e como estas HSE se mostram presentes ao longo de seu processo de inclusão. Para atender a este objetivo destacamos que esta é uma pesquisa de natureza exploratória, com abordagem qualitativa, utilizando para tanto o estudo de caso único. A coleta de dados se deu por meio de entrevistas semiestruturadas, com a presença de um roteiro orientador adaptado de Paranhos (2017) e a análise dos dados foi feita através da Análise Textual Discursiva (ATD) por Moraes e Galiassi (2014).

Inicialmente buscamos conhecer um pouco da história de vida da aluna, a qual denominamos de Tétis, posteriormente, analisamos seu processo de inclusão no curso, e por fim trazemos as principais HSE identificadas, associando-as tanto a influência exercida pela família, quanto com os benefícios/barreiras que estas habilidades lhe proporcionaram ao longo do seu processo de inclusão no curso.

Através dos relatos trazidos podemos perceber que as duas deficiências de Tétis se originaram provavelmente a partir de um parto prematuro com graves complicações, e que para sua mãe a deficiência auditiva e visual não foram consideradas obstáculos para o desenvolvimento de suas potencialidades. No seu núcleo familiar, constituído de pai, mãe e irmã, devido as suas deficiências, ela conviveu com um misto de sentimentos que gerou dois estímulos distintos, o incentivo e a superproteção.

A mãe da licencianda parece atuar como uma catalizadora das questões emocionais, visto que ela lhe aconselhava a lidar com o preconceito de algumas pessoas e estimulava para que ela mesma acreditasse no potencial que possuía. Seu pai a considera muito importante em sua vida, e tem orgulho de suas conquistas, contudo sua atitude mais constante é de superproteção. Notamos também que na relação entre Tétis e a mãe, e o pai existe uma circularidade, na medida em que Tétis tenta encarar com persistência as barreiras advindas do despreparo do mundo diante de suas deficiências, sua mãe busca ter autocontrole e perseverança, enquanto que as conquistas de Tétis são recebidas com alegria pelo pai, que as reverte em gratidão. O autocontrole e persistência da mãe e a gratidão do pai, são percebidos por Tétis, o que favorece seu aprendizado emocional, que irá influenciar no desenvolvimento de suas HSE. Quanto a sua irmã a relação não é de muita cumplicidade provavelmente por que esta desenvolveu algum sentimento que bloqueia a parceria mais íntima entre as duas, o que pode estar relacionado às demandas e exigências que as deficiências de Tétis instituiu a família.



No que se refere à família mais ampla, avôs, tios, primos e agregados, a relação foi difícil, principalmente durante a infância, pois foi marcada por preconceitos, todavia percebemos que essa postura por parte destes familiares promove uma pressão em direção a construção da autonomia, principalmente pelo desenvolvimento da liderança, o que gera visibilidade, pois os seus familiares começam a observá-la de outra forma, não apenas pelo viés das suas deficiências, ou como aquela criança insignificante, mas como uma líder, que orienta e aconselha.

Quanto ao processo de inclusão de Tétis no curso de Ciências Biológicas da UFS, identificamos que a entrada à universidade foi um momento que marcou sua vida, e envolveu diversos sentimentos que permeou entre o receio frente ao desconhecido; e a liberdade diante da chance de conhecer novas pessoas, espaços e desenvolver sua autonomia Destacamos que observações como estas são percebidas também em jovens que não possuem deficiência.

A UFS apesar de apresentar recursos e serviços para a inclusão de pessoas com deficiência, de acordo com nossas entrevistadas, ainda apresenta pontos desfavoráveis, principalmente relacionados à gestão e as questões pedagógicas e metodológicas por parte de alguns docentes, como os da área de exatas, por apresentar um ensino tradicional padronizador, e por todo ensino padronizador ser inadequado à diversidade. Todavia, será que em contextos nos quais o currículo está baseado em metodologias ativas há esse mesmo tipo de problema? Em compensação para Tétis os professores do departamento de Biologia apresentam uma maior disposição em adequar-se a ela, o que favorece sua aprendizagem. Devemos destacar que a aluna vivenciou situações de preconceito por parte dos colegas da turma, o que dificultou sua integração na mesma, pois ela não era incluída nos grupos e em momentos de exposição foi constrangida com risadas. Todavia, devemos enfatizar, que no processo de inclusão acadêmica, ela teve auxílio da intérprete de LIBRAS que a acompanhou no início do curso, a estimulando a integrar-se na turma, participar das discussões e expor sua opinião.

Quanto à responsabilidade diante da inclusão, a aluna considera que fica a cargo da universidade e dos professores, enquanto que a professora do curso acredita que a educação inclusiva cabe tanto a sua responsabilidade, quanto da própria aluna com deficiência. Esta por sua vez com o decorrer do curso, passou a reivindicar por seus direitos, o que é reflexo do progressivo desenvolvimento de sua autonomia após a entrada no ensino superior.

Consideramos, portanto, que o ingresso à universidade possibilitou a aluna novas experiências, o que a fez desenvolver habilidades importantes para sua inclusão neste e em

outros contextos de sua vida social, configurando, por consequência um importante acontecimento na vida da licencianda.

Podemos visualizar nos relatos sobre Tétis algumas destas habilidades como, a curiosidade, prazer em aprender, responsabilidade, autonomia, organização, perseverança, cooperação, altruísmo e sociabilidade. O que proporcionará a licencianda e futura professora, a capacidade de planejar, propor ideias, improvisar, trabalhar em equipe, enfim, o que pode colaborar para que ela torne-se um profissional cômico e responsável.

Destacamos também que parte das HSE observadas em Tétis pode ter sido influenciada por sua família, principalmente habilidades presente nas dimensões abertura à novas experiências, conscienciosidade e extroversão. É nesse sentido que percebemos que os episódios de superproteção exercidos pela família e principalmente pela sua mãe, Réia, gerou algumas barreiras para a abertura à novas experiências. Todavia, maior que a superproteção, foi o estímulo ao seu desenvolvimento, uma vez que o núcleo familiar, sempre frisou acreditar na sua capacidade, o que podemos notar nos domínios conscienciosidade e extroversão.

Dentro destes destacamos a responsabilidade, autoconfiança e ausência de autocomiseração, o que significa passo importante para sua autonomia, pois a licencianda não utilizou da sua deficiência para adquirir vantagens no processo de inclusão, o que correlacionamos com o fato de sua mãe não ter aceitado aposentá-la, quando lhe foi proposto, pois acreditava que sua filha poderia estudar e trabalhar, não necessitando desse auxílio do governo. Trazemos também a habilidade perseverança, como reflexo da confiança de Réia mesmo diante de situações adversas como o enfrentamento do câncer na adolescência de Tétis.

Diante dos aspectos observados, podemos considerar que no caso da licencianda Tétis a família exerceu forte influência na construção das HSE da aluna e que estas habilidades foram e são importantes para a sua inclusão no curso de Biologia e posterior formação.

Desta forma propomos uma reflexão sobre a relevância de considerar o licenciando e futuro professor, através de suas várias faces, o que inclui sua relação com a família, suas emoções, aptidões, interesses e suas HSE, fato que torna-se mais necessário quando estamos lidando com alunos que possuam algum tipo de deficiência. Por fim sugerimos que pesquisas futuras possam abordar a temática da inclusão do aluno com deficiência no ensino superior nos diversos departamentos e cursos, sejam de licenciatura ou bacharelado, da UFS e demais IES do nosso país para que possamos ter noções mais sólidas do processo de inclusão dos mesmos,

de modo estas pesquisas possam colaborar para que as divergências entre o acesso e a permanência destes alunos se minimizem.

## REFERÊNCIAS

ABED, A. L. Z. **O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica.** São Paulo, 2014.

ALMEIDA, A I. M.. **A família e a intervenção educativa face à criança com NEE.** 2012. 123 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) Escola Superior de Educação Almeida Garrett, Lisboa.

AMIRALIAN, M. A deficiência redescoberta: a orientação de pais de crianças com deficiência visual. *Psicopedagogia* 2003; 20(62): 107-15

BANDEIRA, Tatiana TA; MOURA, Maria Lucia Seidl de; VIEIRA, Mauro Luís. Metas de socialização de pais e mães para seus filhos. **Journal of Human Growth and Development**, v. 19, n. 3, p. 445-456, 2009.

BATISTA, S. M; FRANÇA, R. M. Família de pessoas com deficiência: desafios e superação. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**, v. 3, n. 10, p. 117-121, 2007.

BAUER, M. W., GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002

BRASIL. *Estatuto da pessoa com deficiência.* Brasília: Senado Federal, Coordenação de edições técnicas, 2015.

BRASIL. *Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva.* Brasília, 2008

BRASIL. *Programa de Ações Afirmativas da Universidade Federal de Sergipe. Sergipe: Comissão de Permanência.* Sergipe, 2008

BRASIL. *Programa Incluir Documento orientador: acessibilidade na educação superior.* Brasília, DF: SECADI/SESu, 2013.

BRITO, P. R.; VIETIZMAN, S. Causas de cegueira e baixa visão em crianças. 2000.

BRUNHARA, F.; PETEAN, E. B. L. Mães e filhos especiais: reações, sentimentos e explicações à deficiência da criança. **Paidéia**, v. 9, n. 16, p. 31-40, 1999.

BUSCAGLIA, L. F. **Os deficientes e seus pais.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

CAMPOS, Mariana de Lima Isaac Leandro. Educação inclusiva para surdos e as políticas vigentes. **Coleção UAB– UFSCar**, p. 27, 2013.

CAPELLINI, V. L. M. F. **Avaliação das possibilidades do Ensino colaborativo no processo de inclusão escolar do aluno com deficiência mental.** 300f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), São Carlos/SP, 2004

- CASTANHO, D. M.; FREITAS, S. N. Inclusão e prática docente no ensino superior. Santa Maria: **Revista Educação Especial**, n. 27, p. 85-92, 2006.
- CHACON, M. C. M. Aspectos relacionais, familiares e sociais da relação pai-filho com deficiência física. **Revista Brasileira de Educação Especial**, p. 441-458, 2011.
- CLOSS, Keula Maqueli. **Um diálogo sobre a inclusão a partir da gestão escolar e seus atores**. Trabalho de conclusão de curso especialização. Universidade Federal de Santa Maria-RS, 2014.
- CORDEIRO, E. P. LIMA, A. F.; MOTA, M. A. P.; ARANTES, M. M. Promoção de habilidades socioemocionais na educação de jovens e adultos. **Revista Cocar**, v. 10, n. 19, p. 311-334, 2016.
- CORREA, A. B. A. V. **Educação Inclusiva no ensino superior: saberes e práticas dos professores do Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Sergipe**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2016.
- CRUZ, C. L. P. **Tessitura da inclusão na universidade Federal de Sergipe: múltiplos olhares**. 164f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão/SE, 2016.
- CUNHA, A. C. B.; ENUMO, S. R. F. Desenvolvimento da criança com deficiência visual (DV) e interação mãe-criança: algumas considerações. Lisboa: **Psicologia, Saúde e Doenças**, v. 4, n. 1, p. 33-46, 2003.
- DALL'ACQUA, M. J. C. **Tópicos em educação especial e inclusiva: formação, pesquisa, escolarização e famílias**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.
- DE OLIVEIRA, I. G.; POLETTO, M. Vivências emocionais de mães e pais de filhos com deficiência. **Revista da SPAGESP**, v. 16, n. 2, 2015.
- DEL PRETTE, A., DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 399 p.
- DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 206 p.
- DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia escolar e educacional: saúde e qualidade de vida: explorando fronteiras**. 3 ed. Campinas, SP: Alínea, 2008, 219 p.
- DESSEN, M. A.; POLONIA, A.C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007.
- FALKENBACH, A. P.; DREXSLER, G.; WERLER, V. A relação mãe/criança com deficiência: sentimentos e experiências. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, n. 2, p. 2065-73, 2008.

FERNANDES, P. D. **A inclusão dos alunos surdo e/ou deficientes auditivos nas disciplinas do centro de ciências exatas e tecnologia da UFS**. 234f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão/SE, 2014.

FERRARI, M. A.; SEKKEL, M.C. Educação inclusiva no ensino superior: um novo desafio. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 27, n. 4, p. 636-647, 2007.

FERREIRA, M. I. D. C.; CAUMO, D. T. M. Relação entre desvios fonológicos e processamento auditivo. **Rev. Soc. Bras. Fonoaudiologia**, v. 14, n. 2, p. 234-240, 2009.

FIAMENGHI, G. A.; MESSA, A. A. Pais, filhos e deficiência: estudos sobre as relações familiares. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 27, n. 2, p. 236-245, 2007.

FOREMAN, V. L. Importância da educação sexual no desenvolvimento de adolescentes-cegos. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 1989.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas na pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL-PÉREZ, D., CARVALHO, A. M. P. Formação de Professores de Ciências: tendências e inovações. - São Paulo: Cortez, 3.ed. 1998.

GLAT, R. **A integração social dos portadores de deficiências: uma reflexão**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

GLAT, R. **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. 210 p.

GLAT, R.; ANTUNES, K. C. V. Pesquisa em educação especial: reflexões sobre sujeitos, ética e metodologia. In: TAQUETTE, S. R. & CALDAS, C. P. (Org.). **Ética e pesquisa com populações vulneráveis**. Rio de Janeiro: Eduerj, p. 267-292, 2012.

GLAT, R.; NOGUEIRA, M. L. L.. Políticas educacionais e a formação de professores para a educação inclusiva no Brasil. **Comunicações**, v. 10, n. 1, p. 134-142, 2003.

GLAT, R.; PLETSCHE, M. D. Orientação familiar como estratégia facilitadora do desenvolvimento e inclusão de pessoas com necessidades especiais. **Revista Educação Especial**, p. 33-40, 2004.

GONDIM, S. M. G.; MORAIS, F. A.; BRANTES, C. A. A. Competências socioemocionais: fator-chave no desenvolvimento de competências para o trabalho. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 14, n. 4, p. 394-406, 2014.

GUARINELLO, A. C. CLAUDIO, D. P.; FESTA, P. S. V.; PACIORNIK, R. Reflexões sobre as interações linguísticas entre familiares ouvintes: filhos surdos. Tuiuti: **Ciência e Cultura**, v. 46, n. 1, p. 151-68, 2013.

INSTITUTO AYRTON SENNA. **Competências socioemocionais**. Pinheiros, SP, s. d.

- KREUTZ, C. M.; BOSA, C. A. " Um sonho cortado pela metade...": estudo de caso sobre o impacto da prematuridade e da deficiência visual do bebê na parentalidade. Natal: **Estudos de Psicologia**, v. 18, n. 2, p. 305-313, 2013.
- LEITE, E. A. **Inclusão escolar e deficiência intelectual: um estudo sobre a relação família, escola e trajetórias escolares**. Taubaté, 2016, 180 p.
- LOPES, G. B.; KATO, L. S.; CORRÊA, P. R. C. Os pais das crianças com deficiência: reflexões acerca da orientação em reabilitação motora. São Paulo: **Psicologia: teoria e prática**, v. 4, n. 2, p. 67-72, 2002.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MARANDINO, M., SELLES, S. E., FERREIRA, A. S., AMORIN, A. C. **Ensino de biologia: conhecimentos e valores em disputa**. Niterói: Eduff, 2005 - Capítulo – formação docente: território contestado, Ana Maria Monteiro
- MARANDINO, M.; SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S. **Ensino de Biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos**. São Paulo: Cortez, 2009.
- MARQUES, L. P. **Professor de alunos com deficiência mental: concepções e práticas pedagógicas**. Campinas: UFJF, 2001. 202 p.
- MASINI, E.; BAZON, F. V. M. A inclusão de estudantes com deficiência no ensino superior. **Reunião anual da ANPEd**, v. 28, 2005.
- MAZZONI, A. A. TORRES, E. F.; OLIVEIRA, R.; ALVES, J. B. M. Propostas para alcançar a acessibilidade para os portadores de deficiência na biblioteca universitária da UFSC. **Revista ACB**, v. 5, n. 5, p. 120-130, 2005.
- MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. Quantitative and Qualitative Methods: Opposition or Complementarity? *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/sep, 1993.
- MORAES, R. GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.
- NARDI, R. **Pesquisas em ensino de física**. São Paulo: Escrituras Editora, 1998.
- NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. Lisboa : **Dom Quixote**, 1992.
- NUERNBERG, A. H. O processo de criação do Programa de Promoção de Acessibilidade da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). **Ponto de Vista: revista de educação e processos inclusivos**, n. 10, p. 97-106, 2008.
- NUNES, C. C.; SILVA, N. C. B.; AIELLO, A. L. R. As contribuições do papel do pai e do irmão do indivíduo com necessidades especiais na visão sistêmica da família. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 24, n. 1, p. 37-44, 2008.

- PACHECO, K. M. B.; CIAMPA, Antonio, C. O processo de metamorfose na identidade da pessoa com amputação. **Acta Fisiátrica**, v. 13, n. 3, p. 163-167, 2016.
- PAGAN, L. O.; WERTZNER, H. F. Análise acústica das consoantes líquidas do Português Brasileiro em crianças com e sem transtorno fonológico. **Rev. Soc. Bras. Fonoaudiologia**, p. 106-113, 2007.
- PALMA, M. T. M. **A prossecução dos estudos: o papel da personalidade na tomada de decisão**. 2012. 71 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Aplicada) Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Lisboa, Portugal. 2012.
- PAMPLIN, R. C. O. **A interface família-escola na inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais: Uma perspectiva ecológica**. São Paulo: UFSCar, 2005.
- PARANHOS, M. C. R. **Relações entre habilidades socioemocionais e a inovação para alguns licenciandos em Ciências Biológicas**. 150f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão/SE, 2017.
- PARANHOS, M. C. R.; SANTANA, A. M.; MAIA DE ARAÚJO, Y. L. F.; PAGAN, A. A. Habilidades Socioemocionais Associadas ao Desempenho Acadêmico Satisfatório na Licenciatura em Ciências Biológicas. **Revista da SBEnBio**, n. 9, p. 7646 – 7658, 2016.
- PARANHOS, M. C. R.; SANTANA, A. M.; PAGAN, A. A.; MAIA DE ARAÚJO, Y. L. F.; SOUZA, V. R. M. Habilidades socioemocionais, inovação e inclusão no ensino de ciências. In: \_\_\_\_\_. (org). O Ensino de ciências e matemática e seus protagonistas. v II. Curitiba: CRV, 2016.
- PEREIRA, M. C.P. Interpretação interlíngua: as especificidades da interpretação de língua de sinais. **Cadernos de tradução**, v. 1, n. 21, p. 135-156, 2008.
- PINTANEL, A. C.; GOMES, G. C.; XAVIER, D. M.. Mães de crianças com deficiência visual: dificuldades e facilidades enfrentadas no cuidado. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 34, n. 2, p. 86-92, 2013.
- POUZADOUX, Claude; MANSOT, Frédérick; BRANDÃO, Eduardo. **Contos e lendas da mitologia grega**. Companhia das Letras, 2001.
- PRETI, D. (org) O discurso oral culto 2ª. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999 – (Projetos Paralelos. V.2) 224 p.
- RESENDE, D. O.; FERREIRA, P. M.; ROSA, S. M. A inclusão escolar de crianças e adolescentes com necessidades educacionais especiais: um olhar das Mães. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 18, n. 2, 2010.
- RIBEIRO, R. P. D.; LIMA, M. E. A. O trabalho do deficiente como fator de desenvolvimento. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 13, n. 2, p. 195-207, 2010.



- RODRIGUES, C. E. S. L. Habilidades socioemocionais: a ocde e seu projeto de governança educacional global. Florianópolis: **UFSC**, 2015.
- RODRIGUES, Cristiane Seimetz; VALENTE, Flávia. Intérprete de Libras. **IESD Brasil SA–Curitiba**, 2012.
- ROSIN-PINOLA, A. R., MATURANO, E. M., ELIAS, L. C. S., DEL PRETTE, Z. A. P. Ensinando habilidades sociais educativas para professores no contexto da inclusão escolar. **Revista Educação Especial**, v. 30, n. 59, p. 737-749, 2017.
- SANTANA, A. M. **Inovação inclusive e singularidades: um estudo com licenciandos e licenciandas de Ciências Biológicas da UFS**. 159f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão/SE, 2017.
- SANT’ANA, I. M. Educação inclusiva: concepções de professores e diretores. **Psicologia em estudo**, v. 10, n. 2, p. 227-234, 2005.
- SANTOS, A. C. N. **Acessibilidade da pessoa com deficiência física: o caso da Universidade Federal de Sergipe-Cidade Universitária Professor José Aloísio de Campos**. 244f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão/SE, 2012.
- SANTOS, D.; PRIMI, R. **Resultados preliminares do Projeto de Medição de Competências Socioemocionais no Rio de Janeiro**. Instituto Ayrton Senna, São Paulo, 2014.
- SHARPE, D.; ROSSITER, L. Siblings of children with a chronic illness: A meta-analysis. **Journal of Pediatric Psychology**, 27(8), 699-710, 2002.
- SILVA, N. C. B.; AIELLO, A. L. R. Análise descritiva do pai da criança com deficiência mental. **Estudos de Psicologia**, v. 26, 2009.
- SILVA, N. L. P.; DESSEN, M. Auxiliadora. Deficiência mental e família: implicações para o desenvolvimento da criança. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 17, n. 2, p. 133-141, 2001.
- SILVA, T.; SILVA, E. Mas o que é mesmo Corpus?—Alguns Apontamentos sobre a Construção de Corpo de Pesquisa nos Estudos em Administração. **XXXVII Encontro do ANPAD**. Rio de Janeiro—Setembro, 2013.
- SILVA, V. S. A implantação da Língua Brasileira de Sinais como disciplina curricular obrigatória na Universidade Federal de Sergipe. 2015.
- SILVA, V. S. **A implantação da Língua Brasileira de Sinais como disciplina curricular obrigatória na Universidade Federal de Sergipe**. São Cristóvão: UFS, 2015.
- SMOLKA, A. L. B., LAPLANE, A. L. F., MAGIOLINO, L. L. S., DAINEZ, D. O problema da avaliação das habilidades socioemocionais como política pública: explicitando controvérsias e argumentos. Campinas: **Educação & Sociedade**, v. 36, nº. 130, p. 219-242, 2015.

SOUZA, L. S. S. **Família(s), escolarização e trajetória de jovens**: da educação básica ao ensino superior público em Sergipe. 155f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, 2014.

SOUZA, R. C. S. **Educação Especial em Sergipe (séc. XX): uma trajetória de descaso, lutas, dores e conquistas**. 3 ed. Aracaju: Criação, 2017.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2011

TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G.; WOTTRICH, S. H.; OLIVEIRA, A. M. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Psicologia escolar e educacional**, v. 12, n. 1, 2008.

VARGAS, G. M. S. A inclusão no ensino superior: a experiência da disciplina Prática Pedagógica–Prática de Ensino de uma turma de alunos cegos e com baixa visão. **Ponto de Vista: revista de educação e processos inclusivos**, n. 8, p. 131-138, 2006.

VEIGA, I. P. A. **Lições de didática**. Papyrus Editora, 2006.

## **ANEXO A: PARACER DO COMITÊ DE ÉTICA**

## Anexo A: parecer de aprovação do comitê de ética e pesquisa

UFS - HOSPITAL  
UNIVERSITÁRIO DE ARACAJÚ  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Família e habilidades socioemocionais de alguns licenciandos com deficiência do curso de biologia

**Pesquisador:** JOANNA ANGELICA MELO DE ANDRADE

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 68545117.0.0000.5546

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Sergipe

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.164.561

#### **Apresentação do Projeto:**

Trata-se de um projeto de mestrado.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Identificar e descrever as HSE de licenciandos com deficiência do curso de biologia compreendendo possíveis influências das famílias desses alunos na construção destas habilidades.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Apresenta risco de constrangimento e desconforto emocional e será garantido o direito a desistência, o sigilo e anonimato.

Como benefício promover a inclusão.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Viável

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Adequados.

#### **Recomendações:**

Por ter atendido às recomendações do parecer anterior, não há mais recomendações

**Endereço:** Rua Cláudio Batista s/nº

**Bairro:** Sanatório

**UF:** SE

**Telefone:** (79)2105-1805

**Município:** ARACAJU

**CEP:** 49.060-110

**E-mail:** cephu@ufs.br

Continuação do Parecer: 2.164.561

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não se aplicam.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

| Tipo Documento  | Arquivo                                      | Postagem               | Autor                              | Situação |
|---|--|------------------------|------------------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto                            | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_914272.pdf | 14/06/2017<br>16:19:16 |                                    | Aceito   |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | termo_de_consentimento.docx                  | 14/06/2017<br>16:18:47 | JOANNA ANGELICA<br>MELO DE ANDRADE | Aceito   |
| Cronograma  | cronograma_joanna_angelica.docx              | 14/06/2017<br>16:18:30 | JOANNA ANGELICA<br>MELO DE ANDRADE | Aceito   |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador                 | Projeto_dissertacao_Joanna_angelica.docx     | 14/06/2017<br>16:18:03 | JOANNA ANGELICA<br>MELO DE ANDRADE | Aceito   |
| Outros  | termo_de_anuencia.docx                       | 18/05/2017<br>11:16:03 | JOANNA ANGELICA<br>MELO DE ANDRADE | Aceito   |
| Outros  | roteiro_professor.docx                       | 11/05/2017<br>12:14:01 | JOANNA ANGELICA<br>MELO DE ANDRADE | Aceito   |
| Outros  | roteiro_familiares.docx                      | 11/05/2017<br>12:12:52 | JOANNA ANGELICA<br>MELO DE ANDRADE | Aceito   |
| Outros  | roteiro_aluno_com_deficiencia.docx           | 11/05/2017<br>12:10:51 | JOANNA ANGELICA<br>MELO DE ANDRADE | Aceito   |
| Orçamento   | orcamento_joanna_angelica.docx               | 11/05/2017<br>12:06:24 | JOANNA ANGELICA<br>MELO DE ANDRADE | Aceito   |
| Folha de Rosto  | Folha_de_Rosto_joanna_angelica.pdf           | 11/05/2017<br>11:55:03 | JOANNA ANGELICA<br>MELO DE ANDRADE | Aceito   |

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

ARACAJU, 10 de Julho de 2017

---

Assinado por:  
**Anita Hermínia Oliveira Souza**  
(Coordenador)

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)2105-1805

CEP: 49.060-110

E-mail: cephu@ufs.br

UFS - HOSPITAL  
UNIVERSITÁRIO DE ARACAJÚ  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL



Continuação do Parecer: 2.164.561

**Endereço:** Rua Cláudio Batista s/nº

**Bairro:** Sanatório

**CEP:** 49.060-110

**UF:** SE

**Município:** ARACAJU

**Telefone:** (79)2105-1805

**E-mail:** cephu@ufs.br

Página 03 de 03

## **APÊNDICE A: TCLE**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

ESTUDO: Família e habilidades socioemocionais de alguns licenciandos com deficiência do curso de biologia.

*Você está sendo convidado a participar do projeto acima citado. Trata-se de uma pesquisa de Mestrado, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática - Universidade Federal de Sergipe, cujo objetivo pretende identificar e descrever as habilidades socioemocionais de licenciandos com deficiência do curso de biologia compreendendo possíveis influências das famílias desses alunos na construção destas habilidades.*

*Garantimos que o nome do entrevistado não aparecerá em nenhuma publicação, será atribuído apenas um código para cada participante, o que garantirá o anonimato e proteção, na tentativa de evitar riscos como o desconforto emocional e constrangimento. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas, se por ventura, a qualquer momento sentir-se constrangido ou com algum desconforto emocional você pode desistir e imediatamente interrompemos a entrevista, visando minimizar estes riscos.*

*A realização desta pesquisa visa levantar um debate a cerca de um tema que é atual e relevante para nossa sociedade, que é a inclusão da pessoa com deficiência em instituições formativas regulares, como as universidades. E ao envolver a família neste processo, considero que ela pode ser um importante elo, quíça até decisivo para o bem estar e bom desenvolvimento do aluno. Diante deste pressuposto trarei como proposta final a elaboração de um artigo destacando os resultados e considerações sobre o tema em questão. Este artigo será entregue ao DBI (Departamento de Biologia), juntamente com um ofício que sugeri e solicita medidas com as quais o departamento possa estar mais próximo destes familiares de modo que o entrevistado (aluno com deficiência), assim como os demais alunos do curso, a universidade e a família sejam coparticipantes no processo de inclusão e formação deste público de discentes, o que poderá colaborar para seu bom desenvolvimento pessoal e profissional.*



*Ressalto ainda que este termo de consentimento segue em duas vias, uma para o entrevistado e outra para a entrevistadora, assim como o tempo máximo para a realização da entrevista será de uma hora e meia, contando do início da gravação do áudio.*

---

Entrevistadora – Joanna Angélica Melo de Andrade

Contato: (79) 99971-2901

Autorizo que este pesquisador utilize o que eu disser na entrevista e declaro que obtive todas as informações necessárias e esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas sobre a condução dos trabalhos.

Estou ciente ainda de que:

- I) Temos a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejarmos, sem necessidade de qualquer explicação;
- II) A desistência não causará nenhum prejuízo à minha saúde ou bem-estar físico.
- III) Os resultados obtidos durante esta pesquisa serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas, desde que nossos dados pessoais não sejam mencionados;
- IV) Caso danos de natureza moral ou intelectual sejam causados os participantes tem direito a reparação por parte dos pesquisadores, seja de natureza financeira ou quaisquer outros dispositivos legais estipulados pela lei;
- V) A presente pesquisa já foi analisada e aprovada pelo Conselho de Ética em pesquisa com seres humanos;
- VI) Não receberemos qualquer remuneração para participar da pesquisa, também não teremos nenhum gasto.

---

Entrevistad@

## **APÊNDICE B: OFÍCIO DBI**

À Secretaria do Departamento de Biologia (DBI) da Universidade Federal de Sergipe

Eu, Joanna Angélica Melo de Andrade, brasileira, solteira, inscrita no CPF 047.547.255-14, residente à Rua Marechal Deodoro, 772, Centro, Estância, Sergipe, e estudante do curso de mestrado em Ensino de Ciências e Matemática na Universidade Federal de Sergipe, venho respeitosamente à presente de Vossa Senhoria, juntamente com minha orientadora, Alice Alexandre Pagan, brasileira, solteira, inscrita no CPF 817.624.701- 44, residente à Rua 8 de Dezembro, 434, ap. 302, Graça, Salvador BA, e docente da mesma instituição solicitar as informações abaixo como dados necessários para a construção do meu texto de dissertação: quantitativo de alunos que ingressaram no curso de biologia através das cotas para a pessoa com deficiência desde o ano de 2010, assim como a deficiência declarada dos mesmo; quantitativo de quantos destes alunos concluíram e o ano de conclusão do curso; nome dos alunos com deficiência atualmente matriculados e cursando, assim como a deficiência declarada dos mesmos. Os resultados da pesquisa retornarão ao departamento e acreditamos que estes podem ser válidos para o aprimoramento do trabalho pedagógico de biologia no contexto da inclusão do aluno com deficiência.

Certas de vossa atenção e compreensão agradecemos antecipadamente.

---

Joanna Angélica Melo de Andrade

---

Alice Alexandre Pagan

São Cristovão SE \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE C: OFÍCIO DAA**

Ao Departamento de Administração Acadêmica (DAA) da Universidade Federal de Sergipe

Eu, Joanna Angélica Melo de Andrade, brasileira, solteira, inscrita no CPF 047.547.255-14, residente à Rua Marechal Deodoro, 772, Centro, Estância SE, e estudante do curso de mestrado em Ensino de Ciências e Matemática na Universidade Federal de Sergipe, venho respeitosamente à presente de Vossa Senhoria, juntamente com minha orientadora, Alice Alexandre Pagan, brasileira, solteira, inscrita no CPF 817.624.701- 44, residente à Rua 8 de Dezembro, 434, ap. 302, Graça, Salvador BA, e docente da mesma instituição solicitar as informações abaixo como dados necessários para a construção do meu texto de dissertação: quantitativo de alunos que ingressaram à Universidade através das cotas para a pessoa com deficiência anualmente e por curso, assim como a deficiência declarada dos mesmos; e o quantitativo de quantos concluíram e o ano de conclusão do curso.

Certas de vossa atenção e compreensão agradecemos antecipadamente.

---

Joanna Angélica Melo de Andrade

---

Alice Alexandre Pagan

São Cristovão SE \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE D: ROTEIROS DE ENTREVISTA**

## **Roteiro de entrevista direcionado ao aluno com deficiência**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

**Objetivo:** Identificar e descrever as HSE de licenciandos com deficiência do curso de biologia compreendendo possíveis influências das famílias desses alunos na construção destas habilidades.

### **Perfil sociodemográfico do entrevistado**

- a) Nome:
- b) Idade:
- c) Sexo:
- d) Naturalidade:
- e) Onde reside atualmente:
- f) Com quantas pessoas mora:
- g) Qual é o grau de parentesco delas:
- h) Tem irmãos? Quantos? Moram com você?

### **Eixo 1: História de vida do aluno**

- a) Conte-me alguns episódios marcantes de sua vida em relação a sua família
  - i) Como foi sua infância?
  - ii) Sua adolescência?
  - iii) E a vida adulta?
- b. Fale um pouco da sua trajetória de vida trazendo como enfoque a sua deficiência
  - i) Você já nasceu com a deficiência?
  - ii) Ou sua deficiência surgiu a partir de algum momento de sua vida? Quando? Como?
- b) Você poderia me exemplificar, nessa sua história de vida alguma situação que foi difícil para você?
- c) Por favor, fale um pouco sobre o papel dos seus pais na sua educação.
- d) Ao comparar a educação/criação de seus irmãos e a sua, o que você poderia relatar sobre?

- e) Ao perceber que você se encontrava em situação cotidiana difícil, qual era, geralmente, a postura que seus pais (familiares ou responsáveis) adotavam?

## **Eixo 2: Vida Acadêmica**

- a) Que motivos lhe trouxeram para universidade? Você tem algum suporte emocional (vindo da família, amigos ou outros) que te ajude a enfrentar as atividades acadêmicas? (E fora da universidade?)
- b) Como você avalia a estrutura do curso como um todo? Quais os pontos favoráveis ou desfavoráveis para a sua performance?
- i. De quem seriam as responsabilidades pelos pontos favoráveis?
  - ii. Como você avalia sua responsabilidade pelos pontos favoráveis e/ou desfavoráveis relacionados à sua performance?
  - iii. Como os pontos desfavoráveis poderiam ser revistos/ melhorados?
- c) Vamos falar sobre seus pontos fortes e fracos:
- i. O que te motiva a mostrar todo o seu potencial?
  - ii. Quais dificuldades te impedem de mostrar seu potencial?
  - iii. O que você faz ou poderia fazer para mudar essa realidade?
- d) O que você acredita que lhe tornaria uma pessoa/estudante melhor do que é hoje?

## **Eixo 3: Habilidades Socioemocionais**

- a) Descreva:
- i) *Como você se vê (aberto, fechado) frente a novas experiências? Você poderia descrever um momento em que isso aconteceu em sua vida? Em que momento de sua vida essas características surgiram? E na universidade?*
  - ii) *(Consciência) como você se vê quanto à Organização? E na universidade?*
  - iii) *(Consciência) como você se vê quanto à responsabilidade? E na universidade?*
  - iv) *Como é sua relação com as pessoas? (Extrovertido, introvertido)? E na universidade?*
  - v) *Como você age em grupo? (Cooperativo) fale mais sobre isso, você pode citar um momento em que você trabalhou bem ou mal? E na universidade?*



- vi) *Como você age em situações que fogem do seu controle? (estabilidade emocional) você pode citar algum exemplo? E na universidade?*
- b. O que lhe deixa inseguro?
  - c. Você poderia me indicar o nome e o contato de um familiar, que eu possa fazer algumas perguntas sobre você?
  - d. Você poderia me indicar o nome de três professores do curso de biologia que já te ensinaram?
  - e. Gostaria de acrescentar mais alguma informação?

## **Roteiro de entrevista direcionado aos familiares**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

**Objetivo:** Identificar e descrever as HSE de licenciandos com deficiência do curso de biologia compreendendo possíveis influências das famílias desses alunos na construção destas habilidades.

### **Eixo 1: História de vida do aluno**

- f) Conte-me alguns episódios marcantes da vida de seu filho em relação sua família
  - iv) Como foi infância dele?
  - v) A adolescência?
  - vi) E a vida adulta?
- c. Fale um pouco da trajetória de vida de seu filho trazendo como enfoque a sua deficiência
  - i) Ele já nasceu uma criança com deficiência? Qual?
  - ii) Ou a deficiência de seu filho surgiu a partir de algum momento da vida? Quando? Como?
- g) Você poderia me exemplificar, nessa história de vida alguma situação que você considera que tenha sido difícil para seu filho?
- h) Por favor, fale um pouco sobre o seu papel na educação de seu filho.
- i) Ao comparar a educação/criação de seus filhos, o que você poderia relatar sobre?
- j) Ao perceber que seu filho com deficiência se encontrava em situação cotidiana difícil, qual era, geralmente, a postura que você adotava?

### **Eixo 3: Vida Acadêmica**

- e) Para você que motivos trouxeram seu filho(a) para universidade? Ele(a) teve algum suporte emocional (vindo da família, amigos ou outros) que o ajudou a enfrentar as atividades da faculdade? (E fora da universidade?)
- f) Como você avalia a estrutura do curso como um todo? Conhece? Quais os pontos favoráveis ou desfavoráveis para o desenvolvimento do seu filho(a)?
  - iv. De quem seriam as responsabilidades pelos pontos favoráveis?

- v. Como você avalia sua responsabilidade pelos pontos favoráveis ou desfavoráveis relacionados ao desenvolvimento de seu filho(a)?
- vi. Como os pontos desfavoráveis poderiam ser revistos/ melhorados?
- g) Vamos falar sobre os pontos fortes e fracos de seu filho(a):
  - iv. O que o motiva a mostrar todo o seu potencial?
  - v. Quais dificuldades o impedem de mostrar seu potencial?
  - vi. O que ele(a) faz ou poderia fazer para mudar essa realidade?
- h) O que você acredita que o tornaria uma pessoa/estudante melhor do que é hoje?

#### **Eixo 4: Habilidades Socioemocionais**

- b) Descreva:
  - vii) *Como você vê seu filho(a) (aberto, fechado) quando está a viver novas experiências? Você poderia descrever um momento em que isso aconteceu na vida dele(a)? Em que momento da vida dele(a) essas características surgiram? E na universidade?*
  - viii) *(Consciência) como você o(a) vê quanto à Organização? E na universidade?*
  - ix) *(Consciência) como você o(a) vê quanto à responsabilidade? E na universidade?*
  - x) *Como é a relação de seu filho(a) com as pessoas? (Extrovertido, introvertido)? E na universidade?*
  - xi) *Como ele(a) age em grupo? (Cooperativo) Você pode citar um momento em que ele(a) trabalhou bem ou mal? E na universidade?*
  - xii) *Como ele(a) age em situações que fogem do controle? (estabilidade emocional) você pode citar algum exemplo? E na universidade?*
- f. Vamos falar nas características que o(a) diferem das outras pessoas:
  - i. O que o(a) faz diferente?
  - ii. O que o(a) deixa inseguro?
- g. Quais características definem melhor seu filho(a)?
- h. Gostaria de acrescentar mais alguma informação?

## **Roteiro de entrevista direcionado aos professores**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

**Objetivo:** Identificar e descrever as HSE de licenciandos com deficiência do curso de biologia compreendendo possíveis influências das famílias desses alunos na construção destas habilidades.

### **Eixo 1: Vida Acadêmica**

- i) Para você que motivos trouxeram seu aluno(a) com deficiência para universidade?
- j) Como você avalia a estrutura do curso como um todo? Quais os pontos favoráveis ou desfavoráveis para a performance dos alunos inclusos?
  - vii. De quem seriam as responsabilidades pelos pontos favoráveis?
  - viii. Como você avalia sua responsabilidade pelos pontos favoráveis ou desfavoráveis relacionados à performance dos alunos com deficiência?
  - ix. Como os pontos desfavoráveis poderiam ser revistos/ melhorados?
- k) Vamos falar sobre os pontos fortes e fracos de seu aluno(a) com deficiência:
  - vii. O que o motiva a mostrar todo o seu potencial?
  - viii. Quais dificuldades o impedem de mostrar seu potencial?
  - ix. O que ele(a) faz ou poderia fazer para mudar essa realidade?
- l) O que você acredita que o tornaria uma pessoa/estudante melhor do que é hoje?

### **Eixo 2: Habilidades Socioemocionais**

- c) Descreva:
  - xiii) *Como você vê seu aluno(a) (aberto, fechado) frente a novas experiências? Você poderia descrever um momento em que isso aconteceu na vida acadêmica dele(a)?*
  - xiv) *(Consciência) como você o(a) vê quanto à Organização?*
  - xv) *(Consciência) como você o(a) vê quanto à responsabilidade?*
  - xvi) *Como é a relação de seu alunos(a) com as pessoas, os colegas de classe? (Extrovertido, introvertido)?*
  - xvii) *Como ele(a) age em grupo? (Cooperativo) fale mais sobre isso, você pode citar um momento em que ele(a) trabalhou bem ou mal?*

xviii) *Como ele(a) age em situações que fogem do controle? (estabilidade emocional) você pode citar algum exemplo?*

i. O que o(a) deixa inseguro?

j. Quais características definem melhor seu aluno(a)?

k. Gostaria de acrescentar mais alguma informação?

## **APÊNDICE E: *CORPUS* DAS ENTREVISTAS**

# CORPUS DAS ENTREVISTAS

## Entrevista 01 – Tétis (aluna com deficiência)

[E: entrevistadora; T: Tétis]

**E: Olá, gostaria de primeiro agradecer sua colaboração com nossa pesquisa e te assegurar o sigilo de seu nome e identidade. Bem, nosso objetivo é identificar e descrever as HSE de licenciandos com deficiência do curso de biologia compreendendo possíveis influências das famílias desses alunos na construção destas habilidades.**

**E: A qualquer momento você pode desistir da entrevista, fique bem à vontade.**

[Eixo 1: família]

**E: Gostaria que você falasse, trouxesse pra mim, alguns episódios que foram marcantes em sua vida com relação a sua família.**

T: Na minha família, é... até hoje assim, o episódio marcante, que eu tenho assim... foi a escolha do curso, que influenciou, teve um certo conflito.

**E: A família se posicionou como com relação a escolha do curso?**

T: Assim, de forma insatisfatória, por que queriam que eu fizesse o curso de medicina e eu estudava muito no intuito de passar em medicina e, quando eu fiz a inscrição uma parente, que fez a minha inscrição, ela deu um conselho: “Tétis faça biologia, tem haver com a área que você quer, você pode aproveitar as disciplinas e tentar uma troca interna na Universidade”, na época a concorrência estava muita alta inclusive era o que mais se falava quando estava ocorrendo o processo de inscrição, então aceitei, é... passei de primeira, foi assim uma alegria, minha mãe sabia que eu tinha escolhido Ciências Biológicas, mas falava pras outras pessoas que eu tinha passado em medicina, então essa situação me incomodava, por que as pessoas vinham me parabenizar, chamavam a atenção “olha aqui é, realmente, um alguém que conseguiu” e muitas vezes eu tinha que interromper, “não, consegui sim, muito obrigada! Mas não foi o curso de medicina, foi Ciências Biológicas licenciatura” e esse aspecto de ser

licenciatura, que ser professor é uma profissão que poucas pessoas dão valor, né, até eu mesma tinha uma certa dificuldade, de não, eu escolhi, ter uma certa.. por que não era o meu alvo, não era o meu objetivo.

**E: Foi meio que encima da hora que houve a mudança né?**

T: Mas ai, teve muito impacto né, por que eu percebi assim, é... eu não queria também fazer medicina, pra você ter ideia, eu tinha o desejo de fazer, engenharia civil, pela a habilidade de fazer desenhos, gráficos, os professores sempre falavam “ói, mesmo que você tenha dificuldade, em matemática, não desista, faça! Por que a Universidade é um campo diferente, você cresci, você aprendi, eram os conselhos que os professores me davam, por que era algo que se destacava em mim, é... essas habilidades, não na matemática, mas assim no sentido do desenho, eu gostava muito de fazer plantas de prédios, de casas, os professores as vezes pediam, então tinha um certo incentivo na escola, aí veio aquela pressão, “ah, você tem que fazer medicina, por que você entendi tudo, você é uma menina amorosa, você é uma menina atenciosa”, pegavam qualidades que estavam em mim, envolvendo o meu comportamento, ai o que sobressaiu foi essa questão: ou agradava a mim mesma ou agradava a minha mãe, e eu sempre tive essa preocupação de agradar a minha mãe, pela nossa história, né.

**E: O que assim, dessa história, lhe dava essa preocupação de você ter a necessidade de sempre agradar a sua mãe?**

T: por que assim, é... ela, pra me criar ela sofreu muito, foi uma criança de nascimento prematuro, a primeira filha.

**E: você é a mais velha?**

T: então assim, a filha mais velha, a gente tinha uma amizade, um vínculo, até hoje, muito forte que assim, ela sempre relembra: “olhe eu fiz isso por você, eu fiz aquilo, não me arrependo”, e eu achava que tinha a obrigação de fazer isso.

**E: Numa maneira de recompensá-la por tudo que ela fez por você?**

T: Isso, era uma tentativa de recompensar. Depois que aí, a gente vai amadurecendo vai percebendo que não é bem assim, né.



**E: Esse marco que você trouxe da sua vida, foi focando já na sua adolescência e entrada na vida adulta, né? Você poderia me relatar também algum episódio que foi marcante de sua vida na infância, com relação a sua família?**

T: Na infância eu não tenho episódios que tenha marcado de forma negativa.

**E: Ou que você acha que possa ser relevante pra você estar trazendo pra mim. Seu relacionamento com seus irmãos, ciclo de amizade...**

T: eu sempre fui muito isolada, minha amizade era muito restrita somente a minha família, meu pai, minha mãe, minha irmã. Eu não era uma criança de brincar, por conta dessa questão de ter uma deficiência auditiva, as outras pessoas, as outras crianças, não tinham paciência, falavam comigo, eu não ouvia, eu não interagia, e por conta de, na época, por que eu tenho uma deficiência visual, de cofitalmia, era muito visível, evidente, então aquilo já era um impacto pras outras pessoas, já a situação de diferença se destacava muito. Os parentes, eu moro num sítio, com a família de meu pai, eu sofri muito, é à medida que eu fui comentando aqui, eu fui lembrando, sempre me separavam, o pessoal não gostava muito.

**E: Sua família?**

T: o pessoal, os parentes né, minha família, meu pai, minha mãe, assim, o núcleo, não, mas por parte da avó, avô, da parte de pai, tem marcado muito né, por que eles eram praticamente preconceituosos, diziam que eu não ia ser ninguém na vida, que eu não ia alcançar objetivos, que eu ia dar muito trabalho, que eu nunca ia entrar na universidade, que eu nunca ia ter um namorado, que eu nunca ia me casar, atualmente não estou casada, mas eu ainda acredito, assim, pelo fato de minha mãe ter sempre conversado comigo: “óí não pense nisso, isso é bobagem, são pessoas que gostam de picuinhas, deixe pra lá.”

**E: Então seu pai, sua mãe, sua irmã, seu núcleo familiar, sempre trouxe mecanismos pra lhe dar incentivo?**

T: Sempre

**E: desde a infância até a vida adulta hoje?**

T: sim

**E: mas a família, os parentes que não são tão ligados...**

T: Mas atualmente o pessoal tá bem diferente, por que eu aprendi a ter mais autonomia , essa coisa de falar, de me defender, de expressar opinião, então, hoje, eles se surpreender comigo, no momento que conversa comigo: “nossa não sabia que você era assim, que você pensava dessa forma, nossa como você é inteligente, nossa como você tem sabedoria”, como não convieram comigo não conhecem muito.

**E: Eles não deram chance de acontecer essa convivência, seria isso que você tá me falando seria isso, os familiares não lhe deram chance de você mostrar quem você era?**

T: Não, se eu estivesse no mesmo ambiente, era o mesmo de não estar ali, eu não fazia nem questão, de ir pra casa da vó de parte de pai, das tias dos tios, por que eles me tratavam como se eu fosse uma criança insignificante, as outras crianças eram mais bonitas do que eu, as outras crianças eram mais espertas, então isso fez com que até eu me tornasse uma criança depressiva, mesmo que meus pais procurassem, trouxessem todas as formas de proteger, mas a criança absorve aquilo. Absorve. Não esqueci não.

**E: você me falou em determinado momento sobre a sua deficiência, o que gostaria de perguntar a você é; você já nasceu uma criança com deficiência?**

T: Já nasci

**E: as duas deficiências que você tem?**

T: sim

**E: Você já me contou algumas situações difíceis que você passou ao longo de sua história de vida, mas tem mais alguma outra história que você poderia trazer, do ponto de vista família? Seu relacionamento com sua irmã?**

T: o relacionamento com minha irmã, assim, na infância ela sempre foi muito superprotetora, a irmã mais nova, mas que tomava conta da situação, ela achava que tinha responsabilidade de cuidar de mim, ela tinha esse comportamento, mas a gente não brincava juntas, dos dez anos em diante, é que a gente começou a interagir mais, é... eu lembro assim que eu tinha uma imaginação bem, é, assim, de uma forma tão complexa, que as vezes eu eu esquecia que eu estava naquele mundo, naquela situação, era uma capacidade de me transportar, eu tou sozinha, mas eu começava a imaginar um monte de coisa, minha mãe me disse que eu tinha um amigo imaginário, eu conversava e tal, então assim, essa questão de me isolar, eu procurava uma

forma de lidar com isso, a minha irmã sempre foi mais independente, sempre foi pra casa dos parentes e tal e eu ficava em casa com minha mãe, sozinha, brincava sozinha.

**E: você ter criado no seu mundo de criança esse amigo imaginário seria como se fosse um mecanismo para você sentir-se acompanhada?**

T: Isso, eu sabia que não existia, eu já tinha consciência que essa pessoa que eu criava não existia.

**E: mas ter a ideia de que estava com alguém do seu lado já lhe dava um certo conforto?**

T: sim, me dava um certo conforto, isso estava muito vinculado também assim, minha família sempre foi muito voltada pra fé, eu aprendi muito cedo isso, eu associei com muita convicção até hoje, tenho muita fé em Deus, então... uma outra situação que tem me ajudado muito a superar até hoje.

**E: e ao comparar a educação e a criação que seus pais dedicavam a sua irmã e a sua, o que você pode me dizer sobre isso?**

T: Meu pai, ele sempre se esforçou pra não dar atenção mais a uma que a outra, ele sempre foi muito dessa coisa de brincar, com as duas, contava histórias para as duas, levava para brincar, passear sempre as duas, ele sempre teve essa preocupação, agora eu notava, que ele tinha uma preocupação maior comigo, por exemplo, na hora de assistir, tinha que deixar o volume na forma que eu queria, então, ele dava prioridade a mim, mesmo que incomodasse os outros, se comessem a reclamar, ele: “não, Tétis precisa assistir, ela precisa ouvir, então é dessa maneira que a gente vai assistir”. Então meu pai sempre foi muito atencioso com as duas, em alguns aspectos, ele me dava um pouco mais de atenção, um pouco mais de cuidado.

**E: e a sua mãe?**

T: minha mãe, ela sempre me deu mais atenção, ela tinha sempre aquela preocupação, “ai vai se machucar”, sempre, ela foi muito apegada.

**E: você poderia me dizer assim, um exemplo, você trouxe um exemplo do cuidado do seu pai, que foi o fato do volume da televisão, e da sua mãe, você poderia me relatar um exemplo?**

T: Eu era uma criança muito complicada, muito, e minha mãe assim, minha irmã aprendeu a ser independente muito cedo, então ela se virava só, na hora da alimentação, na hora de vestir uma

roupa, então eu sentia que ela andava sempre perto de mim, do que dela. Meu pai, eu sinto que foi, sempre mais presente no sentido de brincar, minha mãe brincava, mas ela era mais preocupada com os cuidados, essa coisa de cuidar da família, mas assim a minha mãe, eu percebia que ela procurava preencher o fato de eu estar só, ela procurava brincar comigo, já que minha irmã não brincava comigo, brincava de casinha, fazia jogos. Minha mãe foi praticamente minha primeira professora, ela não deixou eu entrar na escola sem saber ler e escrever, ela não queria que alguém me maltratasse, eu lembro, tenho assim a lembrança muito clara, viva, do meu primeiro dia de aula, eu estava reclamando por que eu estava de fralda, é... lembro da minha professora, lembro do nome da professora, foi assim, muito marcante por que a professora se surpreendeu por que eu estava muito a frente da turma, dos alunos, ela me deu atividade e eu comecei a fazer e ela não me explicou nada, visto que ela sabe que eu tenho deficiência, e tal, mas ela, é... viu assim os resultados dos esforços de minha mãe.

**E: Então sua mãe foi quem lhe alfabetizou?**

T: foi, minha mãe.

**E: então... você já entrou na escola, com quantos anos?**

T: cinco

**E: Com cinco anos, já com a noção do que era alfabeto, ler. Já lia e escrevia?**

T: Sim, lia e escrevia. O que eu acho impactante nessa história é que eu demorei muito pra falar, mas minha mãe ela foi muito persistente nisso, por que ela acreditava que eu tinha capacidade pra falar, eu só precisava de um incentivo, e na época um profissional pra fazer um acompanhamento era muito caro, hoje tá mais acessível. Então, é... eu lembro, que ela foi sempre muito de contar: “olha Tétis, quando eu fui levar você no fonoaudiólogo pra fazer o acompanhamento, eu não tinha condições de pagar, então o que eu fazia, ficava no corredor, os médicos tinham o costume de deixar a porta aberta”, ela ficava aprendendo tudo que eles faziam, e levava pra casa e fazia tudo, repetindo comigo, até que eu aprendi a falar, comecei a falar, foi aprendendo a falar, já aprendendo a ler e escrever tudo junto, é... por isso eu sou muito grata a minha mãe, é por isso que eu digo essa sensação de dívida, minha mãe sempre foi muito presente, com essa coisa de mostrar que eu sou capaz, com essa coisa de mostrar que eu podia conquistar meu espaço.

**E: E assim, quando ela percebia que você se encontrava numa situação do dia-a-dia com dificuldade, qual era a postura que sua mãe, seu pai tinham?**

T: Quando me encontrava em dificuldade assim, era muito fácil, a primeira coisa que eu fazia era chorar, qualquer dificuldade que eu encontrava era chorar.

**E: mesmo na adolescência?**

T: Na adolescência também, até o ensino médio, guardava aquele choro, quando chegava em casa começava a chorar, é eles sempre, parecia, que eles já estavam preparados para isso, e conversavam comigo, sempre em particular, algumas vezes minha irmã estava presente, por que ela achava que isso era importante, minha irmã participasse da conversa, mas eles foram sempre atentos a isso, sempre conversavam, sempre.

**E: Por exemplo assim, você já teve alguma dificuldade, no caso assim, de ouvir da televisão, que ele aumentava, desde pequena, ele tinha essa posição com você?**

T: sempre ele teve essa posição, até hoje, ele briga com todo mundo, “abaixou por que? Tétis tá assistindo, diminuiu o volume por que? Você não tá vendo que sua irmã está assistindo?!” até hoje ele tem esse comportamento.

**[Eixo 2 – vida acadêmica]**

**E: E agora trazendo um pouco nosso foco para a vida acadêmica, que motivos, de certa forma disse alguns, você já me explanou aqui hoje, mas quais outros motivos, fizeram você escolher a ciências biológicas, licenciatura?**

T: No momento que eu fiz a inscrição, a prima fez a proposta, eu pensei, nas habilidades que eu... eu gostava muito de ensinar, quando meu primo tinha dificuldade eu tinha prazer de tirar dúvida, de ajudar, aí, isso, as pessoas que me conheciam, elogiavam: “olha, você é muito inteligente, dá pra ser professora! Dá pra ser professora!”, então, na hora que eu pensei assim, não, dá pra eu ser professora, eu tenho essa capacidade de explicar e aprender pra ensinar, dá pra mim, mas o foco era, não, eu vou aproveitar disciplinas, tal. Agora o que me ajudou, foi a partir do momento que eu comecei a conhecer o curso, foi quando eu comecei a ver quais são as habilidades que eu tenho, por que realmente, me enquadro, me identifico, com a profissão, com o curso.

**E: Poderia citar algumas dessas habilidades?**

T: Habilidades, é... o curso envolve muito essa questão do desenho, percebi que eu gosto muito de desenhar e a representação, eu tenho muita facilidade de usar representação ilustrativa, muito fácil pra explicar, isso facilita muito, dá pra eu ficar mesmo, se eu gosto de ensinar, posso juntar o útil ao agradável, eu fiz isso, e aí, eu comecei a dar reforço escolar em casa, pronto, aí as mães começavam a elogiar, olhe meu filho aprendeu, meu filho passou, tirou boas notas, esses aspectos assim, que eu comecei a levar pra casa o que eu aprendi aqui, eu estava insatisfeita com o curso.

**E: Logo quando você entrou?**

T: Tava.

**E: Por que?**

T: Não era o que eu queria, não era o que eu queria fazer, não estava no meu plano ser professora, então eu ficava assim naquela dificuldade, por que a universidade em si não oferece apoio, assim, vamos receber aqui esses alunos, vamos informar esses alunos para que eles não tenham dificuldade, é aqui, cada um tem que se virar né.

**E: Como você poderia avaliar a estrutura do curso?**

T: é... o curso em si de modo geral, ah... ah... logo no início, de 2012 a 2015, eu percebi que ninguém estava preparado para receber aluno com necessidade especial, de 2015 pra cá começou a surgir mais projetos, divulgação aos professores, eu consigo notar, perceber que os professores estão preocupados, daqui, da área da biologia, eles se preocupam, sempre me perguntam: “o que que eu preciso ajustar pra você?”, então, essas perguntas eu não estava habituada a ouvir, “o que que eu preciso fazer pra que você possa tirar proveito da disciplina?” “Das aulas”, então isso começou a dar oportunidade de expressar minhas necessidades, ao contrário, de antes que eu tinha que tá sempre: “professor, eu tenho isso, eu preciso disso”, e hoje já não é necessário mais, os professores já estão mais atentos, mas ainda precisam melhorar muito, no sentido sistema da universidade.

**E: E esses pontos seriam pontos desfavoráveis e favoráveis, que você considera, do curso para a inclusão do aluno com deficiência?**

T: Assim... os professores em si eles vão se ajustando de acordo, eu percebo assim, com a circunstância, vão... procuram falar mais alto, procuram falar olhando pra mim.

**E: São os pontos favoráveis?**

T: pra mim, são favoráveis, assim... eu falo de modo geral, pra um aluno com deficiência visual, um aluno cego, um aluno surdo, eles não estão preparados, eles precisam providenciar material para a universidade ainda não está pronta pra isso, tem a questão da impressão em braile, mas ainda não é o suficiente.

**E: o que você considera que poderia vim a somar, com essas investidas da universidade, você fala da leitura em braile que é insuficiente, pra ela se tornar mais suficiente.**

T: assim, poderia partir mais dos professores, pra eles conhecerem, aprender o braile, para eles mesmos aprenderem a manipular o material, preparar, é mais fácil de articular, passar sua responsabilidade pra outro profissional, fica sem nexos até, o outro profissional tem mais dificuldade por que não é a área dele, o profissional que vai traduzir muitas vezes não é formado na área, ele vai traduzir, mas o sentido, o conceito, quem vai explicar? Quem vai ajudar é o professor, isso fica incompleto, dá essa sensação.

**E: e, pra você de quem seria essa responsabilidade por esses pontos desfavoráveis?**

T: Essa responsabilidade, primeiro de toda a equipe, não só dos professores, desde o Reitor, até os professores, eles precisam estar atentos, por que a sociedade hoje, o tipo de aluno, hoje não está restrito somente a alunos que não precisam, até os alunos que não tem deficiência precisam de ajuda, então assim, eles precisam dá mais atenção a isso, só observarmos a estrutura da universidade, já dá pra perceber que eles estão fracos, estão desleixados quanto a esse aspecto.

**E: Você poderia me dar um exemplo disso que você está me falando?**

T: A manutenção dos materiais, manutenção da, é... da acessibilidade, precisa melhorar, foi um boom, foi uma novidade, mas novidade precisa tá sempre mantendo, não é uma notícia, não é uma notícia que ouvi hoje, lembra e esqueci, é um compromisso, então eles precisam ter esse compromisso.

**E: é como se a universidade não estivesse mantendo, é como se implanta-se a inclusão e não a mantesse?**

T: é

**E: seria isso?**

T: é

**E: Como você considera que os pontos desfavoráveis poderiam ser revistos?**

T: é interessante, assim, os professores conhecerem o seu público, uma reunião, um evento, conhecer, que isso é um impacto que traz muito benéfico para os professores terem uma ideia assim, olhe o meu público, os meus alunos são esses, eu preciso mudar em alguma coisa, começa a pensar, onde eu preciso mudar, onde é que eu posso chegar, a eu não tenho habilidade para fazer isso, mas tem tantas formas né? Hoje em dia, pode pedir ajuda a um profissional, pode solicitar, que faça no seu lugar, e você vai manipular, você não fez o material, mas você sabendo manipular, ou sabendo explicar, trabalhar isso, não vai ser difícil, é interessante o professor conhecer. A universidade tá precisando de eventos, reuniões, que tal fazer isso no primeiro dia de aula? Convidar todos os alunos, todos da universidade, olha nós estamos recebendo vocês, somos os seus professores, professores precisamos de vocês, precisamos da ajuda de vocês, nesse aspecto, não fica eu não sabia, eu não sei, como é que eu vou me virar agora, o sistema precisa informar melhor quem é o aluno, o professor começa a se preparar previamente para aquele aluno, não é o aluno chegar no primeiro dia de aula, não é o aluno chegar no primeiro dia de aula e olhe professor eu preciso...

**E: você já passou por esse tipo de situação?**

T: sempre! Todo período... quando é um professor que já peguei disciplina é tranquilo, quando me vê: “Tétis, olhe, já sei!”, não precisa nem... Eu tenho muita dificuldade com professores da área de exatas, eles são muito incompreensivos, eu peço: “olhe, por favor, na hora de explicar o assunto eu peço, tente, faça um esforços para virar pra frente”, não adianta, é o mesmo de não ter falado nada, então... é como se essa realidade está muito distante deles. Vou ficar avisando toda hora, cansa, todo momento, todo dia, toda hora, toda semana, eu fico até sem graça, com vergonha.

**E: e você acha que isso poderia causar um impacto na sua aprendizagem?**

T: não, tipo assim, eu perco as informações, como é que eu faço pra lidar com isso, vou procurar ajuda, vou lá no DAIN, faço solicitações, olhe eu preciso de um aluno que me ajude nesse aspecto, nesse aspecto, até o próprio bolsista, eu peço, olhe me ajude, então assim eu consigo, eu consigo, então eu deixo de aprender muita coisa, deixo de ter uma relação com o professor, mas a chegar, ah.. então... muitas vezes eu não procuro tirar dúvidas, deixo pra lá, vou acumulando, é... nesse aspecto influencia, mudei de sim e não. Sim, eu perco muito com isso! Perco muito! Por exemplo uma aula prática, quando eu não consigo me incluir, eu fico lá



só olhando, como é que eu vou, muitas vezes eu... pego ali, manipulo, mas a teoria já perdi. Ah.. eu pego, o professor tá falando, fica assim aquela situação, o professor tá falando, eu preciso parar de mexer no material, para poder ficar olhando, então tem situações assim, o professor tá falando, tem que ter consciência, tá falando olhando pra mim, uma vez que você vira, é uma palavra perdida, é uma frase perdida, muda o sentido da frase, esse bom senso, essa consciência só, isso afeta.

**E: Vamos falar agora um pouquinho dos seus pontos fortes e fracos. É, o que motiva você a querer mostrar todo seu potencial?**

T: O que me motiva... é... minha família, minha família, sempre me estimulou, dá pra notar até a minha mãe, ter essa preocupação: “minha filha precisa ler, minha filha precisa...” eu sempre gostei muito de ler, deixava de brincar para ficar lendo, então... é... minha mãe muitas vezes me incentivava, trazia determinados tipos de brinquedos, que fazia que eu raciocinasse, pensasse, minha mãe sempre teve essa preocupação de dizer assim: “você pode resolver!” , você pode, atividades, minha mãe me fez até... aprender a bordar, só que assim, isso ai eu não aprendi não, ela sempre procurou... O que me motivou foi essa questão assim... da minha mãe nunca ter desistido de mim, os outros diziam pra ela: “ah, desista, por que ela não vai conseguir!” era o que ela ouvia, mas ela não desistiu de mim, o que me motivou, foi a minha mãe de modo especial.

**E: e quais dificuldades te impediram e te impedem de mostra o seu potencial?**

T: a dificuldade, é... eu tive que aprender, urgentemente na universidade a ter, é... eu sempre fui isolada, tímida, demais, tinha medo de falar com as pessoas, eu demorei muito, nesse aspecto assim, e a universidade praticamente força, você tem que ter jogo de cintura, você tem que se virar, se não você não vai acostumar. É... não vou deixar de falar assim, de uma amiga de modo especial, na verdade uma não, duas, a Zélia, quando eu entrei aqui, essa profissional, interprete, eu não sabia, que tinha direito a esse tipo de ajuda, recebi um email: “oi, eu sou interprete, vou acompanhar você.” Aquilo pra mim foi um impacto, eu nunca tive isso na escola, então assim, ela me ensinou a ver: “Tétis, você tem dificuldade nisso, mas isso não é um motivo pra você desistir, vá!” ela ficava sempre ali: “ que é isso Tétis, desistir, você não vai desistir não!, vá!”, e ela foi me motivando muito. Tem uma amiga do curso, ela é Simone, Simone Damaceno, não deixo de falar dela, por que ela foi meu braço direito até hoje, essa amizade me motivou muito, muitas vezes eu dizia, eu não quero, eu vou desistir, eu chorava, e ela tava do meu lado: “Tétis, todos nós estamos juntos, você não é a única, eu entendo que você

tenha mais dificuldades, tente ver dessa maneira, veja, você consegue, você consegue!”. Essa palavra ela repetiu tantas vezes que eu passei a, não, eu preciso realmente acreditar mais em mim, que eu vejo que as outras acreditam em mim, então, eu precisava muito ter essa autoconfiança. A autoconfiança, quando eu comecei a dar espaço pra isso, isso me ajudou muito, muito.

### **[Eixo 3 - Habilidades Socioemocionais]**

#### **E: como você se vê frente às novas experiências?**

T: é... as experiências está contribuindo muito, por que a universidade me trouxe uma oportunidade de sair mais de casa por exemplo, por que eu era muito caseira, não saia com os amigos, então comecei a ter mais amizades, é... essa experiência contribuiu bastante pra questão da relação, é... essa questão do estágio, essa questão de disciplinas, que faz com que a gente faça viagens, eu nunca tinha feito viagens, minha mãe sempre foi superpretetora: “aí, não vai por que alguém pode empurrar ela num rio, alguém pode isso, alguém pode aquilo”, a universidade, ela praticamente foi uma porta aberta para as novas experiências.

#### **E: e a partir de então você começou a se considerar uma pessoa aberta para as novas experiências?**

T: Não, eu sempre fui muito seletiva, é... agora essas experiências, que você quer que eu cite, você pode me dizer como, se é experiência profissional ou pessoal?

#### **E: por exemplo, essa mudança de você entrar na universidade, isso é uma nova experiência, você já estava aberta para essa nova experiência ou se sentiu aberta quando entrou na nova experiência?**

T: não, pra mim aqui era uma selva, por que aqui eu estava em perigo, por que não tinha meu pai, não tinha minha mãe perto, meus pais sempre foram muito..., se acontecesse alguma coisa, eles estavam ali perto, interferindo, e aqui eu precisei me virar sozinha, eu comecei assim não, eu vou ficar levando... me mãe dizia: “ah, eu vou La na universidade.” Eu disse: “não, não!”, por que eu pensava assim, poxa eu já tenho idade, já pra tentar resolver, eu preferia ficar sofrendo ali, pra tentar acostumar, na escola sempre tive ela, se o professor fazia alguma coisa, fizesse algo que me deixasse desconfortável, ela resolvia, então eu tava acostumada a isso, qualquer problema que acontecesse aqui na escola, aqui na universidade eu tive que aprender a lidar, foi um impacto pra mim, a relação com as pessoas, com os colegas. Eu demorei muito a

fazer amizade, ficava só, isolada, esse comportamento que já vem da família, só dois anos, três anos depois, que eu fui me adaptando, me tornei mais aberta a novas amizades, comecei a participar de laboratório, minha própria amiga dizia: “Tétis vamos, mesmo que você não queira participar, vamos pra você conhecer”. Eu participava, fazia alguns experimentos, mesmo com medo, e hoje eu estou mais autoconfiante, já tou mais assim, eu mesmo procurando experiências novas, não precisa ninguém ficar, “Tétis olhe... você...”, por que eu tinha tanto medo disso, que eu achava que não ia dar certo, sempre esse aspecto, era um pouco pessimista.

**E: a partir de então, da entrada na universidade as coisas mudaram?**

T: ah! mudaram, muito, mudaram.

**E: Como você se vê quanto a organização? Você é uma pessoa organizada?**

T: na verdade, quando eu entrei na universidade eu senti dificuldade de ser organizada, por que tem uma influência sim, no sentido da família, comecei a cuidar da minha avó na época que eu estava me preparando para o vestibular, então foi um impacto eu ter que conciliar a universidade ao cuidar da minha vó, eu ficava muito cansada, eu comecei a pegar poucas disciplinas, é um dos motivos que me levou até a ficar muito tempo aqui na universidade, já era pra ter me formado já, então eu tive dificuldade de me organizar, até hoje, não sou uma pessoa organizada, sempre eu aproveitando circunstâncias, oportunidades, vai ter uma atividade pra fazer, muitas vezes, é... eu ficava acordada até madrugada, amanhecer o dia, por que eu não tinha condições, tempo pra isso, eu não posso dizer que sou organizada.

**E: Como você se vê quanto a responsabilidade?**

T: eu sempre tive essa preocupação com essa questão da responsabilidade diante de tudo que eu estava fazendo, eu sei que tudo que eu fizer dentro da universidade ou fora eu tenho responsabilidade pelas consequências, uma decisão, por exemplo, é muito importante pensar bem, é... essa questão... eu, nunca tive dificuldade assim, é tanto que a responsabilidade né, cuidar da família, cuidar de si própria, é aprender a ser responsável por si mesmo, é... pra mim não foi muito difícil, eu tenho uma carga, uma bagagem muito grande em relação à família, minha mãe... eu sempre fui muito certinha, minha irmã, até na época, quando nós éramos crianças, minha irmã dizia: “ói, lá vem a menina do sermão” por que era tudo muito certinho, tudo muito, é... Aproveitando essa situação de ser organizada, eu quando era criança era organizada ou ponto de minha mãe levar ao médico pra ver se eu tinha... por que eu não era normal, ela achava que não era normal uma criança querer colocar tudo em ordem, querer tudo

limpo, aí depois que eu cresci eu deixei de... era só umas frescuras de criança, eu precisei muito deixar isso, por que poderia influenciar muito, psicologicamente, emocionalmente, por que uma vez que alguém desorganiza é um problema né? Então eu tive que aprender a abrir mão um pouco disso, isso podia me afetar, era normal, era só por que, pelo fato de eu ser uma criança muito dependente, isolada, então eu tinha tempo pra isso, pra ficar organizando, não ficava ocupada brincando, agora particularmente eu não sou muito organizada não, no dia-a-dia eu consigo assim, manter algumas responsabilidades, eu consigo suprir, minha vó ainda é viva, é assim... uma coisa monótona, eu faço já mecanicamente, não é uma coisa assim que eu faço observo uma atenção.

**E: e, como é sua relação com as outras pessoas de modo geral?**

T: Minha relação melhorou, hoje eu sou uma pessoa diferente, eu entro na universidade falando com todo mundo, e não era assim, eu entrava e não falava com ninguém, nem com os colegas da universidade, hoje estou mais aberta “oi, bom dia, boa tarde”, os funcionários se eu não der boa tarde, bom dia, eles chegam perto, alguns sabem que eu não escuto bem: “Tétis, bom dia, tudo bom?, boa tarde!”, eu sinto que eu mudei muito, passei a ser uma pessoa mais acessível.

**E: como você agi em grupo?**

T: é... tenho dificuldade até hoje, eu tenho dificuldade de participar, por que assim, as pessoas falam ao mesmo tempo, eu não consigo acompanhar o raciocínio, a lógica, então a tendência é eu me isolar, nesse aspecto me isolo, fico observando de longo, procuro, uma oportunidade de, é, me aproximar do professor da professora pra tentar entender o que eu tou fazendo, o que é que eu vou fazer, ontem mesmo teve uma atividade, eu demorei muito pra interagir, fiquei de fora, por muitos minutos até eu ter... chamei a professora, a pessoa responsável pelo material que ela estava aplicando, para uma apresentação, ela me explicou então eu me juntei, e comecei a falar com os colegas, até eu não entender o que eu estou fazendo eu fico de fora.

**E: Como você age em situações em que fogem do seu controle?**

T: Situações que fogem do controle, é... procuro pensar, refletir, não adianta se desesperar, não adianta ficar, é... nervosa, essa não é a solução, nos momentos em que, em situações que podem fugir do controle é... por exemplo, se um colega, agi com desrespeito comigo, eu falo um vez com ele Oe: “não aceito ser tratada dessa maneira”, repeti, repeti, não adianta eu vou me estressar, mas uma vez vou lá tento mostrar em atitudes, eu já não vou falar mais, em atitudes eu demonstro. Situações com relação a atividades, é... seminários, provas, essas coisas assim,

eu procuro pensar, bom, vou buscar uma saída, eu, é... sempre fui muito tranquila em relação a isso, em situações que fogem do controle eu procuro manter a calma, olhar bem, repetir, pensar numa solução, aprendi com minha família, se eu ficar desesperada não funciona.

**E: O que lhe deixa insegura?**

T: me deixa insegura, é muita coisa, assim, que me deixa insegura, eu me vejo num comportamento que muitas pessoas assim, tem um estranhamento, por que assim, eu não costumo acompanhar o ritmo, vamos supor assim, moda, eu não costumo acompanhar o ritmo voltado assim, pra aquilo que tá comum, eu sempre fui eu mesma, e o fato dessa situação, dessa diferença, além de ter uma deficiência e além de ter um caráter, o meu comportamento ser diferente, as vezes eu acho que sou uma pessoa, que pode ser entendida como uma forma assim, como uma forma arcaica, e isso acaba causando certos questionamentos, eu evito muito falar sobre a minha vida pessoal, eu evito muito expor muitas coisas que eu penso, então isso me deixa insegura, então eu prefiro não falar, é... e outras coisas que me deixam insegura, é... quando determinados tipos de responsabilidade que envolve muita atenção, eu não faço, nego, não faço, situações que preciso subir uma escada por exemplo, não posso, por que não tenho essa confiança, como eu tenho uma visão só, por que não tenho muita noção de profundidade, altura, na hora que estou subindo uma escada, é... eu tenho insegurança, situações assim mínimas, eu não sei se isso me afeta muito, por mais que eu tenha aprendido a ser mais acessível, antes de chegar lá, já suei, já passei por situações assim, que eu preciso as vezes de estímulo, preciso muito de alguém pra... dizer assim “Tétis, você pode”, não tenho assim, uma situação específica mesmo, pra dizer assim, qual situação me deixa insegura, quando eu sou o centro das atenções, pronto, ai você vê Tétis insegura, Tétis tem que tá pensando numa forma de sobressair, numa forma de lidar com a situação. Eu não costumo, não gosto de ficar... eu gosto de ser assim, alguém que tá bem, assim, reservada, eu não gosto de ser o centro das atenções não, sabe?

**E: Você poderia me indicar o nome e o contato de um familiar seu, para que eu possa estar conversando com ele também, a respeito de algumas características suas, que ele conhece, que ele percebe, que possa estar também colaborando com a pesquisa?**

T: que me conheci... pode ser minha própria mãe mesmo.

**E: para finalizar a entrevista vou fazer a última pergunta. Você gostaria de acrescentar mais alguma informação?**

T: é... algo interessante assim, que ta sendo um destaque atualmente é aprender a ter a liderança, até... passei o colegial todo e o ensino médio todo, nunca tive a responsabilidade assim, pra ser lider, pra orientar, aí eu aprendi muito a perceber que eu tenho essa capacidade de assumir um papel que vai desenvolver e orientar outras pessoas, eu não tinha essa autoconfiança, mas isso eu não aprendi aqui, eu aprendi a partir de um vínculo religioso, atualmente eu sou testemunha de Jeová, é... toda a organização da congregação de modo geral tem me ajudado bastante, isso me fez, me tornar alguém mais autoconfiante, essa questão da liderança, é eu tinha medo de assumir responsabilidades, “olhe Tétis, você agora vai fazer isso”, eu fazia de tudo para fugir, hoje eu estou bem disposta, “Tétis você é responsável por isso, vai fazer aquilo”, eu já não tenho medo disso, é... eu percebi nessa situação, a partir do momento que eu fiz o primeiro projeto de uma disciplina onde eu fui líder, e eu percebi que deu certo, as pessoas me perguntando, foi complicado por que no início, por que todo mundo lhe pergunta, tudo você sabe, tudo é com você, né? Mas aí eu fui ajustando, calma, pere aí que é uma só, vamos lá, um de cada vez, aí eu fui orientando, mesmo fazendo as pesquisas, gente faça dessa maneira, foi um passo que eu dei pra ter um equilíbrio na liderança foi elogiar, independente se o colega não fez um trabalho tão bom, quanto um trabalho bom, eu percebi que isso tem um potencial muito grande na relação do grupo, o colega mandava “Tétis fiz isso.”, ah, está ótimo! Parabens! Você fez bem! Contribuiu bastante! “ah, mas eu fiz pouco!” não importa, isso me fez reconhecer em outras pessoas limitações dificuldades, não olhar só pra minha, isso ta sendo um destaque na minha vida intelectual e eu espero levar isso pra frente, é... um algo novo, muito novo, e o projeto deu certo, e até pretendo futuramente, foi tanto, que eu ganhei essa autoconfiança, que eu pretendo executar, e eu não pensava nisso, foi uma oportunidade enorme e, é... essa questão da relação entre os colegas foi algo que eu aprendi também, algo novo, lidar com pessoas que tem personalidades diferentes, pessoas que tem até o linguajar diferente e tal, eu já consigo lidar, consigo expor, vamos dizer assim “isso me incomoda” eu tinha medo de falar o que me incomodava, eu ficava só aceitando, tolerando, não gostei disso, não gostei daquilo, isso me deu mais autonomia.

**E: pronto Tétis! Obrigada pela sua colaboração, todas as informações que você trouxe através dessa entrevista, pelo que já percebi vão ser muito ricas né, pra que eu pretendo fazer, acredito também para o departamento, para a inclusão aqui na universidade, muito obrigada novamente!**

## **Entrevista 2 – Réia (mãe de Tétis)**

[E: entrevistadora; R: Réia]

**E: Olá, gostaria de primeiro agradecer sua colaboração com nossa pesquisa e te assegurar o sigilo de seu nome e identidade. Bem, nosso objetivo é identificar e descrever as HSE de licenciandos com deficiência do curso de biologia compreendendo possíveis influências das famílias desses alunos na construção destas habilidades.**

**E: A qualquer momento você pode desistir da entrevista, fique bem à vontade.**

[Eixo 1: família]

**E: A primeira pergunta é para a senhora me trazer alguns episódios que foram marcantes na vida de sua filha com relação a família, no meio familiar.**

R: é difícil de você falar... ((lágrimas)), a mãe que tem um filho especial, ela tem um tesouro, ela tem alguém que ensina todo dia a ela que a vida não tem limites, eu aprendi muito com Tétis, sabe por que? A coisa que mais me emocionou foi por que Tétis se alfabetizou sozinha, quando Tétis foi pra escola, prá pré escola Tétis já sabia ler, então pra mim aquilo foi o máximo, por que eu era professora primária, e eu tinha muitos livros e Tétis se interessou pelos livros, e ela olhava as figuras e dali, quando ela chegou na escola ela já sabia ler, então pra mim é um dos fatos que mais marcaram a nossa vida. Uma coisa que aconteceu na vida da gente muito interessante é que quando Tétis nasceu eu estava desempregada, que eu desistir de tudo para cuidar de Tétis, então a gente demorou a perceber que Tétis tinha uma deficiência auditiva, a gente sabia que Tétis tinha uma deficiência visual, mas não sabia que Tétis tinha uma deficiência auditiva, então, quando ela tinha uns dez anos ela escreveu uma carta para papai Noel do correio, e ela nessa carta dizia para papai Noel que ela queria ganhar um aparelho auditivo, que ela queria ouvir, então o correio respondeu dizendo que ela mandou a carta muito tarde, que eles não tinham como realizar aquilo, nisso a gente recebeu a visita do tio de meu esposo que morava fora, e ele ouviu, leu a carta e aí ele, disse a ela que papai Noel tinha mandado ele para resolver o problema, e ela ganhou o aparelho dele, e assim me emocionou quando ela colocou o aparelho, que ela me disse assim: “eu ouvi os pássaros, eu ouvi o som das folhas, eu ouvi o vento” então, aí você percebi quanto tudo isso é preciso, que você tem todos os dias, todos os momentos e você não valoriza. Então, foi um aprendizado muito grande ali, ela dizia “Mamãe, o passarinho ta cantando, mamãe o que é isso? Que lindo

mamãe! Minha mãe que lindo mamãe!”, ela ficou fascinada pelos sons, então isso marcou muito nossa vida.

**E: Isso ela tinha dez anos?**

R: Sim, dez anos.

**E: e foi a senhora que alfabetizou?**

R: Foi, foi eu quem alfabetizou, foi eu quem ensinei Tétis a falar, por que as pessoas desistiam muito rápido, eu hoje agradeço muito a Deus por que o SUS evoluiu, o SUS hoje tem uma porta aberta bem diferente, por que nós íamos pro fono, ela fazia um “instantinho” e dizia, olhe ela não vai conseguir, eu acho que vai ser difícil, pela deficiência auditiva, ela tem duas deficiências, é complicado, então eu sentava com Tétis, ficava numa altura de igualdade e aí eu ia ensinando ela a falar. Então, quando ela começou a dizer as primeiras palavras, quando eu dizia seu pai, ela dizia: “sapai”, então eu mudei a técnica e comecei a chamar meu esposo de pai e ele me chamar de mãe, por que ela dizia: “seupai”, “seusamamãe”, então ela me chamava de mãe e eu chamava ele de pai, para que assim ela aprendesse a dizer pai e mãe, e assim ela aprendeu a falar, foi aprendendo a falar palavra por palavra, e ela hoje é uma jovem que fala assim muito correto, parece até que ela aprendeu com um profissional, mas foi comigo, eu que alfabetizei eu que ensinei ela a falar.

**E: aí você trouxe a juventude de Tétis, você poderia falar um aspecto importante agora Tétis Jovem?**

R: Agora Tétis jovem eu acho que uma das grandes vitórias de Tétis é a universidade, é Tétis passou no vestibular, no nível dela em primeiro lugar, então isso mostra assim que Tétis é, realmente alguém que luta, que busca os seus objetivos, sabe, ela é muito doce, muito sensível, muito justa, ela é uma pessoa assim que carrega justiça, é um referencial da vida de Tétis fazer o que é correto, o que é justo. Tétis é um filho que não sabe mentir, que não sabe assim fazer as “tramoias”, que a gente que já foi adolescente sabe que a gente faz né, Tétis não faz essas coisas, Tétis é muito diferente de muito jovens, e eu acho que o diferencial é que Tétis tem uma cabeça de adulto, e a gente conversa sobre tudo, sobre paixão, sobre a vida, a gente tem uma vida muito aberta e ela é muito mais amiga do pai do que minha, eu acho, por que eu sou aquele que digo não, por que as pessoas achavam que quando você tem um filho diferente, você tem que tratar ele como um diferente, e eu nunca tratei Tétis como um diferente, eu nunca bajulei Tétis mais que o outro irmão, por que eu acreditava e acredito em minha filha, por que



quando você acredita, não é com mimo, não é com isso que você vai ensinar o seu filho, você vai ensinar a ele o que é correto, Tétis levou palmada como todo mundo, Tétis ficou de castigo, Tétis levou a surrinha que toda criança leva na vida, ela levou. Tudo na vida de Tétis eu tratei ela como normal.

**E: e você falou que Tétis tem um irmão ou uma irmã?**

R: Uma irmã.

**E: e como foi o desenvolvimento assim, a relação entre elas duas?**

R: as vezes difícil por que ela não acompanhava o ritmo da irmã, a irmã é dois anos mais novas que ela, mas a irmã era, tinha, era uma pimenta malagueta, quando era criança e ela não acompanhava aquele ritmo, e, mas, a relação é normal de irmão, é uma competição muito grande de sentimentos hoje né, por que os filhos tão nessa fase acha que a mãe dá mais atenção a um, que a mãe gosta mais do outro. Mas, do contrário é uma relação normal, e eu acho assim que a irmã, é aquilo que leva Tétis a querer mais, por que a irmã não trata Tétis como se ela fosse especial, como não trata, ela trata Tétis como... é minha irmã, sabe.

**E: não enxerga Tétis com uma diferença para ela?**

R: Não, Tétis não tem essa diferença para ela.

**E: Aí é no núcleo familiar de vocês, dentro de casa, e com o pai, como é o relacionamento?**

R: o pai é, ele é o parceiro, ele é o grande amigo, ele é aquela pessoa que Tétis foi a vida dele, né, Tétis é um... eu acho que para o pai de Tétis, Tétis representa o núcleo da vida dele, as realizações de Tétis são dele, as vezes eu acho que tudo que Tétis alcança, ele acha que foi ele que alcançou, ai eu falo pra ele: “ei isso é de Tétis, não é seu”.

**E: Como se fosse a mesma felicidade?**

R: sim, a mesma felicidade.

**E: então a relação do núcleo familiar a relação é bem...**

R: é bem legal

**E: e com a família maior, a parentela que vem anexa né, a avôs, tios, primos, como é o relacionamento com Tétis?**

R: Veja bem, é difícil falar disso, por que a mãe do meu esposo ela é uma mulher antiga, e não é nem uma crítica que estou fazendo, é pelo fato do modo que ela viveu, que ela via uma pessoa com uma deficiência como alguém, doente, como um diferente. E ela via sempre ela assim né, mas do contrário ela tem uma relação assim né, agora Tétis não é envolvida com a família do pai dela, ela não tem esse enlace todo, como ela tem com a minha família, por que assim, pra minha mãe Tétis era uma princesinha dela, a Tétis era o “bam bam bam” da minha mãe, mas a mãe dele como ela era uma mulher que tinha tido doze filhos, que tinha uma visão de vida diferente, mas nem por isso elas tem uma relação ruim, é mais distante, Tétis não tem uma relação com a avó que ela vá na casa da avó e abra a geladeira e tire alguma coisa, por que a maioria dos netos fazem isso na casa da avó, Tétis não tem essa relação, mas ela tem uma relação de muito respeito com avó, avó hoje a respeita muito, e Tétis tem assim, ela é como, quando Tétis fala com um primo, ele escuta, se alguém estiver fazendo algo de errado, Tétis vai lá e diz “olhe você está errado, você precisa...”, Tétis é como se fosse um líder deles.

**E: Uma conselheira?**

R: Uma conselheira, e uma das características de Tétis, que as pessoas me falam muito é que “eu estava com problemas e Tétis me ajudou”, “eu estava assim, e Tétis me ouviu”, tem pessoas que falam assim, “sua filha é velha”, por que é uma mente de velho, mas é que ela aprendeu a amar, por que a nossa base na vida, na nossa família era o amor, não importava, o que importa em nossas casas são as pessoas, as coisas não importam, quem tem valor na minha casa é o ser humano, e Tétis levou isso para a vida dela.

**E: as duas deficiências que Tétis tem ela já nasceu com elas?**

R: Já, foi por que Tétis ela passou da hora de nascer, a bolsa estourou no sábado, Tétis na verdade é considerado um milagre, a medicina considera um acaso e religiosamente eu digo que ela é um milagre, por que a bolsa estourou no sábado, 10:00 da manhã, e Tétis só nasceu na terça – feira a noite, entendeu, ela passou muito tempo sem oxigênio, eu tive eclampsia no parto de Tétis, nós duas quase íamos, e o engraçado é que quando se fala em religião cada pessoa tem a sua, na época eu era uma mulher católica e quando eu pari Tétis e no outro dia todo mundo, eu tive hemorragia, parei fui para UTI e no outro dia as pessoas vieram me falar de Tétis, “sua filha é miudinha, mas ela é linda, ela é linda, ela é linda, tem um cabelinho preto lindo!” aí eu disse a Deus que eu não tinha nada para ele, mas se Tétis se salvasse o nome dela seria Tétis em homenagem a mãe Dele, isso foi o que eu dei a Deus, só foi o que eu dei a Deus

e assim, Tétis pra mim é um presente. Eu desistiria de tudo que eu desistir dez vezes, mas eu faria tudo que eu fiz e mais um pouco.

**E: Você poderia me exemplificar na história de vida de Tétis um momento que tenha sido difícil para ela?**

R: Com quatorze anos, Tétis já tinha um olho maior que o outro, mas com quatorze anos Tétis teve câncer, o olho dela teve um tumor e ela na era, ela não é uma pessoa que se queixe, Tétis não é uma pessoa que se queixa, então eu comecei a perceber que Tétis não dormia, eu chegava no quarto de Tétis e ela tava lá sentada, e aí, eu trouxe Tétis no posto de saúde, que nessa eu ainda não trabalhava aqui, aí eu trouxe Tétis. A pessoa que a examinou sabia que eu era cuidadosa com ela e disse assim: “isso são mimos de mãe, ela não tem nada, não tem nada no olho dela” e aí Tétis ficou sentindo muita dor, uma outra pessoa conseguiu uma consulta para um oftalmo, quando nós chegamos lá ele examinou e disse: “pode ser que eu me engane, mas pode ser que aqui tenha um tumor”, e fomos no médico, ele nos ajudou e no mesmo dia fizemos a tomografia e Tétis tinha um tumor um pouco embaixo do olho pequeno.

**E: e era o olho que não via direito?**

R: que não via direito, então aí a gente enlouqueceu né, fomos correr atrás e foi um momento muito lindo na nossa vida também por que você percebe os amigos que você tem, aí na época que eu tinha entrado aqui já, quando, nesse, eu tinha começado a trabalhar aqui dentro, por que eu trabalhava na saúde, mas era fora, e eu entrei pra trabalhar aqui e aqui tinha uma dentista que ela assim comprou nossa causa, ela nos deu um anel valioso, e esse anel a gente fez, todas as pessoas compraram a rifa desse anel, e essa pessoa ela tinha uma síndrome que compra muito, e ela tava vivendo assim um momento horrível na vida dela, e essa mulher deu todas as roupas que ela tinha em duplicidade para que fosse feito o bazar pra fazer a cirurgia de Tétis imediatamente, então foi bárbaro, eu conheci pessoas muito especiais, pessoas que, assim, ajudou a gente de uma forma muito linda, e aí fomos, fizemos a cirurgia de Tétis, foi em um sábado, e o médico disse a mim que Tétis ia sentir muita dor após a cirurgia, mas, mais engraçado é que quando ele tirou o olho de Tétis, demorou muito a cirurgia quando ele chegou pra gente, meu esposo tava aflito e ele disse, olhe, correu tudo bem, mas eu nunca fiz uma cirurgia de olho pra não sangrar muito, e a cirurgia de Tétis não sangrou, e uma coisa que aconteceu nesse dia é que Tétis não estava com medo de fazer a cirurgia, ela estava com medo de que arrancasse esse olho que era bom, aí na hora da cirurgia ela tava em pânico, aí eu contei ao médico, ele pegou fez um tampão pra o olho bom dela para ela se sentir segura. Foi um

estresse muito grande, só que aí quando fez a biópsia, não tinha, não era maligno o tumor, Tétis não tem visão nesse olho, ela usa uma prótese, dentro do olho tem uma esfera que sustenta e ela usa uma prótese. E é assim foi um momento que marcou, e ela ia fazer quinze anos, ela ia fazer a cirurgia, no finalzinho do ano e no dia e no dia quatro de março é o aniversário de Tétis, todos os meus colegas de trabalho se juntaram e fizeram uma festa de quinze anos pra Tétis, então foi aquilo que foi assim, ela recebeu muito amor. E engraçado tem uma coisa em Tétis que é engraçado, essa dentista, me disse pra mim que a situação de Tétis curou ela, por que comprava a ponto de está assim a beira, não tinha mais como se recuperar, tava no psiquiatra e não melhorava e ela percebeu que aquela hora ela ia se curar e ajudar Tétis. Agora eu confesso a você que dentro dessa cirurgia teve um momento que foi muito doído, por que no terceiro dia depois da cirurgia, assim, no segundo pra o terceiro dia, foi o ápice da dor de Tétis, ela teve tanta dor, tanta dor, e ela chegou assim para o pai e disse: “pai diga a Deus que acabe com tudo logo, por que eu não aguento mais”, “não Deus não vai fazer isso”, “por favor pai, fale com Deus, diga a ela que eu quero ir, por que eu não suporto mais tanta dor pai” e o pai passou a noite todinha segurando a mão dela e ela se consumindo e assim, e o médico disse que aquilo era normal, por que era a retirada de um órgão, e aquilo doía mesmo, mesmo que ela tomasse toda a medicação ela ia continuar sentindo aquela dor. A partir do quarto dia foi que a dor, foi embora, aí depois tem toda uma recuperação, aí eu já trabalhava, a gente já tava num equilíbrio, mas a gente ainda ficou muito tempo sem prótese, hoje é que a gente já viaja, já faz a prótese fora, sem muita dificuldade, mas a gente conseguiu fazer isso.

**E: foi um momento muito difícil.**

R: foi difícil, por que você lutou por um bebê que nasceu de uma gestação de seis meses e dezessete dias, você viu esse bebê crescer, quando ele tava ali cheio de vida você descobrir que seu filho tá com câncer, é complicado demais, você acha que, entendeu, e você não passar pra seu filho que você tá sofrendo, eu nunca chorei na frente de Tétis, nunca.

**E: Pra passar sempre força pra ela?**

R: Sempre! Eu sempre disse a Tétis que a gente podia, que a gente ia conseguir, mas ensinei a Tétis o que é não também, e ensinei a Tétis que a gente tinha que ser forte e quando a gente fez a biópsia, que o médico disse, olhe não é maligno, ela não vai fazer quimio, nem rádio, por que na tomografia dizia que o tumor tinha aspecto de malignidade, só que depois ele disse que não era e que ele não entendia por que tinha acontecido, mas de novo a gente vivia o milagre. Engraço que a gente foi fazer o bazar na igreja das terezinhas, no Robalo e lá tinha uma freira

que Tétis tava, ela deixou de se cuidar, ela vestia qualquer roupa, e quando chegou lá no bazar ela tava com um blusa com um monte de fura, então chamou a atenção dessa freira e ela chamou Tétis, e levou deu uma blusinha a Tétis e disse: “não Tétis, que blusa é essa?”, e Tétis disse “mãe eu estou com tanta dor, eu estou morrendo de dor”, aí eu disse: “calma!”, e essa freira antes da cirurgia disse pra gente, que Tétis já estava curada, ela só ia tirar o tumor, mas não tinha mais câncer, e realmente foi, pode crer, quando irmã rosa contou assim pra gente, ela disse: “eu estava de joelhos, diante do espírito santo, e Tétis não tem mais câncer” e aí a gente fez a biópsia e ela não fez quimioterapia nem radioterapia e até hoje ela faz todos os exames todos os anos, a gente vai com ela ao médico e não tem mais nada.

**E: E ao comparar a educação que a senhora dedica a suas duas filhas, o que a senhora pode me relatar sobre?**

R: Não sei não, eu acho que é igual, não existe uma diferença, Tétis estudou na mesma escola, a irmã também, toda as duas na mesma escola, Tétis ensinou muito a irmã, e acho que não existe uma diferença na educação, por que eu não conseguia ver por esse ângulo que eu tinha que tratar Tétis, assim, é... Chegou aqui uma certa vez um grupo que veio do ministério da saúde, e a pessoa acho que eu devia ir em busca de uma aposentadoria, e eu acho que se eu buscasse isso, na minha cabeça eu tava dando um rótulo a meu filho, eu tava dizendo assim, que você já tem uma aposentadoria, você não precisa estudar, você não precisa crescer, eu ia deixar minha filha estagnada num lugar, então eu não quis isso, e nem quero. Minha filha, não é doente, ela só é diferente, então todos achavam que era loucura, não, mas é um direito, mas eu acho que esse direito na cabeça do adolescente, do jovem, dá a ele uma sensação de que você é doente e ela não é. Então, eu não quero isso pra Tétis.

**E: E ao perceber que Tétis, estava passando por um momento difícil, assim no dia a dia, uma situação corriqueira do dia a dia, qual era a atitude da senhora?**

R: Primeiro eu observo, por que ela é muito dona da situação, Tétis é muito... e então, depois a gente conversa, a gente conversa, as vezes a gente briga como toda mãe comum, a gente tem pensamentos diferentes, a gente tem posturas diferentes, cada uma tem uma forma de ver a vida, mas, é só observar, eu vejo meus filhos, eu sei que horas meu filho dormi, eu sei que horas meu filho acorda, eu olho a bolsa do meu filho, eu sou aquela mãe que olha o que tá acontecendo na vida dele, e elas sabem que eu faço isso, a gente tem uma relação tão boa que eu consigo comprar roupa pra Tétis, sem Tétis, e ela gosta, ela gosta mais que eu compre, do que ela compre, entendeu? Todas duas, a gente tem essa relação, eu conheço meus filhos, eu sei

do que meus filhos gostam, eu sei do que eles não gostam, e a gente se enfrenta como toda mãe enfrenta seus filhos nessa fase da faculdade, aí eu digo não pra Tétis de boa, se Tétis tiver um problema e no problema ela estiver errada eu vou dizer que ela está errada, “me desculpe filha, mas você está errada, você precisa rever esse seu conceito”, entendeu, ultimamente a gente quebrou um pau danado por causa de religião, por que Tétis está em uma religião que eu discordava, só que depois eu percebi que era a religião de Tétis, não era a minha religião, entendeu?

**E: Ela estava livre para escolher o caminho dela seguir?**

R: sim, e com isso se estabilizou, se criou um respeito, só que você vai para sua religião e eu vivo naquilo que eu acredito, uma respeita a outra, e pra ela é muito importante as minhas opiniões por que ela me pergunta muito e a gente fala muito sobre isso, ontem a noite a gente tava falando sobre isso da inclusão na universidade, por que ela tava dizendo que eles tiraram né e colocaram alunos que prejudicou muito, muito.

**Eixo 2 [Vida acadêmica]**

**E: Tiraram o que?**

R: as pessoas que acompanhavam, tiraram o interprete e colocaram alunos, que essas meninas vão pra o watsap, ela as vezes não ouviu algo direito e pergunta e a menina se irrita por que ela perguntou, então ela vive muito isso, é tanto que agora ela desistiu de uma matéria por que a menina não dá nenhuma importância, e ontem ela até falou com ela num tom ameaçador, aí ela disse “aí eu esqueci, eu lembrei que eu não estava na minha casa e que eu não precisava”, então eu falei com ela num tom de igualdade, você vai falar e se ela vim pra cima de você, você grita, por que todos vão lhe ver, por que muitas vezes quando você vê alguém que tem uma deficiência, você acha que pode manipular aquela pessoa, você acha que pode enganar, você acha que pode tudo e isso é desumano, é desonesto e eu acho que na verdade, no meu ponto de vista, o que a universidade está fazendo com eles é desonesto, é uma economia que não está gerando economia, só prejuízo para o aluno. Esse modo de inclusão, eu como mãe de um aluno que necessita dele, eu acho que está errado.

**E: Então você consegue enxergar pontos que sejam negativos?**

R: Nesse modo que eles estão eu consigo sim.

**E: E você fala assim, que agora eles estão fazendo economia, então tem um antes, que já foi melhor?**

R: tem, por que a pessoa que acompanhava Tétisela era alguém que se eu hoje tivesse condições, eu pagava ela para acompanhar Tétis, por que assim, se ela vê, se ela parar pra ler os lábios, ela não vai conseguir escrever, então ela faz isso e a pessoa que está junto dela precisa ajudar ela, e Rosa fazia isso, Zélia era maravilhosa, e trazia aquele conceito, do companheirismo, do... por que muitas vezes as pessoas acham que ser o acompanhante, que elas agora chamam assim, é você só ir lá tá perto, se for só pra ter alguém perto dela ela vai levar um cachorro, bota o cachorro lá e deixa ele lá, por que é assim que eles estão tratando ela, ontem ela me disse que a menina fica tanto no watsap que ela perguntou uma coisa a ela que ela disse: “diga o que?!” e aí já vai se irritando: “o quê que você quer, diga! Fale!”, e eu acredito que as coisas continuarem desse termo eu vou na universidade, por que eu quero ser ouvida, entendeu?

**E: Mesmo com esses pontos negativos, no antes o que a senhora pode me destacar de algum ponto que foi favorável para Tétis? Além de Zélia.**

R: Eu acho que a universidade fez ela crescer, por que ela vive num mundo, ela vivia numa cidade do interior, é um termo assim, figurado, e ela foi morar numa capital, então isso é uma mudança muito grande, ela teve muito medo da universidade, entendeu, quando ela chegou na universidade, eu fui com ela, então e ela teve medo, ela se assustou, ela achou que não iria conseguir, ela pensou em desistir, então, é... por isso que eu falo na inclusão como um fato, por que se no primeiro momento ela não tivesse Zélia, ela teria desistido, por que ela achava que ela não ia conseguir.

**E: Então o quê que você acha que mudou em Tétis de lá pra cá, que hoje, mesmo com essas adversidades ela não desistiria da faculdade?**

R: eu acho que hoje, a família assim, e outra coisa, Tétis não, não sei, acho que a força, o que mudou é que ela criou independência ela aprendeu a ir e vir só, então, eu acho que o desejo de crescer, então... hoje Tétis já fala da independência dela, então isso já é... a universidade deu essa visão que eu posso, que eu vou, então eu acho que a inclusão do aluno com deficiência na universidade dá a ele um sinal de igualdade: “eu sou diferente, mas eu posso”, onde que no passado a gente sabe que eles jamais iriam entrar na universidade né, politicamente a gente sabe que não existiam políticas de educação que incluísse um adolescente com deficiência na um universidade, por que a gente sabe que o preconceito era muito grande, é nós vivemos o

preconceito de ter pais que não querem, que não quisesse que o filho ficasse na sala que Tétis estudava, a gente viveu preconceito no segundo grau, o professor me chamou e disse que ele não queria ela na turma dele, por que tinha que ir para uma escola de deficiente, e se ela já tinha chegado ali até o terceiro ano não era ele que ia ser a pedra né?

**E: Qual foi sua atitude frente a esta situação?**

R: Eu acho que a atitude foi atitude de mãe mesmo, sabe aquela hora que a mãe vira bicho, é leão, eu fui uma leoa, aí eu acho que eu... engraçado é que eu acho que o pai dela é um homem forte né, e ela disse que o professor disse: “eu pensei que seu pai ia me bater, o cara com um braço, parecendo um lutador”, então ele quando viu que ela tinha uma família, que ela não estava sozinha, a postura dele mudou, eu acho que essa coisa da família, da presença, eu acho que não é só na universidade, na inclusão como um todo ela... você tem que acompanhar seu filho do pré escolar a universidade, por que se você joga seu filho na escola: “não, eu vou incluir, eu vou colocar seu filho na escola”, mas se você não se atenta ao que está acontecendo a ele, se você não observa, se você não tá lá querendo saber, querendo que ele participe, é... quando tinha as coisas no primeiro grau, na quarta série, eu participei de tudo com elas, eu era aquela mãe que ia lá montar a gincana para minha filha ganhar, e a turma dela sempre ganhava, por que eu era a mãe que tava lá, e eu conseguia levar a mãe dos coleguinhas dela: “a gente tem que ir, a gente tem que dar força pra nossos filhos”, por que eu queria que minha filha tivesse a sensação que ela pode, mas não que eu fizesse, mas que eu estava lá: “olhe, se vocês fizerem assim vai ser melhor”, eles que construíam, eu só estava lá como uma orientadora, entendeu? Eu acho que eu fui isso na vida deles, aí quero ser até quando eu puder.

**E: Vamos voltar a falar da faculdade, quais motivos você considera que levou Tétis a entrada na universidade?**

R: o incentivo, a vontade, o desejo de querer chegar em algum lugar.

**E: e o incentivo por parte de quem?**

R: da família! A família foi assim... Tétis quando fez o vestibular ela não acreditou, primeiro por que Tétis fez biologia por conta de um acaso, no momento a gente estava sem computador e quando Tétis fez a inscrição a pessoa não acreditou em Tétis queria fazer vestibular pra medicina e a pessoa disse que ela não fizesse que ela não passaria e Tétis conseguiu uma pontuação de quase doze mil pontos, então... A redação de Tétis foi assim, uma nota maravilhosa, então Tétis era alguém que almejava, que sonhava, que queria a faculdade, e



assim, as escolas onde ela passou todas as pessoas percebiam que ela tinha vontade e todas as pessoas empurravam ela pra frente, todos tem um... teve professores que marcaram e empurrou pra frente, a professora Leide, ela foi uma das maiores que eu acredito que passou por Tétis, por que ela dizia assim: “você vai conseguir, faça o vestibular”. No dia do vestibular eu fui com Tétis, eu fiquei lá do lado de fora esperando Tétis fazer a prova, os dois dias, então a gente vai empurrando, agora eu acho que a universidade mudou bastante a dia dela. Ela agora é dona da situação.

**E: e como você avalia sua responsabilidade frente aos favoráveis e desfavoráveis com relação a sua filha?**

R: Eu acho que os desfavoráveis foi que eu protegi, acho que eu errei quando eu protegi, que mesmo querendo ou não você protege seu filho quando ele é diferente, por que você tem medo das pessoas, por que você conheci, muitas vezes as pessoas dizem coisas que você nem passa pra o seu filho, por que eu acho um pouco desonesto da parte da mãe que ouvi alguém fazer um comentário: “ói, fulano disse isso” e aí você... eu acho que meu ponto negativo foi a proteção, eu protegia assim, eu colocava Tétis na minha redoma, eu cuidava de Tétis nesse sentido. E o meu ponto favorável é que eu sempre incentivei ela a provar pra ela mesma, não precisava provar pras outras pessoas, era que ela tinha capacidade de crescer e evoluir.

**E: Vamos falar de alguns pontos fortes e fracos de Tétis, que de uma maneira geral nós já falamos de alguns. Quais seriam os pontos fortes e fracos que Tétis possui?**

R: eu acho que um ponto fraco de Tétis é o temperamento, ela tem o temperamento forte, ela perdi a estribeira muito rápido, eu não sei se ela disse pra vocês, mas ela tem esse temperamento, é... esse é um dos pontos negativos que eu acho ela precisa aprender a controlar esse impulso que ela tem, e eu acho que uma das coisas que Tétis precisa aprender é controlar a verdade, por que Tétis é alguém que ela vai lhe dizer o que ela acha, se você tiver maltratando um idoso ela vai em você: “você está errado, você não pode fazer isso”, então ela tem que aprender a observar e ver como ela pode ajudar o outro que está em uma determinada situação do impulso de agir, de querer, e a gente vive num mundo tão cruel e as pessoas se aproveitam disso e acabam tirando vantagem dessa simplicidade que ela tem. E você quer os pontos positivos, pontos fortes, e eu acho que o ponto forte de Tétis é o amor, eu acho assim muito lindo, ela chega em casa da universidade, coloca a avó dela pra dormir arruma a cama da avó, leva a avó no banheiro, trocar de roupa, isso é o amor, eu acho que o amor é um dos pontos forte da vida de Tétis, ela as vezes eu acho tão lindo, ela as vezes manda uma mensagem assim:

“eu te amo!” do nada, assim a gente se aborreceu, “eu te amo, você é especial pra mim”, então, eu acho que esse amor é a grande arma de Tétis sabe e eu ainda acredito que é isso, que é o ponto mais forte da vida dela.

**E: o que motiva Tétis a mostrar todo o seu potencial?**

R: eu acho que é a vontade, um desejo de, entendeu? E primeiro que Tétis acredita muito que o diferente pode ser diferente, mas sem perder sua capacidade, eu acho que esse é um dos fatos que ela trabalha muito isso, muitas vezes ela diz: “mãe, você não quer que eu faça isso, mas quando você não estiver aqui eu não vou ter que fazer?!” e isso me faz perceber que isso é um desejo dela, ela quer é o querer.

**E: E quais dificuldades a impede de mostrar esse potencial?**

R: Eu ainda acho que é o outro, ela ainda sofre muito com isso, as pessoas excluem o diferente, eu acho que muitas vezes a sociedade tem medo, é como se as pessoas tem medo do que é diferente, é... o ser diferente é complicado, por que as pessoas não lhe vê diferente, elas lhe vê doente, elas lhe vê deficiente, tem pessoas que, que não aceitam até, tem esse ponto de como, teve pessoas que me disse assim: “eu disse a minha filha, se ela não tinha vergonha na cara da sua filha cega e surda tá na universidade e ela normal não tá na universidade”, então você vê que isso é um grau de desrespeito muito grande pelo outro, então eu acho que isso ainda é o entrave, é a trava que barra. Por que existe aquelas pessoas que não vê, tem muitos colegas dela que não vê isso, mas tem uma grande maioria, no primeiro momento na universidade tinha pessoas que implicavam até pela cadeira que ela tinha que sentar na frente, tinha meninas que iam e colocavam a bolsa lá pra ela não sentar, até que o professor foi, a universidade, por que ela aprendeu a correr atrás do que ela queria, ela vai no DAIN, vai não sei aonde, vai não sei aonde, “Mainha, hoje eu fui e disse que não quero mais aquela menina, por que ela está me fazendo mal”, então, ótimo, ela aprendeu, você não pense que me deu vontade de ir lá, dizer: “hoje quem vai sou eu, hoje eu vou”, mas só que aí eu espero, eu quero ver até aonde ela vai, que quero ver o que ela vai fazer, entendeu, por que eu quero que ela cresça como ser humano e como pessoa.

**Eixo 3 – [Habilidades socioemocionais]**

**E: Agora vou pedir para você me descrever algumas características de Tétis. Nas situações que eu vou trazendo. Como você vê sua filha quando está a viver novas experiências?**

R: Normal, uma jovem, que eu venho com normalidade.

**E: ela tem atitudes semelhantes a um jovem?**

R: Sim, como qualquer outro jovem.

**E: e as características delas singulares quando ela está de frente com novas experiências?**

R: Não, eu acho que tudo é muito normal, tudo, que os sonhos, os desejos, os medos, é igual de todo ser humano.

**E: Como você a vê quanto à organização?**

R: eu acho que ela é organizada, agora eu acho ela ainda assim, que as vezes ela precisa que alguém vá lá e diga: “ei, para aí!”, que as vezes eu acho que quando ela se envolve em uma coisa ela vai com tanta determinação, que as vezes precisa que alguém ajude ela a puxar o freio e voltar um pouco, e ir devagar, mas eu acho que ela é organizada, do jeito dela né, por que cada um tem sua particularidade. Ontem mesmo o médico estava dizendo que minha gaveta é bagunçada, mas é a minha gaveta, então é a minha mesa, e a mesma coisa é a vida dela, é o quarto dela, apesar que ela é muito organizada lá nas coisas dela.

**E: e como você a vê quanto a responsabilidade?**

R: Tétis, quanto a responsabilidade eu dou dez a Tétis, ela é muito responsável, ela é muito, muito responsável, ela é muito comprometida com as coisas, com as pessoas, com a vida com tudo, eu lhe digo a você que não tem como dizer diferente, eu seria injusta se eu dissesse diferente.

**E: e na universidade, a responsabilidade de Tétis?**

R: eu acho que no começo ela foi assim... só que hoje, hoje eu digo a você, é como se hoje ela precisasse correr bastante pra aproveitar qualquer coisa que ela tenha perdido, o tempo que ela perdeu, sabe aquela coisa, sabe alguém que tá buscando o fim, alguém que quer: “eu quero chegar logo nisso aqui”, correndo atrás do tempo perdido.

**E: e esse tempo perdido se deu devido a que?**

R: eu acho que, assim, ao meu erro, por que eu protegi, então ela demorou a aprender a se defender e quando você demora um pouco você perdi um tempo precioso. Eu acho que em parte, a culpa foi minha.

**E: Como ela age em grupo? Em atividades assim em grupo. Mesmo que seja na universidade, ou em casa, quando ela está com outras pessoas tendo que desenvolver uma atividade junto, pode ser em casa.**

R: eu acho que ela é observadora, ela é muito observadora, e no fim, quando você acha que ela passou ali e não fez nada, ela vem e bate um carimbo que ele era fundamental, sabe aquela pessoa que observou e no final fez um laço, ela é essa pessoa, ela é assim. Ela observa, observa e as vezes é, eu vou ter essa atitude, por que eu ainda acho que tem um certo medo das pessoas, ela fica observando, observando e ela aprende e desenvolve um ideia dentro daquele contexto e ela aplica.

**E: E como é a relação dela com as outras pessoas?**

R: Boa, normal.

**E: como você acha que ela age mais assim quando está com outras pessoas?**

R: eu acho que no começo ela é muito caladinha, mas depois ela é conversadeira, faladeira, falando no português mesmo, ela é essa pessoa, ela conversa muito, ela fala muito, e se preocupa muito com o outro na relação com as outras pessoas, ela se preocupa muito com o seu bem estar, ela estava super aflita com você, por que ela queria que saísse tudo bem, então ela tem essa relação com o outro, de dar o melhor dela, então ela tem essa preocupação.

**E: Como ela age em situações que fogem do controle dela?**

R: ela é valente, é esse o momento que eu desejo assim, que eu já pensei em levar ela no psicólogo, em alguém que tenha essa compreensão, por que quando algo foge do controle de Tétis, Tétis é muito brava, ela é brava, brava, brava mesmo, entendeu? E outra coisa, se a situação fugir demais, se for uma coisa fora de casa, não se preocupe que ela vem buscar apoio, é como se fosse um guerreiro que está andando sozinho, mas quando ela vê vem vários soldados contra ele, ele diz eu vou voltar e vou pedir ajuda aos meus, ela faz isso, mas ela é muito valente, ela é muito determinada, eu digo minha filha não pode ser assim, é muito brava, ela realmente é brava, aquela mulher mansinha, mas dentro daquela mulher tem um ser que é, eu digo: “meu Deus do céu!”, mas ela é assim, quando a situação foge do controle, ela vai em

busca do apoio do pai, da irmã, do meu, dos amigos mais próximos, mas geralmente a primeira pessoa que ela busca sou eu: “mãe, isso está acontecendo” ou “mãe eu tou com medo disso” ou “mãe, isso aconteceu comigo”, entendeu? Ela vaia logo atrás da família, eu acho que é o porto seguro dela.

**E: o que a deixa insegura?**

R: Eu acho que o que deixa Tétis insegura é o medo do futuro, o medo do que vai acontecer, e as pessoas, as outras, o preconceito, a ignorância do mundo, eu acho que isso dá uma insegurança a Tétis. As vezes ela me pergunta assim: “mãe quando eu estiver trabalhando, será que os meus colegas de trabalho vão me ver como os colegas da universidade?”, eu digo: “não, eles vão lhe ver no pé de igualdade por que você conquistou o seu espaço, você não está no QI de quem lhe indicou, você tem que arranjar o seu emprego por que você conseguiu ele, para que você olhasse pras pessoas e dissesse “eu estou aqui porque mereci, porque eu lutei, por que aprendi, porque sonhei, porque desejei e estou aqui”.

**E: Quais características definem melhor sua filha?**

R: as características de Tétis... difícil de falar dessas características, eu acho que uma das características de Tétis maior é a bondade, ela é uma pessoa muito boa, amor, ela tem uma compaixão pelo outro imensa, eu acho que é uma das maiores dela, sabe, as vezes eu tenho que dizer: “êpa! Pare aí!”, por que ela, se ela pudesse ela daria o melhor dela a todas as outras pessoas, eu acho que é uma das grandes características. E uma característica negativa é que ela demora a entender, assim, porque ela acha que todas as pessoas são boas, entendeu? E na verdade você sabe que não é, então, até que você prove a ela que aquilo não é ela é irredutível.

**E: Você podia citar mais algumas?**

R: Acho que força, força de vontade, isso aí. São tantas coisas que na hora foge a mente, por que ela é um jovem muito determinado, sabe o que é você acordar quatro horas da manhã tomar um banho pra sete horas você tá na universidade, Tétis sai no escuro daqui, eu tenho que ir levar Tétis até o portão, então isso é um esforço muito grande, ela não desiste das coisas, e eu acho que isso de não desistir já é uma característica forte, ela não desiste daquilo que ela acredita, e assim, as coisas que mais mexe comigo e Tétis é o amor que ela tem por velho e criança, idoso e criança pra Tétis é assim uma paixão, ela trata o idoso como se ele fosse o vô dela, a avó, qualquer um, sem exceção, a mesma coisa é com as crianças, as crianças amam Tétis, os sobrinhos, todo mundo ama muito Tétis, por que a gente tem uma sobrinha que é

como se fosse uma filha, e a filhinha de Cris ama Tétis de uma forma que chamava até Tétis de mãe, então é alguém que tem sempre algo... Só que Tétis assim é alguém que tem uma característica que é assim difícil, por que é alguém que lhe dá um coração, é alguém que lhe diz assim: “olhe, você tem que estudar ciências por que você precisa passar em ciências, a responsabilidade de passar em ciência é sua, eu vou lhe ensinar, mas você tem que passar, tá ouvindo?”. Tétis é essa pessoa, que ela não é alguém que acredita que tem que dar o peixe, ela é alguém que acredita que tem que dá a vara e ensinar o outro a pescar, é uma coisa assim que... As vezes a gente acha que tem um filho diferente e outro que não é diferente, eu vejo muita responsabilidade, já acho que minha outra filha é assim, que eu digo: “meu Deus do céu!”, Tétis é a que devia ser e não é, entendeu? É curioso, ela é muito... só convivendo com ela pra pessoa entender.

**E: Gostaria de acrescentar mais alguma informação? Nesse contexto que a gente conversou tudo isso até aqui.**

R: assim, eu só gostaria de acrescentar uma coisa, de dizer que é valioso o seu trabalho, que me emocionou muito pelo fato de você tá fazendo um trabalho encima daquilo que a sociedade faz questão de esconder, que são os seus jovens, as suas crianças que tem uma deficiência, auditiva, visual, e que isso não significou pra você que eles são doentes, mas que eles são diferentes, então pra mim esse trabalho que você está fazendo tem uma importância muito grande, eu acho que eu me senti realizada hoje de responder esse questionário, pelo fato que, de perceber que você é jovem, mas você tem uma missão e que isso sirva de uma certa forma para algumas pessoas perceber que elas tem que dar igualdade, dar direitos, elas tem que abrir portas, sabe por que? Por que esse nosso jovem incluso hoje nas universidades eles podem ser os médicos de amanhã, os juizes de amanhã, eles podem ser as grandes autoridades em um país onde a inclusão está sendo tratada de um jeito muito lento, desrespeitoso até, mas que já está sendo tratado, então eu lhe dou os parabéns. Meus parabéns e lhe agradeço como mãe de alguém diferente, por que você abriu um leque que eu tenho certeza que vai ser, que seja exemplo para outros, certo.

**E: eu que agradeço a colaboração da senhora, com certeza a senhora colaborará muito com essa pesquisa e tudo que a senhora trouxe hoje aqui pra mim está sendo muito valioso nesse buscar entender, pra buscar ajudar a inclusão acontecendo na universidade, muito obrigada! Muito obrigada mesmo!**

R: Pra mim foi um prazer imenso responder pra você, e o mais valioso disso tudo é que eu espero que um dia eu ainda possa sentar com alguém, daqui há dez anos, há não sei, e que a gente possa falar que isso evolui, que isso cresceu, que isso melhorou, que realmente esse jovem ele ta sendo tratado como igual, por que é isso que ele é, eles são iguais, gente! Eu vou dizer uma coisa a você a pessoa ela é diferente, mas as pessoas acham que eles não tem sentimento e magoa, isso é... o mundo precisa abrir os olhos pra isso, as pessoas precisam!

### **Entrevista 3 – Febe (professora de Tétis)**

[E: entrevistadora; F: Febe]

**E: Olá, gostaria de primeiro agradecer sua colaboração com nossa pesquisa e te assegurar o sigilo de seu nome e identidade. Bem, nosso objetivo é identificar e descrever as HSE de licenciandos com deficiência do curso de biologia compreendendo possíveis influências das famílias desses alunos na construção destas habilidades.**

**E: A qualquer momento você pode desistir da entrevista, fique bem à vontade.**

[Eixo 2: Vida acadêmica]

**E: Quais motivos trouxeram sua aluna com deficiência para a universidade?**

F: Bem, quais os motivos que trouxeram minha aluna para a universidade eu não vou saber responder, por que isso é algo muito pessoal e que eu não tive a oportunidade de ter essa interação com a aluna a ponto de perguntar por que ela escolheu o curso, por que ela veio para a universidade, mas eu acredito, como a maioria de nós, que procura uma formação acadêmica dentro de uma área que tem interesse e que tem afinidade para que possa ter uma profissão, um emprego, uma sustentabilidade futura independente das suas limitações.

**E: Como você avalia a estrutura do curso como um todo? Quais pontos favoráveis ou desfavoráveis para a performance do aluno incluso?**

F: O curso de biologia independente do público alvo que ele se propõem a atingir, de uma forma geral ele é montado numa estrutura de forma a abranger as principais áreas do conhecimento que estão envolvidas na área das ciências biológicas e que possa fornecer

condições para que o aluno possa ter essa visão ampla de todas as áreas, e assim, depois ela possa escolher uma área específica talvez pra se especializar ou para que ele possa seguir a carreira acadêmica de docente, tendo essa visão ampla sobre todas as áreas que compõem a biologia. Então, a grade curricular do curso de biologia, ao meu ver eu acho que fornece esses elementos básicos para que o aluno tenha uma formação adequada. Com relação a questão da inclusão, eu acho que a gente precisa ainda avançar muito, por que muitos de nós não tivemos uma formação acadêmica preparando para esse tipo de situação, por que os alunos com deficiência no passado, é, eles também não eram impedidos logicamente de avançar no curso universitário, mas, mas, não se existia um olhar direcionado para que ele tivesse algum tipo de atendimento especial, eu vejo que na universidade hoje, existe essa preocupação de acompanhamento, no caso específico, da aluna Tétis, que tem deficiência auditiva, ela tem acompanhamento de uma pessoa que enquanto ela presta atenção as aulas a ajudante, que eu não sei exatamente como se chama, que a acompanha, ela vai copiando por que a Tétis ela consegue fazer leitura labial, então se ela para pra anotar ela perde o que está sendo explicado, por que ela não vai acompanhar, né, com a audição, então ela presta atenção e a menina que fica ao seu lado vai fazendo as anotações, então eu tenho visto isso com deficientes visuais também, que foram os dois casos que tive contato aqui no departamento, mas eu sempre vejo que a universidade tem procurado se aprimorar para atender essas necessidades, mas ainda tá um pouquinho longe, até mesmo pela questão do preparo, por causa da formação que nós professores precisamos ter para atender melhor, né, a esses alunos.

**E: Como você avalia sua responsabilidade pelos pontos favoráveis ou desfavoráveis relacionados a performance dos alunos com deficiência?**

F: Eu acho que o professor ele tem assim, no desempenho do aluno na própria disciplina, eu acho que seria quase cinquenta por cento, por cinquenta por cento, né o aluno ele precisa também se esforçar, ele não pode se apoiar na sua deficiência pra tentar justificar mau desempenho, por exemplo na disciplina, mas o professor ele também não pode fechar os olhos, e negar a sua responsabilidade no sentido de adequar a forma de ensino e se preocupar se o aluno realmente o aluno está sendo atingido pela maneira que ele está desempenhando seu papel em sala de aula, por que o próprio nome já diz, que seu aluno tem uma deficiência, e essa deficiência com certeza pode interferir na maneira que ele recebe, né, e o uso daquela metodologia, por exemplo, no caso específico da aluna em questão, ela, eu sei que ela faz leitura labial, então eu preciso me esforçar para não dar as costas pra ela, pra não tá andando pela sala, por que ela não vai conseguir me acompanhar, eu tenho que ter sempre essa



preocupação pelo menos nesse sentido, de ter certeza que eu estou no campo visual dela e que ela tá podendo acompanhar o que eu estou fazendo, então isso é uma responsabilidade minha, então é a minha parcela, então tudo que eu fizer em sala de aula eu tenho a preocupação de olhar pra ela e perguntar se ela tá acompanhando, se ela tá conseguindo entender, por que um desvio de olhar ela já perdeu né, então isso é responsabilidade do professor, mas cabe ao aluno fazer a parte dele e se esforçar pra que eu possa conduzir bem. Então, na minha visão, na questão assim do desempenho do aluno, quanto a apreensão do conhecimento, nesse caso específico do aluno com deficiência, a responsabilidade para que esse ensino seja mais efetivo eu colocaria quase cinquenta por cento pro professor, para que ele possa fazer a parte dele se adequando as condições do aluno e promovendo meios para que ele possa se inteirar ou ter um acesso adequado ao conhecimento que tá sendo passado e a outra parcela, ao meu ver é relacionada ao aluno.

**E: Como os pontos desfavoráveis poderiam ser revistos, melhorados?**

F: Então os pontos desfavoráveis, deveriam ser primeiro categorizados, ou apontados, se o ponto desfavorável ser por exemplo com relação a estrutura da faculdade, então a universidade precisaria criar meios e estrutura física, vamos assim dizer, para que possa atender a necessidade do aluno, que foi o que mais ou menos já havia sido feito, mas pode ser melhorado, então por exemplo, será que o acompanhante do aluno com deficiência auditiva realmente está tomando nota daquilo que ele tomaria se ele estudasse? Será que as anotações estão sendo suficientes? Ou será que está sendo suficiente por que a pessoa que está acompanhando não é da área, as vezes é de uma área completamente diferente? Isso eu não tenho como medir, talvez fosse algo que pudesse ser apontado. Pra uma aluno com deficiência visual, eu sei que tem um departamento que transforma os textos em Braille, as vezes a máquina está quebrada, as vezes não tem gente pra fazer o serviço no momento, mas enfim, se é estrutural, eu acho que tentar apontar os pontos negativos, o estrutural pudesse misturar. Se o ponto negativo é a maneira como o professor, ele tá, é repassando o conhecimento para esse aluno que tem deficiência que ele não está conseguindo enxergar, se a maneira com a que ele está ministrando a aula está atingindo aquele aluno, então no caso, teria que ser apontado e teria que ser feito um tipo de reciclagem que eu acho que é importante para os professores, né, muitos de nós não temos nem formação em licenciatura, eu tenho formação em licenciatura, mas muitos professores não tem, e isso não quer dizer que ele não tenha uma boa didática, ou que ele não dê uma boa aula, mas o que eu estou querendo apontar é que muitas vezes nós não tivemos essa formação voltada para inclusão, para se ter esse olhar de preocupação com o aluno. Então, eu acho que a primeira

coisa é identificar os pontos que são negativos, que aí eu não posso identificar um ponto negativo naquilo que eu não consigo enxergar, né, se for meu como eu vou conseguir melhorar se eu não consigo enxergar que tenho um ponto negativo. Estrutural é mais fácil, de ser apontado, quando você diz, ah! Eu não consigo da um aula prática direito por que eu não tenho material suficiente, eu não tenho estrutura de laboratório suficiente, então aí você está apontando pontos estruturais da universidade que podem ser melhorados com aquisição de material, com verba pra isso, mas quando é pessoal, é preciso as vezes que alguém mostre.

**E: Vamos falar dos pontos fortes e fracos do seu aluno com deficiência:**

**E: O que a motiva a mostrar todo o seu potencial?**

F: Quanto ao pontos fortes do meu aluno, aí eu posso falar um pouco mais sobre a Tétis, ah! Ela é uma menina dedicada, ela não falta a aula, né, as poucas vezes que ela faltou a aula foi por motivo de doença, ou por um motivo maior, então ela não falta, ela é assídua, é um ponto forte, é... ela participa da aula na medida do possível, ela é um pouco tímida, ela participa da aula, eu me disponibilizava para que ela viesse aqui na minha sala para fazer perguntas e algumas vezes ela vaio, tirar alguma dúvida, então ela tem esse ponto forte, ela quer aprender e ela não se apoia na sua deficiência, então em momento nenhum ela quer nenhum benefício por causa da sua deficiência, ela nunca reivindicou nenhum tipo de benefício por isso, pelo contrário, muitas vezes eu tinha que está perguntado pra ela se estava tudo bem, ela dizia sempre “tá tudo certo, tá tudo certo” que era pra não tá, percebe que ela não quer incomodar, ela não quer usar a deficiência como algo que traga benefício, apenas algo que traga algo pra ela, é...

Você perguntou um fraco, eu percebi, infelizmente já foi no final do período, por que ninguém passa isso adiante, então eu tou tentando passar agora para um colega meu, que eu sei que ela está estudando com ele, eu comentei com ele, eu vou reforçar depois, que eu só percebi isso na última avaliação, que ela tem um pouco de dislexia, dislexia, eu não sei se esse seria o nome adequado essa dislexia é que você percebe que se você fizer uma pergunta oral ela te responde ela te explica bem aquilo ali, mas quando ela vai escrever as frases ficam incompletas, é como se ela tivesse pensado algo, mas na hora que ela está escrevendo pula, e fiquei pensando, eu tenho não conhecimento sobre isso, mas eu fiquei pensando será que a maneira que ela consegui ler e na hora de escrever ela descompensa o pensamento, né, por que aí na hora que eu ia corrigir a prova escrita, eu percebia que ela começava e depois se perdia, como se o pensamento não saia completo e aí a questão ficava incompleta, as vezes ficava um pouco sem lógica a organização das palavras e foi quando já na última prova eu resolvi chamá-la e

conversar com ela e perguntar; “olha, isso aqui eu sei que você sabe, por que eu perguntei pra você em sala e você, olhe a maneira como você respondeu aqui, me explique”, e aí ela respondia, foi quando eu percebi que talvez desde a primeira prova, eu poderia deixá-la fazer a prova escrita e quando eu percebesse que tava assim meio sem nexos, eu perguntava via oral, e talvez ela me desse uma resposta mais completa, do que o que ela conseguiu responder, isso é algo que eu não tenho conhecimento, nem científico, nem médico pra falar, mas foi uma observação minha, uma intuição talvez, que a deficiência auditiva pode levar ela a ter uma certa dificuldade, uma confusão na hora de escrever, na hora de colocar os seus pensamentos em palavras. Talvez esse seja um ponto fraco e que se ela, não falar com o professor, “professor olhe, eu tenho uma dificuldade de escrever, então talvez seja melhor o senhor fazer uma prova oral comigo” algo desse tipo, então o professor não vai saber e isso eu acho que é um ponto fraco, e ela pode se prejudicar nisso por que ela não fala, a timidez dela talvez não deixa ela pedir essa, como é que eu posso dizer, essa exceção.

**E: O que a motiva a mostrar todo o seu potencial? Do tempo de convivência de vocês, que você pode observar.**

F: Ela tem grande sede de aprender, ela quer aprender, ela quer fazer as coisas, ela gosta do que ela está fazendo, então eu noto que isso motiva, ela está como observadora, pra não dizer uma estagiária voluntária num laboratório de um colega, do professor Paulo, ela não tem nenhum vínculo com bolsa de pibic, nem nada, mas, ela aceitou ficar assim, só observando o que os outros colegas estão fazendo até que surja a vaga para conseguir o estágio, por que ela quer aprender, eu acho que essa sede de aprender, motiva a cada dia ela está aqui, é tentando superar essas limitações e continuar fazendo o curso.

**E: quais dificuldades a impedem dela mostrar todo o seu potencial?**

F: eu vejo que a timidez e talvez esse sentimento, exatamente, o que eu já falei de não querer reivindicar um direito que ela tem, né, pra não se apoiar na deficiência, então, o fato é que é um ponto positivo, mas digamos assim, ela não quer se apoiar na sua deficiência para reivindicar direitos, mas isso as vezes atrapalha que ela possa progredir mais, que ela fica tímida né, ela fica constrangida, em tá utilizando isso sempre pra ser a porta que vai abrir pra ela, né, então é um ponto forte, é algo positivo que ela vai tentar se superar, mas também atrapalha, quando ela poderia progredir um pouquinho mais, quando ela teria direito de conseguir esses privilégios, né, por conta da situação dela.

**E: o que ela faz ou poderia fazer para mudar essa realidade?**

F: ã... talvez fazer uso do direito que ela tem, não se apoiar necessariamente nisso, no sentido de que ela não se esforce, mas perceber que é importante ela utilizar um direito que ela tem, né de reivindicar essas exceções para que ela possa reivindicar os direitos que ela tem.

**E: o que você acredita que a tornaria uma pessoa ou estudante melhor do que é hoje?**

F: ai essa é pergunta difícil, é uma resposta difícil, o que ela poderia ser uma estudante melhor do que é hoje, eu sei que ela tem dificuldades em casa que a impedem de estudar mais como ela gostaria, então as vezes ela não tem tempo, as vezes ela tem que cuidar, não sei se é de um sobrinha, eu sei que ela tem algumas dificuldades assim, que limita o tempo dela, então se ela tivesse um pouco mais de tempo pra se dedicar aos estudos, com certeza ela teria um desempenho melhor, seria uma aluna melhor do que ela é, não que ela não seja uma boa aluna, mas aí, a gente sabe né, que todo mundo tem que pagar o preço do tempo dedicado a ler a estudar, fazer as atividades e as vezes ela não tem esse tempo, e isso prejudica, então aí é uma questão familiar, eu não sei exatamente, a não ser pelo que ela já me contou e talvez ela se soltar um pouco mais, né, ela tem uma interação boa com os colegas, quem estuda com ela, que convive um pouco mais com ela, eu percebo o carinho que tem com ela, mas ela é tímida ainda, talvez seja pelos problemas que ela tem. Ela tem um problema visual com um olho, talvez ela não enxergue direito, então por exemplo quando ela vai olhar o microscópio, ela utiliza só um olho, ela disse que já foi chamada a atenção, um professor, que eu não sei quem é, seria anti ético, mesmo se eu soubesse citar o nome e que chamou a atenção dela e brigou mesmo, por que ela estava olhando só por um olho, aí ela teve que calmamente pedir ao professor atenção e explicar que aquele outro olho ela não enxerga, então não adiantava colocar os dois no microscópio, na lupa, por que é pior pra ela, então era melhor virar o rosto e colocar só um pra que ela tenha um campo de visão, por que além dela ter uma deficiência auditiva, é tem uma deficiência visual e isso talvez deixe ela mais tímida ainda pra não ter que toda vez tá explicando as deficiências que ela tem, para que o professor possa compreender, abrir exceção e assim facilitar o aprendizado dela, mas mesmo assim é preciso falar, por que se não falar como as pessoas vão adivinhar.

**[Eixo 3- Habilidades socioemocionais]**

**E: tente descrever com base no convívio que você teve com a aluna ao longo da disciplinas algumas situações que eu vou começar a levantar agora:**

**E: Primeira delas, como você vê sua aluna frente as novas experiências?**

F: Ela é curiosa e ela gosta de aprender, uma característica dela é que ela gosta de aprender, então ela vai procurar aprender aquilo, aquela novidade, que ta sendo colocada em sua frente.

**E: Você poderia descrever um momento que isso aconteceu na vida dela?**

F: Aula prática por exemplo, ela era uma das alunas que ia pra frente mesmo da bancada e que botava a mão na massa, pessoalmente na disciplina em que eu ministro, infelizmente agente não tem material individual pra que cada aluno possa fazer todo o seu trabalho, então o que é que eu faço, é de acordo com a quantidade de material que eu tenho eu divido a classe em grupos, e esses grupos podem ser pequenos ou maiores, depende do que já falei da disponibilidade de material, então, quando a gente tem grupos, geralmente dois, três botam a mão na massa, e os outros observam, ela é aquela aluna que põem a mão na massa, então em várias aulas práticas ela tava ali, fazendo e perguntando e anotando, então ela é assim.

**E: Como você a vê quanto à organização?**

F: quanto a organização eu não tenho como falar muita coisa, por que como você avalia a organização, talvez, pela forma como ela se comporta durante uma aula experimental, ou se você fosse olhar anotações no caderno e tal e nesse caso não é ela que escreve, então quanto a organização eu não tenho condições de responder, eu não consegui observar esse aspecto.

**E: e como você a vê quanto a responsabilidade?**

F: ela é responsável. Ela é responsável, como eu falei, ela é assídua, ela é pontual, se ela faltar por algum motivo ela manda recado. Sabe, ela tem direito a faltar, por exemplo, mas ela faz o possível para entrar em contato com um aluno, um colega de trabalho pra explicar por que que faltou, depois ela encontra você no corredor e ela vai te justificar, então ela é uma pessoa muito responsável.

**E: Como é a relação de sua aluna com as outras pessoas, com os outros colegas de classe?**

F: Então, como eu falei, ela tem um bom relacionamento com os alunos que convivem com ela, como ela é tímida, eu não percebo aquela interação com um grupo maior, geralmente são grupos menores, mas as pessoas que convivem com ela que tem mais acesso, geralmente o relacionamento dela com essas pessoas é muito bom, a gente percebe aquela, é... faltou a palavrinha, ã... cumplicidade vamos dizer né.

**E: como ela agi em grupo?**

F: então, em grupo, a única oportunidade que eu tive de vê-la trabalhar em grupo foi em aulas práticas, até por que o semestre que ela estudou comigo a gente teve um prazo muito apertado, por conta, né, da greve, enfim, não deu pra fazer seminários em grupo, como as vezes eu faço em períodos mais folgados, mas nas aulas práticas o trabalho dela em grupo é assim muito bom, normal, interagindo, sempre com a mão na massa, mas conversando observando.

**E: e o relacionamento com os colegas dela em grupo?**

F: Sim, também, então, o relacionamento com os colegas é isso que eu estou dizendo, é sempre com a mão na massa, fazendo as coisas mas, interagindo com os colegas, tem um bom relacionamento com as pessoas que está trabalhando.

**E: como ela agi em situações que fogem ao controle?**

F: eu não teria muito como avaliar, talvez uma situação que foge ao controle seja na hora de uma prova ao meu ver, por que ele se depara com questões que ele não se preparou, que não conseguiu estudar, se for avaliar desse ponto de vista, por exemplo, ela entrava na sala, que aconteceu né, dela tirar nota baixa, na primeira avaliação, por que eu ainda não tinha percebido ainda a maneira de lida com ela, ela simplesmente fazia a prova, tranquilamente, entregava e ia embora, não dava nem um tipo assim, de uma reação mais forte, ou descontrole, nada. E depois ao contrário, ela se justificava, minha prova foi ruim professora, tive uns problemas e não consegui estudar, a deficiência foi minha, e ela se justificava, ela tem controle das emoções, com relação a isso.

**E: o que a deixa insegura?**

F: não sei.

**E: do tempo que você conviveram não apareceu nenhuma situação que pudesse levar a conclusão dessa pergunta?**

F: Insegurança não, talvez eu acho que, se eu for falar de maneira geral, eu acho que, uma coisa que deixa aluno, não só aluno, mas qualquer pessoa insegura, é quando você não tem controle absoluto de uma situação, no caso do conhecimento, né, ela não apresentou nenhum trabalho oral pra mim, mas talvez essa fosse uma situação, se você não conseguisse estudar, não se preparou talvez você se sentisse insegura para realizar aquele trabalho, talvez na hora de uma prova, pelo fato de não ter tido tempo pra estudar, e se preparar adequadamente pode ter feito

ela se sentir insegura, mas isso pra mim é só especulação, por que eu não me deparei com nenhuma situação com ela que ela demonstrasse essa insegurança, que possa responder essa pergunta com propriedade.

**E: quais características definem melhor seu aluno? Diante de tudo que a gente já conversou até agora.**

F: Então, a força de vontade, né, responsabilidade, comprometimento, e como eu poderia expressar, esse sentimento que ela tem de não se apoiar na deficiência para que ela consiga obter êxito. Então esse talvez seja a característica mais forte que ela tenha, dela não se apoiar na sua deficiência e se enforçar pra seguir adiante e obter êxito.

**E: Gostaria de acrescentar mais alguma informação?**

F: não, acho que as perguntas elas foram bem abrangentes e de pra falar bastante em relação a aluno com deficiência, e falar bastante sobre ela. Eu gostaria sinceramente, que, é... uma vez que eu sei que a universidade tem recursos como libras, por exemplo, pra quem quiser, não só pra discentes, e oferta assim também alguns auxílios para que o professor possa utilizar pra ajudar, nessa questão da divulgação do aluno com deficiência, pra que talvez tivesse uma divulgação melhor e mais claras, mas simples e direta, entre os professores, pra que a gente pudesse tá melhor preparado para receber esses alunos, muitas vezes, não é dizendo que não haja, mas com aquela ênfase em motivar, pra que você realmente possa fazer algo. E muitas vezes quando você recebe uma notificação é assim, mais ou menos: “olha, nesse período (risos), você vai ter um aluno com tal deficiência”, aí indica que tem um departamento pra ajudar, mas talvez essa preparação fosse mais eficaz se fosse prévia né, com bastante antecedência pra que pudesse ir ajudando o professor, mas eu acho que isso vai acontecer em algum momento por que hoje eu vejo uma preocupação maior com essa questão da inclusão, do que se via no passado, então a medida que vai se diagnosticar os pontos que precisam melhorar, então grupos responsáveis por essa área vai se mobilizar e vai propondo ações para melhorar e minimizar as falhas, os erros e preparar melhor o corpo docente para esse tipo de atividade, de ação.

**E: Obrigada professora pela sua colaboração! Com certeza suas colocações serão muito valiosas para a pesquisa!**

#### **Entrevista 4 – Intérprete de LIBRAS (Têmis)**

[E: entrevistadora; T: Têmis)

**E: Olá, gostaria de primeiro agradecer sua colaboração com nossa pesquisa e te assegurar o sigilo de seu nome e identidade. Bem, nosso objetivo é identificar e descrever as HSE de licenciandos com deficiência do curso de biologia compreendendo possíveis influências das famílias desses alunos na construção destas habilidades.**

**E: A qualquer momento você pode desistir da entrevista, fique bem à vontade.**

[Eixo 2: Vida acadêmica]

**E: Quais motivos trouxeram Tétis para a entrada a universidade?**

T: Então... eu conheci Tétis na universidade né.. por que teve o processo seletivo, aí eu passei, aí disseram ‘ói, você vai ficar com a aluna Tétis, do curso de biologia’, foi encontrar com ela antes de começar as aulas, pra poder socializar primeiro, e depois descobrir que ela não era surda, tentei falar em LIBRAS aí ela pegou e oralizou, aí ficamos conversando um bom tempo e ela me falou: ‘olhe Têmis, eu fiz de tudo para entrar na faculdade mas assim, meu sonho era fazer medicina, mas como eu vi que era muito difícil eu optei pela biologia, por que é uma área que eu também gosto, mas futuramente penso em fazer medicina.

**E: Como você avalia a estrutura do curso como um todo? Quais os pontos favoráveis ou desfavoráveis para a performance dos alunos inclusos?**

T: Ói, o curso é um curso muito bom, né?! Eu cheguei, ela já estava no primeiro período e já tava quase na metade, já peguei no decorrer do curso. Então... favoráveis é que eu observei que tem estrutura assim né.. tem laboratórios e tudo pra os alunos poderem aprender melhor, agora assim, falando de Tétis né, pra ela a sorte foi ter tido um intérprete, né junto dela, porque quando ela tava sem intérprete ela tava assim, totalmente sem, sem... saber o que fazer, a sorte é que ela tem uma amiga. E no caso os desfavoráveis é assim, em ter tido alguns colegas que excluía ela, pela deficiência e também alguns professores também, eu senti também que ficam meio assim, agora outros não, que segurava a barra e ajudava mesmo a menina, a aluna.

**E: como você avalia sua responsabilidade como intérprete pelos pontos favoráveis e desfavoráveis relacionados à performance de Tétis?**



T: Então, eu assim, fiz de tudo, assim, ajudei ela de uma forma e de outra, como ela não sabia LIBRAS, eu tentei fazer de outra forma, então eu oralizava, quando o professor estava de costas eu tinha que ta falando, né, e eu percebia que tinha alguns professores que não se sentiam bem, mas o meu papel era aquela, assim, tanto oralizava, quanto copiava as coisas, algumas explicações, foi o que também ajudou muito a ela.

**E: você falou que ela não sabia LIBRAS, mas você chegou a dar pelo menos o básico a ela pra ela ter uma noção?**

T: Então.. eu disse: ‘Tétis, vamos ver se a gente marca, assim, fora do horário de aula, assim, alguns sinais pra eu ir te ensinando e pra você, pelo menos o básico do básico. Aí ela me disse: ‘olhe Têmis eu penso em depois fazer um curso de LIBRAS’. Mas assim, ficou só nesse fazer, a gente marcou algumas vezes, mas não concluímos.

**E: Ela continuou oralizando e fazendo leitura labial, ela fazia?**

T: sim, ela fazia leitura labial.

**E: como os pontos desfavoráveis poderiam ser revistos ou melhorados?**

T: assim, creio com reuniões da própria, não sei da reitoria, mas assim, parece que se não me engano é o DAIN, né... se chegassem lá. Eu soube que ela foi várias vezes lá conversar, mas infelizmente ficou do mesmo jeito.

**E: mais ou menos conversar sobre o que?**

T: assim, pra falar com alguns professores né, mas mostrar mais ou menos a realidade do aluno, que tem alguns que assim, como trabalhou com alguns alunos deficientes, eles entendiam, mas tem outros que não. Na minha opinião eu achava que deveria ter uma reunião antes, né com todos os professores, no caso, de biologia, pra poder falar a situação, assim tinha muitos que ficavam assim voando, eu acompanhando ela como se não tivesse ninguém, aí eu achava que deveria ter uma reunião antes.

**E: vamos falar sobre os pontos fortes e fracos de Tétis: Quais são seus pontos fortes e fracos?**

T: olhe, Tétis, é uma pessoa muito esforçada né, o tempo que passei com ela, ela é muito esforçada, mas também assim, eu ficava muito no pé dela, tinha momentos que ela dizia: ‘Têmis não vou conseguir, os colegas não querem fazer grupo comigo’, só tem uma colega que

ficava sempre com ela, e eu sempre dava apoio: ‘não Tétis, você é esforçada, você vai conseguir, né. E o fraco é que as vezes ela se sentia excluída pela deficiência dela né, que além da deficiência auditiva ela também tem um problema na visão, que ela só enxerga de um olho e também ela tinha vergonha né, e eu sempre conversando com ela para ela não ficar daquele jeito.

**E: o que a motiva a mostrar todo o seu potencial?**

T: então, como eu havia dito, ela é uma pessoa muito esforçada e o sonho dela era fazer medicina, mas ela ta fazendo biologia e ta amando o curso, né, no início ela ficou meio assim, mas depois começou a gostar do curso.

**E: quais dificuldades impedem Tétis de mostrar todo o seu potencial?**

T: então, eu creio que seja um pouco a vergonha, né do que o outro vai ta falando né, que teve momentos que eu acompanhei, ela ficava explicando, tinha seminário, ela fazendo a parte dela e tinha pessoas que ficavam rindo dela, entendeu, aí depois ela me falava, mas eu sempre assim, conversando com ela pra ela não ligar, porque ela era capaz, se ela entrou na faculdade é porque ela era capaz.

**E: então você percebeu ao longo da sua caminhada com ela um pouco de rejeição da turma?**

T: sim, com alguns alunos, alguns alunos.

**E: o que você observou que ela faz ou poderia fazer para mudar essa realidade?**

T: assim, na minha opinião eu creio que ela deveria levantar a cabeça e seguir em frente, não ligar para o que as pessoas falam né, porque assim, todo mundo tem seus defeitos né, mas ela deveria seguir em frente e pronto.

**E: o que você acredita que a tornaria Tétis, uma pessoa, uma estudante melhor do que é hoje?**

T: eu acredito que assim, referente também a família né, na verdade a mãe queria que ela fizesse medicina, como ela não conseguiu aí ela fez a biologia, mas creio que futuramente ela realize o sonho do mãe, que na verdade era a mãe que queria, mas ela é capaz porque ela é uma menina muito esforçada, e eu acredito muito nela!

**E: Diante do que você vivenciou com ela das experiências que você observou ao longo do tempo como intérprete de Teís, eu vou dizer algumas situações e você vai me dizer como ela se posiciona frente a essas situações:**

**Como você vê Tétis frente as novas experiências?**

T: Assim, no período de tempo que trabalhei com ela, antes ela era mais retraída, ela ficava com aquele medo, eu conversando com ela também, e eu percebi que ela começou a mudar, começou a falar mais, por que antes ela era um pouco retraída, aí depois ela falou: ‘Têmis, agora eu estou mais, assim depois que você começou a me acompanhar eu estou me sentindo assim mais, assim, mais aberta pra isso e aquilo, agora eu estou me desenvolvendo melhor’, e realmente, até os colegas dela tavam falando: ‘Tétis você, tá mais assim, mais extrovertida’, e foi isso.

**E: você poderia descrever um momento que isso aconteceu? Você lembra?**

T: Então, foi um momento que teve, se não me engano foi numa confraternização, acho que foi, não sei, parece que um professor ia mudar de faculdade, outra UFS, não sei se era Itabaiana, era Itabaiana! Aí fizeram a confraternização, aí o professor mandou cada um falar se não me engano, aí ela começou a explanar, aí tinha pessoas que começaram a olhar pra ela assim, como se dissesse: ‘oxente Tétis desse jeito!’ uma coisa que ela era assim bem retraída e agora tá mais... aí pronto, ela começou a falar e eu percebi pessoas falando, e outra coisa, depois disso que o pessoal, que ela começou a coisar mais, e eu acompanhando ela eu percebi que algumas pessoas que falavam, assim, dela, começaram a se aproximar mais, entendeu? Como ela se abriu mais, porque ela era muito retraída, aí o pessoal ficava discriminando, aí depois as pessoas, alguns, começaram a se aproximar dela.

**E: como você vê Tétis frente a organização?**

T: ah, muito organizada! Muito organizada! Ali é fora de série, tudo que ela faz é tudo perfeito.

**E: e quanto a responsabilidade?**

T: Também, é muito responsável, não tem o que falar não.

**E: você poderia dá um exemplo prático, que você vivenciou com ela essa situação?**

T: teve um momento que teve um seminário, aí o pessoal, era uns quatro se não me engano, aí parece que um faltou, aí o outro, dizia, ‘eu não trouxe’, ‘eu não trouxe’, aí eu disse: ‘Tétis você

vá!, Vá Tétis você é capaz!', aí ela: 'não Têmis! Todo mundo vai mangar de mim!', aí eu: 'não, vá, que você vai conseguir!', pois ela foi explicou, fizeram perguntas, ainda ficou meio assim, mas conseguiu, aí eu disse: 'tá vendo que você é capaz!'. Aí por isso ela fala: 'Têmis que bom que você foi me incentivando assim, dando apoio.'

**E: Ela fala isso pra você?**

T: assim, quando eu trabalhei com ela, mas até hoje de vez em quando a gente conversa.

**E: então vocês ainda mantêm o contato?**

T: Sim, sim, mantêm. Assim, ela ficou minha amiguinha, ela.

**E: como é a relação de Tétis com as outras pessoas, os colegas de classe? Alguma coisa você já me falou, mas o que você poderia acrescentar nesse sentindo?**

T: Eu observei que a única pessoa que ficou com ela foi uma colega nossa, que até hoje eu tenho contato com ela, que foi a única que viu a discriminação que o pessoal tinha, que essa foi, que deu o maior apoio a ela, e que até hoje as duas vivem juntas.

**E: também estudante né?**

T: é! Também estudante de biologia, na mesma sala, assim pegou algumas disciplinas né, mas continuam amigas.

**E: e os demais?**

T: eles falam oi oi, mas não é aquele vínculo quanto essa colega não!

**E: como ela agi em grupo?**

T: assim, em grupo quando trabalhou em equipe, eu observava assim algumas disciplinas muitos excluía, eu que perguntava: 'e Tétis, vai fazer o que?', tinha outros que diziam: 'não Têmis, mande ela fazer isso e isso', mas assim ela tentava fazer no máximo participar, mas eu percebia que o que ela falava muitas pessoas não davam atenção, mas em outros grupos, em outras disciplinas, quando ela tentava socializar aceitavam, entendeu, era assim, entendeu?

**E: você pode citar assim algum momento específico? Disso que você acabou de me dizer? Dessa questão em grupo?**

T: Então, teve um momento que ela pegou e começou a dar a opinião dela e ninguém deu ouvidos, aí ela: ‘Têmis, ninguém tá me dando ouvido, aí como é que eu posso?’, aí eu disse: ‘não minha filha, mesmo assim você fale, por que você tem que participar, por que o professor está observando, aí ela ainda tentava falar assim.

**E: como se quisesse ignorar?**

T: isso! Essa é a palavra certa! Aí um ou outro é que ouvia assim, mas no papel não colocava as opiniões dela, assim pra mim era frustrante, eu não vou negar não, que eu observava e tinha vontade até em falar, mas o meu papel não é esse, né? O meu papel, como é acompanhá-la, eu só estou ali pra observar, e tentar assim ajudar né, na fala, alguma coisa assim que ela precise, mas existia sim discriminação!

**E: como ela agi em situações que fogem ao controle dela?**

T: olhe, na verdade, deixa ver se eu lembro de algum, que já fugiu, acho que só uma vez ou duas, por que Tétis é muito na dela, ela não é assim de tá discutindo, não é de tá, assim que ela ficava ali, mas também ela chegava assim pra pessoal depois e conversava, mas ela não era de tá, assim sabe, gritando, explosiva, ela era na dela.

**E: e essas duas vezes que você presenciou alguma coisa que ela fugiu do controle, você pode citar?**

T: assim, foi referente ao namoro, assim foi só com o namorado.

**E: não foi com ninguém da sala não?**

T: não

**E: e o que a deixa insegura?**

T: eu acho que o que a deixa insegura é ela tentar se expor e sei lá a pessoa não... ignorar né, talvez seja isso.

**E: quais características definiriam melhor Tétis?**

T: Tétis, assim é uma pessoa muito responsável, amiga, né, boa filha, por que a mãe e os pais elogiam muito ela e muito esforçada, esforçada mesmo.

**E: agora vou fazer uma pergunta particular pra Têmis, o que lhe motivou a entender LIBRAS e a trabalhar com LIBRAS?**

T: sim, primeiro, assim na verdade eu tava andando e vi o pessoal mexer as mãos e fiquei sem saber o que era, aí perguntei: ‘fulano o que é aquilo?’, aí reponderam: ‘não é doidinho, são doidinhos’, e depois eu comecei a perceber e outra pessoa me disse: ‘não, é a LIBRAS’, aí me formei, eu sou formada em Letras português, aí tentei arrumar um emprego, aí uma tia minha disse: ‘Têmis, traga seu currículo que eu vou ver se coloco no Ipaese, você quer trabalhar?’, eu disse: ‘quero!’, no outro dia ligaram pra mim e eu fui lá, aí a diretora disse: ‘você sabe a LIBRAS Têmis?’, eu disse: ‘eu só sei o ABC’, aí ela ‘pronto, faça o curso de LIBRAS que você vai trabalhar conosco’, aí eu fiz o curso de LIBRAS, fiz logo os dois de uma vez, fiquei como voluntária e depois me contrataram, pronto dali em diante já tem nove anos que trabalho, que eu sou intérprete de LIBRAS, e assim, é uma coisa que eu faço que amo de paixão.

**E: Você não tem ninguém na família, que era surdo?**

T: não, não, não. Porque assim eu via o pessoal no mercadinho, e eu tinha vontade de aprender aquilo, que eu foi saber que era LIBRAS, não é nada de gesto, aí pronto! Mas na minha família não tem ninguém não.

**E: gostaria de acrescentar mais alguma informação?**

T: não, assim, só dizer que pra mim foi um, ter trabalhado com Tétis foi um desafio, por que como não era LIBRAS, era pra oralizar, aí eu cheguei em pensei ‘Meu Deus me dai, assim, discernimento, por que como é que eu posso trabalhar com a menina’, aí pronto eu fui começando a trabalhar daquela forma, ela gostou e tinha outra colega também na UFS que trabalhava dessa mesma maneira, que a menina também oralizava, agora essa sabia LIBRAS, mas ela não queria LIBRAS, só queria oralizar.

**E: e como era mais ou menos a maneira que você trabalhava com ela? Você podia detalhar?**

T: então, eu trabalhava dessa maneira, tanto oralizando, e quanto também com o professor falando e eu copiava as explicações, aí assim, ajudou muito Tétis. E creio que eu fiz um papel assim, muito importante, assim acho que ajudei bastante.

**E: e ajudou bastante a mim também! Muito obrigada pela sua participação, suas informações estão sendo muito valiosas pra gente e a intenção é não parar por aqui, dá**

**continuidade a esse trabalho e a chegar a pedir melhorias né, pra inclusão dos alunos com deficiência no curso de Biologia. Obrigada!**